UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

SONIA MARIA DA SILVA FUHRMANN

**DOS “ESSAIS DE MICHEL DE MONTAIGNE”:
TRADUÇÃO E REFORMULAÇÃO**

São Paulo
2011

SONIA MARIA DA SILVA FUHRMANN

Dos “Essais de Michel de Montaigne”:
tradução e reformulação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tokiko Ishihara
“De acordo”

Versão corrigida.

São Paulo
2011

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Fuhrmann, Sonia Maria da Silva

Dos “Essais de Michel de Montaigne” : tradução e reformulação / Sonia Maria da Silva Fuhrmann ; orientadora Tokiko Ishihara. – São Paulo, 2011. 145 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Letras.

1. Literatura - ensaios. 2. Tradução. 3. Filosofia do renascimento – França. 4. Filosofia moderna - França. 5. Montaigne, Michel de, 1533-1592. I. Título. II. Ishihara, Tokiko.

CDD 189.9
194.92

Nome: FUHRMANN, Sonia Maria da Silva

Título: Dos “Essais de Michel de Montaigne”: tradução e reformulação.

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a obtenção do
título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.
Julgamento

Instituição
Assinatura

Prof. Dr.
Julgamento

Instituição
Assinatura

Prof. Dr.
Julgamento

Instituição
Assinatura

Ao Celso, meu companheiro e cúmplice nesta passagem que é a vida;

Ao Juarez e ao Theron, meus filhos;

À Mimi e ao José Bento (*in memoriam*), meus pais.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Tokiko Ishihara por ter recebido meu projeto de pesquisa, pela convivência e atenção durante esses anos de trabalho, por sua paciência e competência, sempre apoiando suas discussões no rigor científico. Agradeço, sobretudo, suas correções atentas e criteriosas.

À Prof^a Dr^a Regina Salgado Costa pela generosa participação no exame de qualificação, pela clareza do pensamento, por compartilhar seus conhecimentos e pela simpatia com que acolheu a ideia da dissertação.

Ao Prof. Dr. Alain Mouzat por participar do exame de qualificação com sugestões preciosas que contribuíram para reflexões e aprofundamentos das análises.

Aos docentes dos cursos do Programa de Pós-Graduação da FFLCH USP, pela dedicação e carinho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho.

On ne devrait jamais oublier que la langue, en raison de l'infinie capacité générative, mais aussi *originnaire*, au sens de Kant, que lui confère son pouvoir de produire à l'existence en produisant la représentation collectivement reconnue, et ainsi réalisée, de l'existence, est sans doute le support par excellence du rêve de pouvoir absolu.

Pierre Bourdieu, **Ce que parler veut dire**, 1982, p. 21.

RESUMO

Fuhrmann, S. M. S. *Dos “Essais de Michel de Montaigne”: tradução e reformulação*. 2011. 145f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A tradução de Sérgio Milliet dos *Essais de Michel de Montaigne* para o português brasileiro envolve um trabalho de leitura, interpretação e escritura em várias frentes: estilística, retórica, linguística, antropológica, histórica, etc. O objetivo deste trabalho é identificar como foram traduzidos os pontos de inflexão nos quais os discursos do Outro aparecem no de Montaigne. O fio condutor do estudo pelo texto montaigneano representado pelo o paratexto – páginas de rosto, prefácios e notas das edições francesas e das edições usadas na tradução – leva, em torno da noção de reformulação, às heterogeneidades enunciativas e à tradução da escritura. O percurso traçado faz com que a reformulação, no sentido amplo da comunicação, seja pensada como uma noção operatória na abordagem de questões discursivas. O princípio que norteia o trabalho é baseado numa análise do discurso que considera o interdiscurso como origem de todo discurso e a heterogeneidade enunciativa como constitutiva da linguagem. Assim, a leitura/interpretação dos capítulos leva em conta a maneira como alguns traços da heterogeneidade – a citação e a ironia – se realizam na escritura do texto de Montaigne e nas traduções. A partir da observação empírica das traduções em francês ‘moderno’ e em português brasileiro, nota-se que esses traços, diferentemente reformulados, trazem para dentro dos novos textos características que podem ser atribuídas às representações, sociais e individuais, dos próprios tradutores.

Palavras chave: Montaigne, Ensaaios, Reformulação, Heterogeneidades, Tradução.

ABSTRACT

The Brazilian Portuguese translation of the *Essais de Michel de Montaigne* by Sérgio Milliet involves an effort of reading, interpretation and writing in many ways: stylistic, rhetoric, linguistic, anthropological, historical, etc. This work aims at the identification of how those points of inflexion in which the Other's discourse shows up in Montaigne's discourse were translated. The paratextual title pages, prefaces and notes of the French editions were the connecting thread through Montaigne's texts to the enunciative heterogeneities and to the translation. The reformulation is, in the broad sense of communication, an operating notion in the approach of discourses questions. The research is based on the discourse analysis, which considers the interdiscourse as the origin of all discourse and the heterogeneity as a constructive element of language. The reading/interpretation of chapters takes into account the heterogeneities – citation and irony – that appear in Montaigne's writing and in the translations. From the empirical observation of translations to “modern French” and to Brazilian Portuguese we noticed that these features, formulated in a different way, bring to the new texts some characteristics that may be imputed to the social and individual representations of the translators themselves.

Words key: Montaigne, Essays, Reformulation, Heterogeneities, Translation.

RÉSUMÉ

La traduction de Sérgio Milliet des *Essais de Michel de Montaigne* en Portugais brésilien implique un travail de lecture, interprétation et écriture dans différentes directions: stylistique, rhétorique, linguistique, anthropologique, historique, etc. Ce travail se donne comme objectif l'identification, dans les textes d'origine et dans les traductions, des points d'inflexion où les discours de l'Autre émerge dans le discours de Montaigne. Le fil conducteur représenté par le paratexte – les pages de titre, les préfaces et les notes des éditions françaises et de celles utilisées dans la traduction – a guidé l'étude à travers le texte de Montaigne, autour de la notion de reformulation, jusqu'aux hétérogénéités énonciatives et à la traduction de l'écriture. Le parcours amène à considérer la reformulation, au sens de la communication, comme une notion opératoire pour une approche des questions discursives. Le travail est orienté par une analyse du discours qui considère que l'interdiscours est à l'origine du discours et que l'hétérogénéité énonciative est constitutive du langage. La lecture/interprétation des chapitres prend en compte la manière dont des traces de l'hétérogénéité – la citation et l'ironie – se réalisent dans l'écriture de Montaigne et dans les traductions en français « moderne » et en portugais brésilien. Il est à noter que ces traces, différemment reformulées, apportent aux nouveaux textes des caractéristiques qui peuvent être attribuées aux représentations individuelles et sociales des traducteurs eux-mêmes.

Mots clé : Montaigne, Essais, Reformulation, Hétérogénéités, Traduction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – <i>ESSAIS DE MICHEL DE MONTAIGNE</i>	15
1.1. <i>Essais</i>	15
1.1.1. O fio do ensaio	18
1.1.2. O livro: “modelo espacial de escritura”	44
CAPÍTULO 2 – AS EDIÇÕES FRANCESAS USADAS NAS TRADUÇÕES	50
2.1. A edição ‘Villey – Saulnier’	50
2.2. A edição Thibaudet	54
2.3. A “tradução” Michaud	57
CAPÍTULO 3 - AS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO	64
3.1. A tradução de Sérgio Milliet	65
3.2. A tradução de José Maria de Toledo Malta	70
3.3. A tradução de Rosemary Costhek Abílio	73
CAPÍTULO 4 – EM TORNO DA NOÇÃO DE REFORMULAÇÃO	78
4.1. A noção de reformulação	80
4.1.1. A citação	86
4.1.2. A ironia	88
4.2. Usando a reformulação para compreender a tradução	91
CAPÍTULO 5 – A TRADUÇÃO DA ESCRITURA	97
5.1. Aproximações do texto	98
5.2. Uma análise da tradução: quando a língua importa	99
5.2.1. O prólogo	100
5.2.2. Que filosofar é aprender a morrer.	104
5.2.3. Da educação das crianças.	117
5.2.4. Da amizade	124
5.2.5. Dos canibais	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
BIBLIOGRAFIA	141

INTRODUÇÃO

L'intersubjectivité a [...] sa temporalité, ses termes, ses dimensions. Là se reflète dans la langue l'expérience d'une relation primordiale, constante, indéfiniment réversible, entre le parlant et son partenaire. En dernière analyse, c'est toujours à l'acte de parole dans le procès de l'échange que renvoi l'expérience humaine inscrite dans le langage. BENVENISTE, 1974, p. 78

O homem faz um reinventar constante de si mesmo e do mundo através do discurso: faz sua própria representação e a do outro deixando a marca em textos orais e escritos. Se for verdade que o homem inventa o discurso e a representação do discurso, é a língua que produz suas existências. A comunicação a torna objetiva, por meio das interações linguísticas que se estabelecem nas relações sociais. A tradução, sob esse ponto de vista, é de certa forma a representação de um discurso numa determinada língua re-presentado numa outra.

O objeto de estudo deste trabalho resulta da observação da tradução para o português brasileiro de Sérgio Milliet de 1961 dos *Essais de Michel de Montaigne*, Livro I¹, e as duas edições francesas usadas para compor sua tradução: a de Thibaudet de 1937² e a de Michaud de 1907³. A partir dessa observação interessou-nos identificar os pontos de inflexão nos quais o discurso do Outro aparece mostrado e marcado no texto montaigneano e como foram traduzidos.

¹ MONTAIGNE, M. **Ensaio**. Livro I. Tradução, prefácio e notas linguísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1961.

² MONTAIGNE, M. **Essais de Michel de Montaigne**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Bruges: Éditions de la Nouvelle Revue Française, Bibliothèque de la Pléiade, 1937.

³ MONTAIGNE, M. **Essais de Montaigne**. Texte original accompagné de la traduction en langue de nos jours par le Général Michaud. VI. Paris: Librairie Firmin-Didot, 1907. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/essaisdemontaign01mont#page/>>. Acesso em: 17 Nov 2009.

A importância de Montaigne para a constituição do pensamento ocidental e para os questionamentos da sociedade contemporânea é inegável. Assim, os estudos sobre sua obra merecem a atenção de todos profissionais envolvidos com a produção e difusão de conhecimentos científicos, técnicos, filosóficos, artísticos, etc.

As leituras do livro I dos *Essais de Michel de Montaigne* nos mostraram as dificuldades impostas aos tradutores de sua obra. Imaginamos que elas existiriam provavelmente para todos eles, independentemente da língua e do período em que a tradução foi feita. Diante disso, decidimos fazer como nosso autor: interrogar e buscar respostas. A dúvida nos levou a questionar as diferenças nas traduções e o próprio processo tradutório.

Ao abordar um texto como os *Essais de Michel de Montaigne*, é preciso fazê-lo com cautela. A questão da dimensão da obra não deve ser negligenciada. Ela nos mantém dentro de um estrito bom senso. De fato, a especificidade dessa escritura⁴ se deve a uma série de razões: a distância temporal com o século XVI, a língua de Montaigne, as representações e a cultura que nos inserem diferentemente no mundo, para citar as principais. Muitos são os fatores a serem interpretados quando se deseja compreender um sujeito tão rico.

No presente trabalho, interessou-nos mostrar que na tradução, a reformulação do discurso do Outro permite que o extralinguístico faça um retorno sobre o dito, como uma espécie comentário, que mostra, em formas (lexicais, sintáticas, semânticas), a intervenção do tradutor no texto de origem, ou seja, uma nova enunciação.

⁴ Entendemos escrita e escritura como sinônimas. No entanto, usamos a noção de escritura literária proposta por Barthes (1953, 1972, p. 15-16): “[...] Placée au cœur de la problématique littéraire, qui ne commence qu’avec elle, l’écriture est donc essentiellement la morale de la forme, c’est le choix de l’aire sociale au sein de laquelle l’écrivain décide de situer la Nature de son langage. [...] l’écriture reste encore pleine de souvenir de ses usages antérieures, car le langage n’est jamais innocent: les mots ont une mémoire seconde qui se prolonge mystérieusement au milieu des significations nouvelles.

Como nossa proposta visa a tradução para o português brasileiro de capítulos que compõem o livro I dos *Essais de Michel de Montaigne*, iniciamos a busca do exemplar traduzido. Insistimos em encontrar um exemplar da Editora Globo, a primeira a editar o livro em português brasileiro. Os sebos nos ajudaram. Duas outras traduções serviram como textos para comparação: a tradução de José Maria de Toledo Malta de 1961⁵ e a de Rosemary Costhek Abílio de 2000⁶.

Mais urgente para o nosso trabalho de pesquisa era entrar em contato com os *Essais de Michel de Montaigne* nas edições francesas mais antigas. O caminho mais simples seria a partir de sua leitura. Percebemos então que a própria escolha de um possível texto de origem passava pelo percurso cronológico das edições da obra cujo ponto de partida estava bem datado: 1580, ano da primeira edição. O acesso a esse material demandou um trabalho de pesquisa na Internet, já que não tínhamos acesso às bibliotecas em que a obra, nas diferentes edições, está disponível para consulta. Tomadas as precauções para garantir a qualidade e pertinência dos sítios, a pesquisa mostrou seus frutos. Assim, através de alguns deles, como o da Bibliothèque Nationale de France-Gallica (<http://gallica.bnf.fr/>), Archive (<http://www.archive.org/>), Google (<http://books.google.com.br/>), tivemos acesso a edições antigas do texto montaigneano. Essa primeira etapa nos levou diretamente a uma das fontes usadas por Milliet para sua tradução o que foi providencial, pois possibilitou visualizá-las e arquivá-las. A descoberta dessa tradução ‘para o francês moderno’ foi sem dúvida estimulante, uma vez que permitiu repensar algumas passagens do texto traduzido por Milliet que, anteriormente, só eram vistas pelos críticos como erro ou “deslize”. Dentro dos limites

⁵ MONTAIGNE, M. **Seleta dos Ensaios de Montaigne**. Tradução de José Maria de Toledo Malta. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1961.

⁶ MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**. Livro I. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

da tradução, o ‘erro’ é atribuído às escolhas do tradutor que são dependentes do processo (ações lógicas que visam um objetivo e as orientam), do contexto e do cotexto, como também estão sujeitas às imposições e determinações do autor, do editor, do público. Essas decisões aparecem então como resultantes de uma atividade que comporta riscos, custos, benefícios, limitações e muitas alternativas, em suma, a tradução não é exclusivamente atividade linguageira.

A noção de reformulação, no sentido amplo, permitiu inicialmente a aproximação do texto montaigneano pelo aspecto imediatamente visível de um elemento paratextual: a página de rosto das diversas edições dos *Essais de Michel de Montaigne* de 1580 a 2004. É disso que trata o capítulo 1. A partir desse levantamento não exaustivo, as diferentes páginas de rosto nos levaram a uma reflexão sobre o que pode ser considerada uma reformulação e suas implicações: as variações impostas ao título da obra. Esse é o fio condutor dessa primeira abordagem do texto montaigneano, na qual os aspectos biográficos e históricos foram deixados para discussões posteriores, embora alguns deles sejam eventualmente evocados para assinalar um contexto histórico-social pertinente para a compreensão das ideias veiculadas.

No capítulo 2, analisamos parcialmente as edições francesas usadas nas traduções. Notamos a existência de importante paratexto⁷ (prefácios, notas de rodapé, comentários explicativos, introduções de capítulos, etc.) que passam a reivindicar uma existência ‘quase’ própria em relação ao texto, pois se dizem necessários à compreensão do discurso e do texto de Montaigne.

⁷ Utilizamos a noção proposta por Genette (1982, p.10) segundo a qual o paratexto corresponde a : “titre, sous-titre, intertitres, préfaces, postfaces, avertissements, avant-propos, etc.; notes marginales, infrapaginales, épigraphes, illustrations; prière d’insérer, bande, jaquette et bien d’autres types de signaux accessoires, autographes ou allographes, qui procurent au texte un entourage (variable) et parfois un commentaire, officiel ou officieux, dont le lecteur le plus puriste et le moins porté à l’érudition externe ne peut pas toujours disposer aussi facilement qu’il le voudrait et le prétend.”

As traduções para o português brasileiro de Sérgio Milliet, de José Maria de Toledo Malta e de Rosemary Costhek Abílio são abordadas no capítulo 3. A descrição não exaustiva das obras nos permite localizá-las no tempo e encontrar algumas motivações para sua existência.

No capítulo 4, procuramos especificar a noção de reformulação e as operações envolvidas. Recorremos aos estudos sobre o interdiscurso⁸ e o intertexto⁹ e, principalmente aqueles sobre as heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz, 1984) que nos permitem perceber, em termos tanto intratextuais como intertextuais, de que modo e quando a reformulação ocorre e os recursos que utiliza. Duas heterogeneidades enunciativas nos interessaram particularmente: a citação e a ironia. Por fim, a noção de reformulação permite perceber a tradução como uma escritura dependente de outra, em língua estrangeira, que a antecede.

A tradução da escritura é abordada no capítulo 5. Sérgio Milliet usou, como assinalado anteriormente, dois textos concomitantemente para compor sua tradução: a edição de Thibaudet e a de Michaud que colocadas lado a lado permitem a análise comparativa. Ao mesmo tempo, usamos as traduções de Toledo Malta e de Costhek Abílio com o intuito de cotejá-las com a de Milliet. Essa aproximação das escrituras é uma reflexão sobre o processo tradutório e não deve ser vista como uma crítica ou como um juízo de valor das traduções aqui comentadas.

⁸ De modo amplo, Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 286) definem interdiscurso como “o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita.”

⁹ Intertexto aqui compreendido como a presença de um texto em outro. (Genette, 1982, p. 8).

CAPÍTULO 1 – *ESSAIS DE MICHEL DE MONTAIGNE*

Neste primeiro capítulo pretendemos mostrar em que medida um ‘percurso pelas edições’ dos *Essais de Michel Montaigne* permite que percebamos a reformulação como podendo explicar o desenvolvimento da escritura no tempo. Isso deve possibilitar que se coloque em evidência a importância dos estudos da reformulação tanto no plano das estruturas discursivas (gêneros, relações do texto com o paratexto, por exemplo) como nas relações internas ao texto.

1.1. *Essais*¹⁰

Ensaio, conforme o dicionário Houaiss da língua portuguesa, do latim *exagium*, ‘ato de pensar’, por extensão, ‘ponderar’, ‘avaliar’; segundo Corominas, tanto o grego *egkságion* quanto o latim tardio, já apresentam o significado de ‘prova’, tendo ocorrido paralelamente o desdobramento das acepções ligadas a ‘comprovação’ e à ‘tentativa’; a acepção literária resulta desse desdobramento.

No Dicionário de termos literários, Moisés (2004, p. 146,148) assim se refere a ensaio:

[...] designa um espécime literário de contorno indefinível. Como o próprio rótulo evidencia, torna-se praticamente impossível estabelecer com rigorosa precisão os limites do ensaio. [...] Montaigne foi quem criou o ensaio e sua denominação ao batizar seus escritos de *Essais*, [...] Primeiro de tudo, o ensaio pertence ao gênero da prosa, na vertente didática, mas pode ser expresso em versos, uma vez que a distinção entre os gêneros não se baseia nos recursos formais empregados. [...] Tomando por base as reflexões do moralista francês, pode-se assentar que o ensaio se caracteriza pelo “autoexercício da razão que – por isso mesmo que repele toda e qualquer

¹⁰ Para as edições de 1580, 1588 e 1595 e 1724 dos *Essais de Michel de Montaigne*, consultamos com frequência as páginas da Bibliothèque Nationale de France (BNF) no endereço: GALLICA Bibliothèque Numérique de la BNF. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>.

autoridade externa – busca, dentro da disciplina interior da própria razão legisladora, tornar inteligíveis as coisas”, portanto, regem o ensaio “três ideias básicas: a) o autoexercício das faculdades; b) a liberdade pessoal; c) o esforço constante pelo pensar original”; a segunda característica do ensaio diz respeito ao fato de encerrar “experiências, o saber que se destila da vida”; a terceira característica: o ensaio “tem de ser necessariamente crítico”, na medida em que “a crítica é a antítese do obscurantismo e traduz o repúdio do sono dogmático”; em suma: “o ensaio é uma atitude ginástica do intelecto que, repudiando o autoritarismo, pensa firmemente por si só e por si próprio”. Quer dizer, o ensaio é “*o espírito crítico, o livre exame*” (LIMA, 1944).

O próprio Montaigne, segundo Roger-Vasselin (2003, p.320), usa o termo “essai” referindo-se à sua existência:

[...] pour designer, plus que ses écrits eux mêmes, sa méthode intellectuelle, son style de vie, son expérience de soi. La racine du mot se trouve dans le latin post-classique *exagium*: pesée, poids. Les dérivés romans remontent sémantiquement à l’acception actuelle du mot «essai», attesté dès le IV^e siècle, alors que la signification concrète, «mesure de poids», ne persiste qu’en latin. D’autres sens concrets apparaissent dans les langues romanes, comme «échantillon de nourriture» et «dégustation préalable de mets et boissons». En France, au XVI^e siècle, *essai* signifie donc: exercice, prélude, épreuve, tentative, tentation, échantillon de nourriture; et le verbe *essayer*: vérifier, tâter, éprouver, goûter, induire en tentation, entreprendre, s’exposer au danger, peser, supputer, courir un risque, prendre son élan. [...] Ainsi, le titre choisi par Montaigne insiste sur l’idée de résultat provisoire, d’esquisse et d’inachèvement de sa démarche, d’improvisation et de tentative également [...]

Os dicionários não concordam quando se trata de definir o ensaio como gênero literário; quase não é reconhecido por causa de suas múltiplas expressões. Muitos se passam de sua classificação e o definem por sua ação, pelo que ele faz, ou então pelo que ele não é.

No caso que nos ocupa, os *Essais de Michel de Montaigne* passam pelos espaços de escritura das memórias, do diário, da autobiografia, sem, no entanto, se reduzir a nenhum deles. O diálogo e a carta são os outros possíveis não realizados. Como indica Mathet (2002, p. 108):

[...] s’il est une forme à laquelle il [Montaigne] ne renonce pas, c’est bien le discours. L’essai se présente donc d’abord comme intériorisation d’un discours. En effet, les trois volumes sont précédés d’un «Avis au lecteur» qui instaure d’emblée le dialogue en tutoyant familièrement le narrataire pour lui

présenter cavalièrement l'œuvre comme des mémoires domestiques d'outre-tombe. Les formes personnelles seront donc, outre ce tu, un je qui se généralise souvent en nous, incluant ainsi le lecteur. Il s'adresse naturellement à un vous. Ce je parle d'un moi qu'il objectivise jusqu'à la nomination: «Michel de Montaigne».

Ao escolher o que contar, fazemos um recorte pessoal na representação do real. Esse recorte obedece a uma lógica do espelho: ao mesmo tempo reflete o individual e a alteridade que o cerca. Existe um olhar sobre “o olhar o mundo”, atento e seletivo. Esse é o olhar de Michel de Montaigne, extremamente pessoal, que nos remete à nossa própria contemporaneidade. Embora vejamos sua escritura como atual, Montaigne pertencia ao seu tempo e dele carregava as marcas culturais que acabariam refletindo em sua obra. Assim, ao falar da miséria, do medo, dos canibais, da educação ou dos cavalos, o que estava em jogo era a interpretação da existência e da condição humana, a sua própria e a do outro. Finalmente, a escritura tenta conciliar a representação que a pessoa quer deixar de si mesma e o que a época permite dizer.

A contemporaneidade à qual nos referimos e que se impõe a nós, não é medida pelo tempo vivido das sucessivas gerações, mas pelos problemas e atitudes que suscita. A leitura do texto de Montaigne não nos causa espanto, pois seu discurso nos é contemporâneo. Talvez devêssemos falar mais precisamente de sentimento de contemporaneidade pela qual nos identificamos com discursos outros que antecederam aqueles que vivenciamos e vivemos.

Os questionamentos, as representações, as opiniões, as atitudes chegam até nós por meio de discursos, falados e escritos, através dos quais estruturamos o sentido de ser. Podemos assim ler nos textos com nosso próprio olhar, nos misturando ao texto, fazendo uma espécie de inserção na alteridade; uma leitura que finalmente é participativa. Mas essa leitura não se faz solitária. No caso específico do texto montaigneano, o aparato crítico que acompanha o texto determina algumas vezes a

leitura: prefácios, notas de rodapé, comentários, adaptações, disposição do texto e das imagens a ele associadas, página de rosto, índices, resumos, etc. Assim, sua leitura passa necessariamente por seus críticos: por aqueles que comentam, prefaciam, introduzem e traduzem sua obra. Os comentaristas de Montaigne, e ele próprio quando fala de *marqueterie mal jointe*, são unânimes em afirmar que seu texto é multifacetado, intertextual, assumindo um caráter eclético, como afirma Motheau (1886, p. LIII):

Une causerie sur toutes les choses, telle est, en effet, l'oeuvre que Montaigne devait poursuivre pendant vingt ans et qui, en tant que causerie entreprise avec l'entière bonhomie du moi, sans avoir rien de ses prétentions haïssables – n'en déplaît à Pascal – deviendra par le respect du fait et l'impartialité des appréciations, une des pages les plus fidèles, sinon la plus éloquente, de l'histoire de l'esprit humain au XVI^e siècle.

O interdiscurso, como veremos mais adiante, constitui o discurso e o torna heterogêneo na sua formação. Assim, à medida que esse discurso se coloca no mundo por meio do texto escrito, como é nosso caso, deixa transparecer suas marcas. Nos diferentes níveis da análise poderemos perceber essa incursão do interdiscurso no próprio discurso. Quando fixamos o olhar sobre o texto de Montaigne, quando abrimos o livro, percebemos imediatamente que existem heterogeneidades que se colocam diante da nossa própria. O paratexto nos mostra o espaço da reformulação interdiscursiva na construção do livro, no fio do discurso que aí vai se formando: prefácios, índices, títulos, tamanho da folha, imagens associadas, etc.

1.1.1. O fio do ensaio

O fio condutor que nos ajuda a atravessar o texto inicia-se com a capa, a página de rosto e vai assim abordando cuidadosamente os capítulos que se inserem nesse espaço. Como diz Compagnon (1979, p. 251):

[...] Le titre vaut pour le livre, il représente le livre, ou plutôt son contenu au sens très matériel du mot : le texte qui occupe son espace. Titre et texte entretiennent un rapport inédit : le titre ne désigne plus le texte comme il faisait auparavant, par une relation de contiguïté [...] Le titre s'écrit désormais au nominatif. C'est un nom, le nom propre du livre; il le représente par une relation de similarité. La première page n'est pas une page comme les autres, continue, contiguë, mais, ornée comme elle est, de motifs le plus souvent non figuratifs, elle s'impose comme un équivalent de tout le texte.[...]

A análise dos títulos, dos prefácios, dos índices, das figuras, etc. associados aos *Essais de Michel de Montaigne* mostram um 'diálogo' que se estabelece entre o texto e esses elementos paratextuais: o 'nome' do livro e o nome do autor se confundem. Ao colocá-los em evidência, abrem-se possibilidades para o estudo das reformulações e da intertextualidade. De maneira não exaustiva e obedecendo a uma cronologia, apresentamos a página de rosto de edições francesas, elemento esse que nos fornece uma visão das reformulações aí efetuadas.

Cada edição é, com todo o aparato crítico diferenciado, uma edição única. O título, guardadas as semelhanças, faz parte de uma nova enunciação (uma nova situação de enunciação a determina) e como veremos, passa por reformulações.

Embora existam muitas lacunas sobre a atuação política de Montaigne, o ano de 1570 corresponde a sua retirada da vida pública, tinha então 38 anos, e o início de seu exílio de estudos que durará oito anos, entrecortados por períodos de interrupção devido a algumas atividades militares e diplomáticas durante as guerras de religião. Quando começa a escrever, entre 1572 e 1574, Montaigne compartilha com seus contemporâneos o gosto pelas máximas e sentenças. Villey afirma que a literatura de onde se originam os *Essais* estava fatalmente destinada ao esquecimento rápido e definitivo, pois se tratava de uma literatura de vulgarização que, embora se tratando de compilações, adaptações e traduções, tinham um estatuto de obras originais, assim nota Villey (1933, v.2, p.8):

La littérature d'où sortent les Essais était fatalement destinée à un oubli rapide et définitive, parce que c'est essentiellement une littérature de vulgarisation. La grande affaire était alors de répandre les connaissances anciennes, de les faire pénétrer dans les esprits. Les compilations, les imitations, les commentaires, les adaptations des écrits de l'antiquité, et jusqu'aux traductions, étaient alors des oeuvres fécondes ;elles tenaient le rang d'oeuvres originales. Ce besoin momentané une fois passé, nécessairement tout ce verbiage servile est tombé dans l'oubli. Rares sont les oeuvres qui, comme les Essais, ne s'étant pas contenté de répéter, mais ayant apporté quelque chose de nouveau et d'intéressant, ont survécu à ce naufrage.

No início, Montaigne será bastante influenciado pela imitação que impera então na literatura e que goza de grande prestígio. A profusão de citações e exemplos era comum: retirava-se dos clássicos as sentenças morais, exemplos de virtudes e vícios, as “boas palavras” ou os fatos raros contados pelos antigos. O que importava então era estar em contato com eles, era, conforme Villey (1933, v2, p. 9-10, tradução nossa), “palpá-los como tesouros prestigiosos dos ancestrais e ao mesmo tempo satisfazia o gosto dos contemporâneos pelas questões morais”. Ao mesmo tempo em que critica os *escrivains indiscrets*, Montaigne¹¹ admite que

[...] entreprenant de parler indifféremment tout ce qui se presente à ma fantaisie et n'y employant que mes propres et naturels moyens, s'il m'advient, comme il faict souvent, de rencontrer de fortune dans les bons auteurs ces memes lieux que j'ai entrepris de traiter, comme je vien de faire chez Plutarque tout presentement son discours de la force de l'imagination : à me reconnoistre, au prix de ces gens là, si faible et si chetif, si poissant et si endormy, je me fay pitié ou desdain à moy mesme. Si me gratifie-je de cecy, que mes opinions ont cet honneur de rencontrer souvent aux leurs; [...] [A] Lescrivains indiscrets de nostre siècle, qui, parmy les ouvrages de neant, vont semant des lieux entiers des anciens auteurs pour se faire honneur. [...] (I, 26, 147, 148)

E mais adiante justifica: “Je ne dis les autres, sinon pour d'autant plus me dire” (I, 26, 148), que nada mais é que admitir o aspecto interdiscursivo que quebra o fio do discurso com um comentário metadiscursivo.

¹¹ As citações dos *Essais de Michel de Montaigne*, neste trabalho, tomam como referência a edição Villey-Saulnier, Presses Universitaires de France, collection Quadrige, 2004. Segue a seguinte regra: livro, em algarismo romano; capítulo, em algarismos arábicos e indicação da página em algarismos arábicos; acompanhando a citação. Quando este não for o caso, a fonte será indicada.

Assim, a partir de grande quantidade de exemplos, emprestados de autores, contemporâneos ou não, Montaigne constrói o tema. Esse aspecto é principalmente visível no primeiro grupo de ensaios que corresponde à maior parte do primeiro livro e os primeiros capítulos do segundo. Inicia a escritura dos *Essais de Michel de Montaigne* após a morte do pai e, principalmente, do grande amigo La Boétie, sendo estimulado por suas leituras como a de Plutarco traduzido por Jacques Amyot cuja tradução é comentada pelo próprio Montaigne que nos fornece assim sua impressão sobre o que considerava uma boa tradução:

[A] Je donne avec raison, ce me semble, la palme à Jacques Amyot sur tous nos écrivains françois, non seulement pour la naïveté et pureté du langage, en quoy il surpasse tous autres, ny pour la constance d'un si long travail, ny pour la profondeur de son sçavoir, ayant peu développer si heusement un auteur si espineux et ferré (car on m'en dira ce qu'on voudra : je n'entens rien au Grec, mais je voy un sens si beau, si bien joint et entretenu par tout en sa traduction que, ou il a certainement entendu l'imagination vraye de l'auteur, ou, ayant par longue conversation planté vivement dans son ame une generale Idée de celle de Plutarque, il ne luy a au moins rien presté qui le desmente ou qui le desdie); mais sur tout je lui sçay bon gré d'avoir sçeu trier et choisir un livre si digne et si à propos, pour en faire present à son pays. Nous autres ignorans estions perdus, si ce livre ne nous eust relevé du borbier : sa mercy, nous ousons à cett'heure et parler et escrire; les dames en regentent les maîtres d'escole; c'est nostre breviaire. (II, 4, 363-364)

É preciso salientar que, durante a época em que Montaigne viveu, um considerável trabalho de tradução é desenvolvido, acompanhado de comentários que tornam as traduções conhecidas de um público cada vez maior. Seguindo esse movimento e se conformando com um pedido de seu pai, Montaigne traduz, em 1569, a *Théologie naturelle de Raymond Sebond*. Em suas considerações sobre a tradução, Berman (1988, p. 25) afirma:

Montaigne émaille ses Essais de citations en général non traduites, mais ses textes sont emplis de citations déguisées, d'emprunts intertextuels qui eux, sont des traductions [...] Comme l'a dit Hélène Nais, si l'on cherchait au XVI^e siècle des oeuvres entièrement détachées de la traduction, on n'en trouverait que fort peu, et des moins représentatives. La traduction est donc à la Renaissance, l'horizon de toute écriture.

No primeiro livro, do qual nos ocupamos neste trabalho, a forma dos ensaios se aproxima mais do estilo epistolar pelo aspecto endereçado, individual e íntimo da mesma forma que pelo aspecto *naïf* que emana dos escritos, pela necessidade constante de orientar a escritura para um destinatário (como ocorre no prólogo, quando fala diretamente com o leitor) e ao mesmo tempo torná-la o espelho da alma, *sans contention et artifice*, como afirma no prólogo e, depois, no capítulo 40 “Considération sur Cicéron”:

J’ay naturellement un stile comique et privé, mais c’est d’une forme mienne, inepte aux negotiations publiques, comme en toutes façons est mon langage : trop serré, desordonné, coupé, particulier [...] (I, 40, 252)

No entanto, não é um texto definitivo, acabado. Além das várias versões manuscritas do texto (variantes) feitas por Montaigne, os *Essais de Michel de Montaigne* sofreram diversas modificações nas diferentes impressões, não só nas antigas como nas mais recentes: modificação da ortografia, introdução de maiúsculas, modificação de pontuação, substituições, supressões ou transferências e acréscimos. A cada edição, os editores também contribuíram para modificações através de paratextos: títulos, imagens alegóricas, retratos do autor, índices, tabelas explicativas, prefácios, comentários, notas de rodapé, glossários, etc.; o que acaba por determinar uma ingerência no texto montaigneano que, em última instância e em diferentes planos de análise, caracterizaria reformulações. As variantes do texto, além de indicarem um modo de escrita particular de Montaigne, tinham alguma relação com o “*privilège du roi*”, como explica Hoffman (1995):

[...] Ce système permettait au pouvoir politique, en premier lieu, d’exercer une censure sur les publications, car le privilège, c’est-à-dire le droit d’imprimer une oeuvre et de la mettre en vente, n’était accordé qu’après examen de son contenu par une commission de spécialistes (souvent théologiens de la Sorbonne), mais aussi, en seconde lieu, d’offrir contre les plagiat une protection juridique à durée déterminée – en l’occurrence sept ans

– à l'ouvrage auquel le privilège s'appliquait. Pour obtenir un nouveau privilège, il fallait entièrement renouveler la teneur de l'ouvrage concerné. D'où les indications, sur le frontispice de l'édition de 1588 des *Essais*, des « plus de six cents additions » apportées aux deux premiers volumes à côté du troisième livre qui sortait cette année-là; et de même, les « mille additions » contenues dans l'exemplaire de Bordeaux [...]

Montaigne afirma que entre ele e seu livro existe uma identidade, uma consubstancialidade, quando diz ser ele próprio a matéria de seu livro. Isso pode ser visto imediatamente nas edições francesas mais antigas nas quais o título e o nome do autor se confundem, mas à medida que as impressões se sucedem essa característica se perde. Na realidade esse elemento paratextual acompanha a evolução da noção de autor e de obra.

Vejamos então como o título é reformulado de uma para outra edição.

A página de rosto da edição de 1580 (Figura 1) apresenta o título: *Essais de Messire Michel, Seigneur de Montaigne, Chevalier de l'Ordre du Roy & Gentil-homme Ordinaire de sa Chambre. Livre premier et second.* A Bourdeaux. Par S. Millanges Imprimeur ordinaire du Roy. MDLXXX. Avec privilege du Roy. In-8vo. Essa edição contém os dois primeiros livros. Cada um deles com o título e o índice dos capítulos. O primeiro livro contém 496 páginas e o segundo, com paginação defeituosa, apresenta como última página a de número 650. O primeiro livro contém 57 capítulos, o prólogo datado de primeiro de março de 1580; o capítulo 29 contém 29 sonetos de La Boétie. O segundo livro contém 37 capítulos. A disposição dos capítulos é a mesma de todas as edições posteriores.

Na edição de 1582, Bordeaux, S. Millanges, in-8vo, *Essais de Messire Michel, Seigneur de Montaigne, Chevalier de l'Ordre du Roy & Gentil-homme Ordinaire de sa Chambre, mair & gouverneur de Bourdeaux. Edition seconde, revue & augmentée.* A Bourdeaux par S. Millanges, imprimeur ordinaire du Roy, MDLXXXII. Em dois

volumes. A paginação é contínua de um livro para outro e não há página de rosto no segundo livro. Tanto como a edição de 1580 contém o prólogo e os sonetos de La Boétie. Apresenta várias correções relativas ao estilo, à ortografia e à pontuação ao mesmo tempo em que contém adições e supressões de palavras. Segundo Villey (1908, p. 407):

Tout cela accuse un vrai souci de correction. Quant au fond des choses, il y a peu de changement. Je n'ai compté guère plus de deux cent cinquante minuscules modifications qui n'intéressent que la forme. C'est fort peu si l'on songe aux dimensions de l'ouvrage

Figura 1 – Página de rosto da Edição de 1580

O que Villey chama de “souci de correction”, Montaigne chama de “marqueterie mal jointe” devido a uma “petite subtilité ambitieuse”, pode ser visto ainda como acréscimo que é um dos elementos que definem a forma aberta e em expansão dos ensaios. No que diz respeito à ortografia e à pontuação Motheau (1886, p. IV-V) assinala:

Montaigne ‘peignoit’ assez mal, comme il dit, son écriture, d’un déchiffrement pénible, y est raturée, surchargée; elle se presse, s’entasse, dans les interlignes, déborde sur les marges, se répand sur les feuilles annexées lorsque la place fait défaut, avec un entre-croisement de renvois, d’indices, des réclames, à dérouter les plus perspicaces. [...] [...] la ponctuation mal établie, sinon de hasard, qui était employée à l’époque et dans laquelle Montaigne n’a eu que voir, car il ne ponctuait jamais et abandonnait ce soin aux imprimeurs [...]

Montaigne mesmo afirma mais de uma vez no seu texto que não o corrige:

Mon livre est tousjours un. Sauf qu’à mesure qu’on se met à le renouveler, afin que l’acheteur ne s’en aille les mains du tout vuides, je me donne loy d’y attacher (comme ce n’est qu’une marqueterie mal jointe), quelque embleme supernumeraire. Ce ne sont que surpoids, qui ne condamnent point la premiere forme, mais donnent quelques pris particuliers à chacune des suivantes par une petite subtilité ambitieuse. (III, 9, 964)

Entre os acréscimos estão algumas reflexões sobre a viagem pela Europa central e Itália. Montaigne escreve, em parte, o *Journal de Voyage* que será publicado em 1774. Durante a viagem pela Itália, em 1581, é eleito prefeito de Bordeaux e será reeleito em 1583. A vida pública de Montaigne teve idas e vindas e embora marcasse por diversas vezes sua preferência pela vida privada, teve uma vida pública, como afirma Grün (1855, p. 15-16):

Entré dans les fonctions publiques sous Henri II, magistrat sous Charles IX, il a vu de près la cour de ces rois et celle de leur successeur, les violences et les intrigues des partis et de leurs chefs; dans ses rapports avec les Guise, avec Catherine de Médicis, avec Henri III, il a vu fonctionner la politique de dissimulation et de mensonge dont les derniers Valois ont été les disciples et les victimes; il a eu sous les yeux les plus hideux exemples donnés par les personnages les plus élevés, et il a offert le beau spectacle de l’honnêteté conservée au milieu de la corruption générale.

Uma nova edição, acrescentando-se um terceiro livro composto de 13 capítulos, é publicada em 1588 (Figura 2), por Abel L'Angelier em Paris, in 4to: "*Essais de Michel Seigneur de Montaigne, Cinquiesme edition, augmentée d'un troisiemes livre: et six cens additions aux deux premiers. A Paris, chez Abel L'Angelier au grand pillier de La grand Salle du Palais. Avec Privilege du Ro.* O E.B. (*Exemplaire de Bordeaux*) é um exemplar dessa edição, conservado em Bordeaux, primeiramente no monastério de Feuillants e em seguida na biblioteca da cidade. Nas margens desse exemplar Montaigne faz seu trabalho de reescritura. Página de rosto gravada, não é datada. A data se encontra no 'privilège': 4 de junho de 1588. A partir dessa edição, o nome Michel de Montaigne não é mais seguido dos títulos. A supressão desses elementos será definitiva. A edição é paginada no retro e a última folha leva o número 396. O prólogo data de 12 de junho de 1588. Embora esteja indicado que se trata de uma quinta edição, a precedente nunca foi encontrada. Segundo vários autores, ele é a prova autográfica do que seria a "versão final" dos *Essais de Michel de Montaigne*. Alguns estudiosos consideram-no o último estado do livro, outros, uma cópia de trabalho ou de segurança, outros ainda admitem que nenhuma das versões deveria ser considerada definitiva pois Montaigne continuaria a alterar o texto, rascunhando nos espaços em branco e nas margens até sua morte. Buchon (1837, p. XIV-XV) comenta da seguinte maneira o exemplar:

J'ai examiné cet exemplaire; il est chargé de corrections et d'additions marginales ou interlinéaires écrites de la main de Montaigne. Au frontispice gravé il a ajouté, sixième édition, ce qui rapporte à celle qu'il projetait, et ce qui fixe positivement le nombre de celles qui ont précédé. Il a ajouté aussi de sa main cette épigraphe, qui est devenue celle de son livre: *viresque acquirit eundo*. Enfin au haut de ce frontispice se trouve un écusson dans lequel il a inscrit son nom. Au recto on trouve un avis à l'imprimeur que Naigeon a reproduit et la recommandation «qu'on mette son nom tout au long sur chaque face», parce qu'aux éditions précédentes on avait mis seulement: «Essais de M. de Monta», au titre courant.

Figura 2 – Página de rosto da edição de 1588

Marie Jars de Gournay, filha adotiva de Montaigne, é responsável pela edição de 1595 (Figura 3) para a qual escreve um longo prefácio que será reformulado em edições posteriores. Ela utiliza um exemplar de 1588 (cedido por Madame de Montaigne e Pierre Brach) com as anotações feitas por Montaigne antes de sua morte, mas se trata de um exemplar diferente daquele encontrado em Feuillants (exemplar de Bordeaux). O título muda novamente: *Les Essais de Michel seigneur de Montaigne. Edition nouvelle, trouvée après le deceds de l'auteur, reveuë & augmentée par luy d'un tiers plus qu'aux precedentes impressions*. Paris, Abel L'Angelier, 1595, in-folio. Sem epígrafe. Sem o “prólogo” de Montaigne. Os 29 sonetos de Etienne de La Boétie que se encontravam no capítulo 29 nas primeiras edições, e no capítulo 28 nesta, foram suprimidos e substituídos por uma nota reproduzida por todos os editores que não inseriram os sonetos. O volume contém 12 folhas preliminares, 523 páginas de texto para os dois primeiros livros e 231 para o terceiro, com paginação separada.

A edição de 1595 marca uma mudança: o título passa de *Essais de Michel seigneur de Montaigne* para *Les Essais de Michel seigneur de Montaigne*. Numa nota introdutória ao prefácio de Marie Gournay (GOURNAY, 2004, p. 33-34), Bénédicte Boudou escreve:

[...] Cette préface, pleine de ce que C. Bauschatz appelle une «rhétorique de l'admiration», procède à une défense des Essais contre les critiques dont ils avaient fait l'objet. On leur reprochait l'excès de latin, les néologismes et le recours au gascon; on blâmait Montaigne de ne pas respecter les «cérémonies», ce qui ouvre chez Marie de Gournay un développement sur les rapports entre l'écriture et l'action; on critiquait l'obscurité de Montaigne et on l'accusait d'irrégion. Dans une véritable diatribe contre les censeurs et les calomniateurs, Marie de Gournay répond point par point aux critiques en insistant sur l'épreuve, la «touche» qui constitue le livre des Essais pour le jugement du lecteur. Cette préface, qui révèle la façon dont Montaigne est reçu par les lecteurs de la fin du XVI siècle, propose ainsi une lecture critique et mimétique des Essais. Ayant soulevé un tollé, Marie de Gournay supprimera cette préface des éditions postérieures des Essais [...] avant de la réviser en 1617, puis en 1635. [B.B.]

LES
ESSAIS
DE MICHEL SEI-
GNEVR DE MONTAIGNE.

EDITION NOUVELLE, TROUVÉE APRES
*le décès de l'Auteur, recueillie et augmentée par luy d'un
tiers plus qu'aux précédentes Impressions.*

A PARIS,

Chez ABEL L'ANGELIER, au premier pilier
de la grande salle du Palais.

CI. D. XCV.

AVEC PRIVILEGE.

Figura 3 – Página de rosto da edição de 1595

A centralidade do pensamento de Montaigne no final do século XVI e no início do XVII é confirmada pelas edições que seguem a de 1595. À medida que novas impressões são feitas, o livro sofre outras transformações. A cada nova edição, o aparato crítico cresce. São nove edições de 1580 a 1600 e vinte e oito edições no século XVII.

A edição 1600 “*Les Essais du Seigneur de Montaigne. Edition nouvelle, prise sur l'exemplaire trouvé après le deceds de l'Authheur, reveu & augmenté d'un tiers outre les precedents impressions. Vitesque acquirit eundo. A Paris, chez Abel L'Angelier, au premier palier de la grand' salle du Palais. MDC. AVEC PRIVILEGE.*

Uma associação de livreiros parisiense assume a impressão da edição de 1608, dos *Essais de Michel de Montaigne*. São apresentados dois índices (“matérias” e “nomes próprios”), além do retrato de Montaigne e um “*Sommaire discours sur la vie de Michel, Seigneur de Montaigne*”. Essa será uma das características que acompanharão as edições posteriores. O índice de matérias é interessante na medida em que o texto, não apresentando uma sequência fixa na sua estrutura formal, pode não ter uma ordem de leitura definida. Conforme salienta Desan (1999, p. 210),

[...] L'auteur des Essais a acquis une telle notoriété que l'iconologie et la biographie sont perçues comme une nécessité éditoriale qui doit accompagner le texte lui-même. Montaigne devient une image publique [...]

A tradução das citações latinas é introduzida pela primeira vez na edição de 1617, editada por Nivelles, Petit-Pas, Rigaud, Gueffier, Sevestre e a viúva Salis. Além disso, a longa introdução de Marie de Gournay é revisada. É também a partir dessa edição que se inicia, segundo Desan (1999, p. 211), “a longa empreitada que consiste a identificação das fontes de Montaigne”. Vinte anos depois, a edição de 1635, dedicada ao cardeal de Richelieu, traz as traduções das citações gregas e latinas e as indicações da

maior parte das fontes das citações de Montaigne. Será a última edição de Marie Jars de Gournay.

Na primeira metade do século XVII os *Essais* vão sofrer assim, segundo Desan (1999, p. 216), o acréscimo de

[...] un appareil critique toujours plus volumineux et censé faciliter la lecture. Que ce soit les index, les traductions, l'identification des sources en manchettes, la vie de l'auteur sous forme d'index ou de narration, les divers avis et préfaces de Marie de Gournay ou des imprimeurs [...].

Em 1669, as duas edições, em Paris (Rondet, Journet et Chevillon) e em Lyon (Olyez), em três volumes, guardam o mesmo título: *Les Essais de Michel, seigneur de Montaigne*, nouvelle édition exactement purgée des défauts des précédentes, selon le vray original.

Um longo período se segue sem novas edições do texto de Montaigne. Uma explicação possível para isso é a reação contra Montaigne que ocorre no final da primeira metade do século XVII. Elas se fazem sentir mais profundas com Port Royal e Pascal (1878, p. 47-48) no *Entretien avec M. de Saci*¹²:

Je crois assurément que cet homme avait de l'esprit; mais je ne sais si vous ne lui en prêtez pas un peu plus qu'il n'en a, par cet enchaînement si juste que vous faites de ses principes. [...] on m'a peu conseillé cet auteur, dont les ouvrages n'ont rien de ce que nous devons principalement rechercher dans nos lectures [...] parce que ses paroles ne paraissent pas sortir d'un grand fonds d'humilité et de piété. [...] Mais qu'avait besoin Montaigne de s'égarer en renouvelant une doctrine qui passe maintenant aux yeux des chrétiens pour une folie? [...] Je ne blâme point l'esprit de cet auteur, qui est un grand don de Dieu; mais il pouvait s'en servir mieux, et en faire plutôt un sacrifice à Dieu qu'au démon. A quoi sert un bien quand on en use si mal?

A prática do recorte nas edições dos *Essais* para fins políticos, didáticos ou visando o mercado inicia-se a partir da segunda metade de século XVII. Dréano no levantamento sobre as edições dos *Essais* de Michel de Montaigne, encontra três edições parciais “mises au goût du jour” (Dréano, 1962, p. 255): *L'esprit des Essais* de

¹² Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5677630r.r=.langPT>

1677 (oito anos antes, foram editados na França pela última vez no século XVII), *Pensées de Montaigne, propres à former l'esprit et les mœurs* de 1700 (Libraire Anisson), *L'Esprit de Montaigne* de 1753.

Um ano após ter sido colocado no Index a pedido de Bossuet, a edição parcial de 1677 (Figura 4) devida a Charles de Sercy, conserva a ordem dos livros e dos capítulos. São retirados o prólogo e os capítulos I, 17; I, 29; I, 35; I,37 e I 53. Os 37 capítulos do livro II e os 13 do livro III permanecem inalterados. O título é modificado: *L'Esprit des Essais de Michel Seigneur de Montaigne*. A Paris, chez Charles de Sercy, au sixième Pillier de la Grande salle du Palais, vis-à-vis la montée de la Cour des Aydes, à la bonne Foy couronnée.

L'ESPRIT
DES ESSAIS
DE MICHEL;
SEIGNEUR
DE MONTAIGNE.

A PARIS,
Chez CHARLES DE SERCY, au sixième
Pilier de la grand' Salle du Palais, vis-à-vis
la montée de la Cour des Aydes,
à la bonne Foy couronnée.
M. DC. LXXVII.
Avec Privilege du Roy.

Figura 4 – Página de rosto da edição de 1677 (edição de Sercy)

Em três volumes é impressa em Londres a edição de Pierre Coste de 1724 (Figura 5), por Tonson e Watts, baseia-se nos textos de 1595 e de 1635. Durante todo o século XVIII será a edição de base dos *Essais*.

Na página de rosto lê-se: “*Les Essais de Michel Seigneur de Montaigne*. Nouvelle édition, faite sur les plus anciennes & les plus correctes: augmentée de quelques Lettres de l’Auteur; et où les passages Grecs, Latins, et Italiens sont traduits plus fidèlement, et citez plus exactement que dans aucune des Editions précédents. Avec de courtes REMARQUES; et de nouveaux INDICES plus amples et plus utiles que ceux qui avoient paru jusqu’ici. Par Pierre Coste. A Londres: De l’imprimerie de J. Tonson & J. Watts, MDCCXXIV. Avec Privilège du Roy”. De 1724 a 1801 serão 13 impressões desse texto. Essa edição inclui os 29 sonetos de La Boétie que Montaigne havia retirado a partir de 1588.

LES
ESSAIS
DE
MICHEL
SEIGNEUR DE MONTAIGNE.

NOUVELLE EDITION,

*Faite sur les plus anciennes & les plus correctes: augmentée de
quelques Lettres de l'Auteur; & où les Passages Grecs, Latins,
& Italiens sont traduits plus fidèlement, & citez plus
exactement que dans aucune des Editions précédentes.*

Avec de courtes REMARQUES; & de nouveaux
INDICES plus amples & plus utiles que ceux
qui avoient paru jusqu'ici.

Par PIERRE COSTE.

TOME I.

LONDRES:

De l'Imprimerie de J. TONSON & J. WATTS.

M DCC XXIV.

AVEC PRIVILEGE DU ROY.

Figura 5 – Página de rosto da edição de 1724 (edição Coste)

Impressa por P. e F. Didot em quatro volumes em 1802 em Paris, a edição Naigeon é a primeira a ser estabelecida a partir de um exemplar da edição de 1588. *Essais de Michel Seigneur de Montaigne*. Edition stéréotype. D'après le procédé de Firmin Didot. A Paris, de l'imprimerie et de la fonderie stéréotypes de Pierre Didot l'aîné, et de Firmin Didot. An X MDCCLXII. Essa edição (4 volumes, in-8vo e in-12, com retrato) é, segundo vários estudiosos, muito bem cuidada; contém o texto e o prólogo de Montaigne, um prefácio de Naigeon, uma cópia da advertência feita por Montaigne, escrita à mão num exemplar de 1588, as cartas de Montaigne, a *Servitude volontaire* de La Boétie. Os sonetos de La Boétie são suprimidos. Em rodapé encontramos as traduções das citações e a indicação das fontes, as variantes do texto dessa edição com as de 1588 e 1595, notas de Naigeon e algumas de Coste. Não há nem sumários, nem índice analítico. Essa edição teve quatro tiragens: 1811, 1816, 1828 e 1833.

Respeitando a edição de Naigeon, a de Amaury Duval (Figura 6), de 1820, muda, no entanto, o título: *Essais de Michel de Montaigne*. Publiés d'après l'édition la plus authentique, et avec des sommaires analytiques et de nouvelles notes par Amaury Duval, membre de l'Institut. Paris, Chassériau Editeur, 1820, in-8vo, 6 volumes. Sobre essa edição, Buchon (1837, p. XXXIII) salienta, mais uma vez, as 'adições' que facilitam a leitura do texto:

Vie de Montaigne, jugements de quelques auteurs connus; extrait de l'Éloge de Montaigne, par Villemain; Notice sur les principales éditions des Essais; dix lettres de Montaigne (l'éditeur a ajouté une dixième aux neuf données par Coste); extrait de la Théologie naturelle; la Servitude volontaire; extrait du Journal de Voyage; Avis de Catherine de Médicis à Charles IX (c'est la seule édition, jusqu'à ce jour qui contienne cette pièce). Table des matières rédigées par M.A.D. Lourmond. Les sonnets de La Boétie ont été supprimés; dans cette édition, on a suivi celle de Naigeon, que l'éditeur a préférée pour de raisons énoncées précédemment. En tête des chapitres on trouve des sommaires qui indiquent les matières principales qui y sont traitées. Cette addition facilite la lecture des Essais, et montre que le désordre qui existe dans cet ouvrage n'est pas aussi grand réellement qu'on serait tenté de le

croire au premier coup d'oeil. Les notes ne sont pas signées ; elles sont extraites de celles de Coste, de Naigeon, de Johanneau ; M. Amaury-Duval en a joint de nouvelles qui lui sont propres, pour éclaircir les phrases obscures, donner quelques détails historiques, ou indiquer des emprunts faits par des auteurs modernes ; il en a de plus ajouté un certain nombre, choisies parmi celles très nombreuses que Naigeon avait écrites [...]

Segundo o próprio Amaury Duval (1827, p. XXXVI),

À l'exemple de tous les éditeurs, depuis Coste, j'ai fait sur le texte trois espèces de notes. Les unes ou historiques, ou indicatives des emprunts faits par Montaigne sur d'autres auteurs; les secondes interprétatives des citations nombreuses de passages grecs, latins, etc. ; les dernières interprétatives des mots souvent bizarres et inusités, employés par l'auteur avec une espèce de prédilection. J'ai augmentée celles de la première espèce, mais assez peu : l'érudit Coste avait, depuis longtemps, indiqué presque toutes les sources où Montaigne avait puisé, il ne fallait que raccourcir ses notes prolixes, mais exactes ; celles de la seconde espèce contenaient des traductions qui ne m'ont pas toujours paru bien écrites et surtout fidèles ; j'ai tâché, par des corrections, de mieux rappeler le texte de ces citations ; quant aux notes interprétatives des mots inusités et des phrases obscures, j'en ai singulièrement augmenté le nombre, et j'ai quelquefois donné l'étymologie, qui m'a semblé la plus probable des vieux mots. Plus l'époque où écrivait Montaigne s'éloigne, moins son style, ou si l'on peut ainsi parler, sa langue devient intelligible. Cette espèce de note est donc de plus en plus nécessaire.

Figura 6 – Página de rosto da edição de 1827 (edição Amaury Duval)

Entre 1905 e 1933, uma nova edição é escurpulosamente estabelecida conforme o “exemplar de Bordeaux” por Fortunat Strowski, François Gebelin, Pierre Villey e Grace Norton e editada por F. Pech. A página de rosto mostra o título: *Les Essais de Michel de Montaigne*. Publiés d’après l’Exemplaire de Bordeaux, avec les variantes manuscrites et les leçons des plus anciennes impressions, des notes, des notices, et un lexique Par Fortunat Strowski, Professeur à l’Université de Bordeaux, sous les auspices de la Commission des archives municipales de Bordeaux, Bordeaux, Imprimerie Nouvelle F. Pech & Cie, MCMXV, para o primeiro volume (1905), correspondente ao Livro I, e MCMIX, para o segundo (1909), correspondente ao Livro II. A edição recebe depois a colaboração de François Gebelin, para a conclusão do terceiro volume publicado em 1919 e de Pierre Villey para o quarto volume em 1920. O quarto volume contém : *Les sources des Essais, annotations et éclaircissements* par Pierre Villey, professeur de l’Université de Caen. Por fim, em 1933, Villey e Grace Norton acrescentam um quinto volume dedicado ao léxico dos Essais. A intenção inicial era, conforme indica Strowski (1909, p. VII), colocar o texto sem o aparato crítico:

Notre dessein est de mettre à la disposition du public, sans appareil critique ni savant commentaire, une édition des Essais qui profite des progrès récemment réalisés par la critique, au double point de vue de l’exactitude du texte et de l’histoire de la pensée de Montaigne.

No entanto, essa intenção inicial não se confirma, pois Strowski abandona a edição em 1911. François Gibelin assume a tarefa que será concluída em 1919. Em seguida, o quarto volume tem como subtítulo *Les sources des Essais, annotations et éclaircissements* par Pierre Villey, Professeur à l’Université de Caen. Bordeaux: Imprimerie Nouvelle F. Pech Cie, 1920; o quinto volume leva o subtítulo *Lexique de la langue des Essais et index des noms propres* par Pierre Villey, Professeur à l’Université de Caen avec la collaboration de Miss Grace Norton. Bordeaux:

Imprimerie Nouvelle F. Pech, 1933, ambos os volumes acrescentam de certa forma comentários críticos ao texto montaigneano. As edições subsequentes se baseiam no texto estabelecido por esta edição.

Em 1912, F. Strowski edita em Paris, Hachette, a reprodução fototípica do “Exemplar de Bordeaux”, mostrando as anotações feitas por Montaigne de 1588 a 1592. Segundo o próprio Strowski (1909, p. VI), no prefácio do segundo volume da edição 1909:

Il est inutile d’insister sur l’importance de cette œuvre nouvelle. Une édition critique n’est jamais, en définitive, qu’une analyse et une traduction. La photographie qui met sous les yeux le manuscrit lui-même, peut seule donner l’impression de la vie. Et que de détails passent inaperçus dans la traduction de l’édition critique, qui prennent dans la photographie toute leur portée et tout leur sens. Par exemple les corrections d’orthographe et celles de ponctuation apparaissent dans la photographie avec toute autre valeur que dans l’Appendice I de l’édition.

Figura 7 – Página de rosto da edição de 1922-23 (edição Villey)

Em 1922-1923, em três volumes, a edição Pierre Villey é impressa em Paris por Alcan Editor, in-8vo, conforme o texto do exemplar de Bordeaux, com as adições da edição póstuma, a explicação dos termos ‘vieillis’ e a tradução das citações, uma cronologia da vida e da obra de Montaigne, notas e índice. Essa edição será revista e aumentada pelo próprio Villey em 1930-1931, acrescentados as sentenças da biblioteca de Montaigne, o catálogo de seus livros e um apêndice sobre a influência dos *Essais*. Na página de rosto do livro 1 lê-se: *Les Essais de Michel de Montaigne*. Nouvelle édition conforme au texte de l'exemplaire de Bordeaux. Avec les additions de l'édition posthume, l'explication des termes vieillis et la traduction des citations, une étude sur Montaigne, une chronologie de sa vie et de son œuvre, le catalogue de ses livres et la liste des inscriptions qu'il avait fait peindre dans sa librairie, des notices, des notes, un appendice sur l'influence des Essais et un Index. Par Pierre Villey. Professeur à la Faculté des Lettres de Caen, Paris, 108, Librairie Félix Alcan, 108, boulevard Saint-Germain, 1922. Tous droits de reproduction, d'adaptation et de traduction réservés pour tous pays.

Essa enumeração de edições dos *Essais de Michel de Montaigne*, que não se pretende exaustiva, se justifica para que possamos perceber minimamente a evolução da obra através de um elemento colocado em evidência: o título. Conforme o tempo passa; a cada nova edição, são acrescentados comentários críticos, novas ‘descobertas’, novas explicações, etc.; outro elemento paratextual importante aparece em algumas edições: as marcações das camadas, identificadas ora com as letras ora com símbolos para que as variações trazidas sucessivamente ao texto inicial sejam acompanhadas. Para o leitor de hoje, é o único referencial genético que dispõe, a não ser que tenha feito a leitura dos *Essais de Montaigne* nas edições de 1580 e 1588 ou na de 1595. O conjunto dessas marcas paratextuais permite que vislumbremos a dimensão histórica da obra literária.

Por si só, o conjunto de todo o paratexto interessa pela relação intertextual que mantém com o texto montaigneano.

Nas edições francesas inclusive as que utilizamos neste trabalho, como vimos, o paratexto se transforma constantemente: o título varia bastante assim como entre a edição de 1580 e as mais recentes. Entre as mais recentes mesmo o título oscila entre *Essais* e *Les Essais*, abandonando em ambos os casos “*de Michel seigneur de Montaigne*” marcando desse modo a relação de consubstancialidade que era visível a partir do próprio título. É interessante notar as mudanças sofridas ao longo do tempo por esse elemento paratextual.

1.1.2. O livro: “modelo espacial de escritura”

Como vimos nas páginas precedentes, a página de rosto já é uma representação do livro. Ela nos mostra mesmo que rapidamente o quanto o livro se transformou com o passar do tempo. Essa transformação se opera não só no paratexto, mas no próprio texto.

O Livro I é composto de 57 ensaios, cada um de tamanho bastante desigual e temas variados. São 328 páginas. Segundo muitos comentaristas de Montaigne, esse primeiro livro foi escrito *in memoria* de seu grande amigo La Boétie e também de seu pai. O capítulo 29, que marca o ‘coração’ do livro, foi inicialmente dedicado à publicação do *Discours sur la servitude volontaire* de La Boétie, mas Montaigne abandona essa ideia e pensa incluir 29 sonetos amorosos do amigo, mas os retira de seu livro depois de 1588. Nas edições mais recentes a dedicatória a Madame de Grammont que precederia os sonetos, é seguida da inscrição “*Ces vers se voient ailleurs*” como está escrito no próprio E.B.

Desde o início Montaigne assume a despretensão com que os temas serão tratados, tanto na forma, não assumindo os gêneros usados na época (tratados, cartas, diálogos, compilações, lições) quanto na diversidade de temas que servem de fio condutor para o livro. Essa escolha possibilita de certa forma o questionamento das certezas, dos dogmatismos e aposta na reflexão pragmática. Assim, afirma que

[A] C'est icy um livre de bonne foi, lecteur. Il t'avertit dès l'entrée que je ne m'y suis proposé aucune fin, que domestique et privée". (I, Au lecteur, 3).

O postulado cético assumido está intrinsecamente associado à opção discursiva eminentemente dialógica dos ensaios, no sentido posto por Bakhtin, que permite a representação, em discurso, do discurso do Outro e que Authier-Revuz (1984, p. 100) retoma:

«Seul l'Adam mythique abordant avec sa première parole un monde pas encore mis en question aurait été à même de produire un discours soustrait au déjà dit de la parole d'autrui. Aucun mot n'est « neutre », mais inévitablement « chargé », « occupé », « habité », « traversé » des discours dans lesquels « il a vécu son existence socialement sous-tendue ». Ce que Bakhtine désigne par « saturation du langage » constitue une théorie de la production du sens et du discours: elle pose le « milieu » des autres discours, non pas comme un environnement susceptible de dégager des halos connotatifs autour d'un noyau de sens, mais comme un *extérieur constitutif*, celui du déjà dit, dont est fait, inévitablement, le tissu même du discours.

A identificação de Montaigne com o ceticismo o leva a reconhecer o caráter relativo e provisório de todo o conhecimento e a recusar a definição unívoca e atemporal da verdade, mesmo que seja através da religião. A dúvida faz com que se coloque em posição antagônica à imagem do mundo ideal (o homem que se aproxima dos anjos), com o mundo submisso ao tempo e à efemeridade (o homem que se aproxima dos animais). No lugar de refletir somente sobre a *dignitas hominis* da Antiguidade, o homem no final do Renascimento vai refletir sobre a *miseria hominis*.

Segundo Uhlig (2000, p.111), com Montaigne vemos ressurgir a reflexão sobre a *conditio humana* à luz de sua própria subjetividade.

Hoje em dia, no bojo de todo um processo de questionamento da filosofia e da ciência institucionalizadas, o valor ético e político da despretensão cética são reativados. Dessa forma, tanto a produção quanto a própria tematização de significado do ensaio se intensificam. Nele passa a ser ressaltada a atitude de suspeita face aos saberes constituídos e a consequente opção por uma lógica da experimentação que permite às ideias emergirem sem acabamento absoluto (Pedrosa, 2008). A função de resistência proposta pelo ensaio funda-se na consciência da linguagem, no reconhecimento da espessura das palavras e no caráter violento e arbitrário da relação que elas estabelecem com a realidade e com os objetos de conhecimento. Por si só, isso implica no questionamento sobre a neutralidade e sobre a própria natureza do conceito como essência das coisas, “essência necessária, pela qual não podem ser de modo diferente daquilo que são” (ABBAGNANO, 2003, p. 164).

A atitude de desconfiança em relação ao conhecimento leva à descrença na neutralidade dos conceitos e em sua capacidade de referir-se objetivamente a uma verdade original e universal, livre da ação do homem e da história. O trabalho de reflexão tende a abandonar os silogismos da lógica aristotélica e escolástica em favor da ‘*inventio*’ e a preocupação com a ‘*dispositio*’, ou seja, com a organização dos argumentos. A reflexão passa a ser percebida como o efeito de um esforço de escritura atento às diferentes possibilidades de forma e de estilo; é uma construção. Quase ao mesmo tempo é reabilitado o conceito de “opinião” que Platão separava nitidamente do “saber”, o que significa dizer que o ato de conhecimento não depende unicamente dos dados objetivos, mas também da intervenção da subjetividade (Uhlig, 2000, p. 113).

Essa subjetividade é uma das principais fontes em que se apoiam os críticos de Montaigne.

Polêmico por excelência, o ensaio pressupõe o diálogo e sua escritura supõe leitura. Nesse sentido, Montaigne se interessa pelas experiências de outros, identificando e questionando, e finalmente permitindo que o leitor finalize seu pensamento ou inicie outro. Assim, dirige logo no início do livro sua atenção “Ao leitor” e permite que ele participe e seja coadjuvante de sua obra. Nesse sentido também é uma obra que permitiria inúmeras leituras e interpretações, assim sendo, inúmeras traduções.

A maneira de escrever de Montaigne trabalha com a subjetividade, percorre diferentes campos do saber fugindo à especialização disciplinar e à descrição analítica, é eminentemente interpretativa. A dinâmica do texto é inseparável dos discursos com os quais ele dialoga. A escritura se inicia com uma referência “Au lecteur” cuja presença é fundamental, tratando-se em toda evidência da palavra dirigida e compartilhada com um leitor “suffisant”.

[A] C'est icy un livre de bonne foy, lecteur. Il t'advertit dès l'entrée, que je ne m'y suis proposé aucune fin, que domestique et privée. Je n'y ay eu nulle consideration de ton service, ny de ma gloire (I, Au lecteur, 3)

Montaigne afirma que entre ele e seu livro existe uma identidade de substância: “Je suis moy mesme la matière de mon livre” (I, Au lecteur, 3). Mas é impossível falar de si sem se referir ao outro: o texto é um olhar contínuo através desse Outro. A relação amigável que estabelece com o leitor e com os textos que cita garantem a reputação e a veracidade do discurso (constantemente afirmada) e, finalmente, permite que se expresse com toda franqueza através das citações e do conhecimento compartilhado (grande número de exemplos emprestados da vida real ou de suas leituras). O leitor

deve reconhecer a ‘prova’ e terminar a construção da argumentação. Segundo o próprio Montaigne:

Un suffisant lecteur descouvre souvent és escrits d’autrui des perfections autres que celles que l’auteur y a mises et aperceües, et y preste des sens et des visages plus riches (I, 24, 127)

A forma aberta do texto permite que Montaigne suspenda a crítica, expresse sua subjetividade através dos variados temas; segue o pensamento e a ‘inspiração’ das leituras e da vida cotidiana. Não sistemática, recorre às associações de ideias como método explicativo derivado do pressuposto segundo o qual tudo o que a consciência é, nas suas várias manifestações, é pela combinação variada dos elementos simples fornecidos pela experiência. Acrescente-se a isso a compreensão do fluxo contínuo e mutável da vida que, no entanto, não leva à angústia e ao desespero, mas à aceitação das antinomias e dos contrários. Segundo os comentaristas do texto montaigneano, esse aspecto do devir incessante deve-se principalmente às leituras de Heráclito:

Le monde n’est qu’une branloire perene. Toutes les choses y branlent sans cesse : la terre, les rochers du Caucase, les pyramides d’Ægypte, et du branle public et du leur. La constance mesme n’est autre chose qu’un branle plus languissant. Je ne puis assurer mon object. Il va trouble et chancelant, d’une yvresse naturelle. Je le prens en ce point, comme il est, en insistant que je m’amuse à luy. Je ne peins pas l’être. Je peins le passage: non pas un passage d’aage en autre, ou, comme dict le peuple, de sept en sept ans, mais de jour en jour, de minute en minute. Il faut accomoder mon histoire à l’heure. (III, 2, 804-805)

O estilo de Montaigne utiliza assim todos os registros de língua, inclusive o “patois gascon” e, embora recuse as regras retóricas, utiliza-as sutilmente. Recorre com frequência a expressões e imagens que dão concretude ao pensamento. Por exemplo, falando da educação de um príncipe no capítulo 26, “De l’institution des enfants”, Montaigne afirma:

[A] Qu'il ne luy demande pas seulement compte des mots de sa leçon, mais du sens et de la substance, et qu'il juge du profit qu'il aura fait, non par le tesmoignage de la memoire, mais de sa vie. Que ce qu'il viendra d'apprendre, il le lui face mettre en cent visages et accomoder à autant de divers sujets, pour voir s'il l'a encore bien pris et bien faict sien, [C] prenant l'instruction de son progrez des pedagogismes de Platon. [A] *C'est tesmoignage de crudité et indigestion que de regorger la viande comme on l'a avallée. L'estomac n'a pas faict son operation, s'il n'a faict changer la façon et la forme à ce qu'on luy avoit donné à cuire.* (I, 26, 151, grifo nosso)

Como dissemos anteriormente, essa forma aberta tem como precursores a carta e o diálogo. A preparação para essa expressão aberta e franca passam pelas leituras dos modelos epistolares clássicos presentes em sua biblioteca como Cícero, Sêneca, Plínio o Jovem e Plutarco ou modernos como Petrarca, Frei Antonio de Guevara e Pasquier, a maior parte deles é moralista, no sentido da preocupação com a condição humana. Quanto ao diálogo, o modelo é Platão. Montaigne via nesses diálogos uma maneira de manter uma opinião em suspenso, permitindo um constante reposicionamento (a favor ou contra), um método eminentemente dialético. Como ocorre com o gênero carta, permite a expressão da subjetividade e as múltiplas perspectivas individuais. Os *Essais* de Michel de Montaigne tem afinidades com essas duas maneiras de escrever em prosa, mas também com o autorretrato: “car c’est moi que je peins” (I, Au lecteur, 3).

CAPÍTULO 2 – AS EDIÇÕES FRANCESAS USADAS NAS TRADUÇÕES

Depois de termos acompanhado algumas mudanças nas edições dos *Essais de Michel de Montaigne*, notamos que, no que diz respeito ao texto, praticamente não existem diferenças substanciais entre as edições Thibaudet e a Villey-Saulnier, usadas respectivamente por Sérgio Milliet e Rosemary Costhek Abílio em suas traduções. O mesmo não ocorre, como veremos a seguir, com o texto de Michaud, que também é usado por Milliet.

Por questão de facilidade, vamos adotar as seguintes edições francesas nas análises: a edição Villey-Saulnier; a edição ‘traduzida’ de Michaud.

2.1. A edição ‘Villey – Saulnier’¹³

Como vimos anteriormente, a edição Villey dos *Essais de Michel de Montaigne* goza de grande reputação. Especialista da literatura francesa do século XVI, Pierre Villey dedicou-se especialmente aos textos de Montaigne. Sua tese de doutorado foi editada em 1908 pela Librairie Hachette com o título *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*¹⁴ em dois volumes: volume 1, *Les sources et la chronologie des Essais*; volume 2, *L'évolution des Essais*.

No primeiro volume, *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*, no qual estuda as fontes, as leituras e o método de Montaigne, Villey estabelece seu papel no movimento das ideias morais do século XVI. Faz o levantamento completo das

¹³ Abreviamos (MM₁) quando nos referirmos a esse texto.

¹⁴ VILLEY, P. *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*, v.1 e v. 2. Paris : Hachette, 1933. Os dois volumes podem ser acessados pela Internet no sítio de Gallica da BNF.

fontes de Montaigne (catalogue méthodique, p. 243-271) que permitiria estabelecer uma cronologia para os *Essais*. Esse catálogo é reproduzido parcialmente na edição de 1922-1923 e inteiramente em todas as seguintes. Villey (1908, p. VIII) afirma:

En effet, les sources nous donneront des indications sur la chronologie; de plus elles nous permettront d'analyser la méthode de composition de Montaigne, de pénétrer dans l'intimité de son cabinet de travail, enfin et surtout elles nous révéleront ses lectures, et ses lectures éclaireront le chemin parcouru par sa pensée, elles nous aideront à comprendre ses transformations en nous montrant quelques-unes des influences qui les ont déterminées.

O trabalho é assim imenso. Ele só é possível na medida em que Montaigne cita fielmente seus empréstimos. Montaigne foi um grande leitor e Villey cataloga mais de 250 dessas obras que serviram, seja por empréstimo direto ou de fonte segunda, para a construção dos *Essais*. Segundo Villey (1908, p. IX):

J'ai simplement cherché à reconnaître les transformations de la pensée de Montaigne, de sa méthode de travail, du genre littéraire qu'il a créé, à expliquer ces transformations par ses lectures, par sa biographie, par son milieu, que la lecture des ouvrages contemporains m'a permis de mieux connaître.

Toda essa erudição e conhecimento são visíveis nos 'comentários explicativos' que introduzem os capítulos. A página de rosto apresenta o nome Montaigne separado do título quando, como observamos anteriormente nas edições mais antigas o título se confunde com o nome do autor.

Com prefácio de Verdun L. Saulnier, especialista em literatura francesa do Renascimento, uma nova edição é preparada e reeditada em 1965, em 3 volumes, sob a direção de V.-L. Saulnier. Nas palavras do próprio Saulnier (2004, p. XVIII-XIX):

(...) Il a fallu du coup refaire entièrement l'index: on en a profité pour le retoucher sur certains points où la retouche ne prête pas à contestation. D'autre part, l'admirable texte de Villey présentait peut-être, avec ses repères marginaux (A B C) et ses astérisques en plein texte, ses renvois « n » aux commentaires en fin de volume, outre les appels (par numéro) aux notes philologiques de bas de page, une face un peu incombée. Nous avons supprimé les appels « n » (mais précisant, dans les commentaires en fin de volume, la localisation des remarques); par la place où sur, une ligne, on

passé d'un état de texte à un autre, nous supprimons les mentions marginales et plaçons le signe en question (A B C) à sa juste place dans le texte, au lieu de l'astérisque de renvoi. Appréciable, l'économie d'encombrement ainsi réalisée ne défigure absolument pas l'ouvrage.

No prefácio, Saulnier (2004, p. XVII-XVIII) fala do texto nestes termos:

De pareil texte, il est évidemment exclu que jamais personne puisse donner une édition rendant toute autre superflue. [...] Parlant de textes anciens et singulièrement du XVI^e siècle j'admire surtout comme il est nécessaire de le faire savoir, le nombre est infime, des rééditions modernes dont nous puissions dire avec quelque assurance qu'elles représentent assez exactement un état de texte conforme à ce que voulut l'auteur, ou qu'il eut un jour sous les yeux.

Em 2004, com um prefácio e um suplemento (*Plan des Essais*) de Marcel Conche, é lançada em um único volume (Figura 8) na coleção “Quadrige”, PUF, guardando a mesma paginação da edição de 1965 que foi usada para a tradução de Rosemary Costhek Abílio. A edição PUF 2004 será utilizada quando nos referirmos à edição Villey-Saulnier.

Montaigne

Les Essais

ÉDITION CONFORME AU TEXTE DE L'EXEMPLAIRE DE BORDEAUX
*avec les additions de l'édition posthume, l'explication des termes vieillis
et la traduction des citations, une étude sur Montaigne,
une chronologie de sa vie et de son œuvre,
le catalogue de ses livres et la liste des inscriptions
qu'il avait fait peindre dans sa librairie,
des notices, des notes, un appendice sur l'influence des Essais, et un index*

PAR PIERRE VILLEY

*sous la direction et avec une préface
de V.-L. Saulnier*

augmentée en 2004 d'une préface et d'un supplément
de Marcel Conche

QUADRIGE / PUF

Figura 8 – Página de rosto da edição de 2004 (edição Villey-Saulnier)

2.2. A edição Thibaudet

Albert Thibaudet foi um dos críticos literários franceses mais apreciados de seu tempo (final do século XIX, primeiro quarto do século XX). Fazem parte de suas reflexões a crítica (*Physiologie de la critique*, 1930) e a história (*Histoire de la littérature française de 1789 à nos jours*, 1936), embora tenha escrito sobre os mais variados assuntos.

O volume único é a primeira edição de bolso dos *Essais*, conforme as notas preliminares de A. Thibaudet (1937, p. 7),

Cette édition est la première édition de poche des *Essais* en un volume. On a appelé plusieurs centaines de fois les *Essais* un bréviaire. S'ils ont en effet l'âme d'un bréviaire, il restait à leur donner le corps.

Baseada no Exemplar de Bordeaux comporta uma cronologia de Montaigne, p. 11-23, e Notas bibliográficas, p. 1091-1095. A edição apresenta no corpo do texto os acréscimos feitos por Montaigne: de (a) 1580 a (b) 1588 e (c) 1595. Esta última, segundo Thibaudet e que confirma a proposta de Villey, permanece fundamental para o estabelecimento do texto de Montaigne, principalmente porque a tesoura do encadernador do Exemplar de Bordeaux suprimiu algumas palavras e algumas passagens que Montaigne escrevera em folhas avulsas cuja localização é comprovada por sinais especiais e que foram perdidas.

A alma de um texto lido com frequência comportaria as marcas dessa leitura – as letras (a), (b) e (c). Assim, Thibaudet (1937, p. 24) afirma numa pequena nota introdutória:

Il va de soi que cette différenciation des trois couches de texte n'a qu'une valeur pratique, et qu'elle est destinée au lecteur courant. Elle ne tient pas compte des très menues différences entre les trois textes (ainsi que le fait

Armaingaud, plus proche, lui, de ce texte intégralement critique qui n'a pas été encore établi.

As traduções das citações de Montaigne são feitas em notas de rodapé e nem sempre coincidem exatamente com as traduções da edição Villey-Saulnier. A ortografia corresponde à da edição de 1588 para as partes impressas e para as partes manuscritas, foi adotado o sistema de Villey que segue a ortografia da edição de 1595. Segundo Thibaudet (1937, p. 8), “L’orthographe personnelle du manuscrit telle que le reproduit avec raison l’Édition Municipale, risquerait de dérouter la lecture courante”.

É interessante notar que as notas de tradução e as traduções das citações de Montaigne diferem de uma edição para outra. Assim, notamos a presença do comentarista, no caso também tradutor, no paratexto. Thibaudet (1937, p. 9) afirma que teve cuidado com as traduções “des passages d’auteurs latins et italiens cités par Montaigne” e precisa:

[...] Il faut tenir compte en effet de ceci, qu’en dehors des professeurs, dix-neuf lecteurs de Montaigne sur vingt ne regardent pas le texte et vont immédiatement à la traduction. [...] Les mètres lyriques se traduiront sans règles fixes tantôt par des alexandrins, tantôt par des décasyllabes, tantôt par des vers de huit syllabes. Il suffit d’abord que le rythme français cousine plus ou moins avec le rythme latin, ensuite que ce rythme soit uniforme dans le même fragment, enfin qu’il soit reconnaissable facilement pour une oreille française. [...] Pour les passages en prose, nous nous sommes contenté de chercher la précision et la clarté.

MONTAIGNE ESSAIS

TOMBO... : 34848

SBD-FFLCH-USP
BIBLIOTECA DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS SOCIAIS

TEXTE ÉTABLI ET ANNOTÉ PAR
ALBERT THIBAUDET

Figura 9 – Página de rosto da edição de 1937 (edição Thibaudet)

Vejamos um exemplo das traduções do latim para o francês:

Omnes eodem cogimur, omnium Versatur urna, serius ocius Sors exitura et nos in æter- Num exitium impositura cymba. (Horace, Odes, II, 3, 25):	Tous poussés vers la même issue , notre sort s’agite dans l’urne. Il en sortira, nous mettra dans la barque et la mort éternelle. (tradução THIBAUDET)	Tous nous sommes poussés au même lieu ; pour tous, notre lot est agité dans l’urne ; il en sortira, tôt ou tard, et fera monter dans la barque [de Caron] pour l’éternelle mort (tradução RAT)	Tous nous sommes poussés au même terme ; tous, de l’urne qui s’agite, plus tôt ou plus tard, nous verrons sortir notre billet qui nous enverra par la barque de Caron dans la mort éternelle. (tradução VILLEY-SAULNIER)
---	--	--	--

Essas incursões nas citações de Montaigne são, assim, traduções e interferências da ordem das reformulações. A tendência aqui parece ser da explicação do texto de origem, uma vez que o leitor se dirige preferencialmente para a tradução, conforme diz Thibaudet. A justificativa é facilitar a leitura.

2.3. A “tradução” Michaud¹⁵

A edição de 1907 dos *Essais de Michel de Montaigne* (Figura 10), acompanhada da tradução em ‘langage de nos jours’ pelo Général Michaud caracteriza-se por apresentar o texto de Montaigne e uma tradução do texto montaigneano. Denominada “self-edition”, é composta por quatro volumes, in-8vo: primeiro volume – prefácio, índice geral dos capítulos, texto e tradução do ‘prólogo’ até, inclusive, o capítulo 6 do livro II; o segundo volume comporta o texto e a tradução do capítulo 7 do livro II até o capítulo 35 do mesmo livro; o terceiro, do capítulo 36 do livro II até o final do livro III. O quarto volume contém uma ‘nota explicativa’ sobre Montaigne, os *Essais* e as ilustrações; sumário dos capítulos; quadro de citações; as variantes; o espírito dos

¹⁵ Doravante abreviamos (MM₂) quando nos referirmos a esse texto.

Essais; notas e glossário¹⁶. A edição apresenta o “Que sçay-je?”, o brasão e retrato de Montaigne; na página de rosto temos: *Essais de Montaigne*. Texte original, accompagné de la traduction en langage de nos jours, par le G^{al} Michaud. Premier volume. Paris, Librairie Firmin-Didot et C^{ie}, Editeurs. 1907. (self-édition*) Édition se suffisant à elle même. Doravante abreviamos (MM₂) quando nos referirmos a esse texto. O primeiro volume contém 57 capítulos, 710 páginas, Notas preliminares (p. I-IV). O capítulo 40 “*Que le goût des biens et des maux dépend en bonne partie de l’opinion que nous en avons*” aparece deslocado em relação às outras duas edições (Thibaudet e Villey) nas quais corresponde ao capítulo 14. Apresenta lado a lado o texto de Montaigne e a tradução em francês “*de nos jours*”. As citações são todas traduzidas e incorporadas ao texto.

¹⁶ O texto foi consultado em formato eletrônico no site Archive.org. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/essaisdemontaign01mont#page/0/mode/2up>

Figura 10 – Página de rosto da edição de 1907 (edição Michaud)

Em nota explicativa que antecede o curto prefácio datado de 1906, Michaud (1906, p. 9) escreve:

Ce volume, indépendant des autres, est susceptible par sa contexture d'être aisément utilisé avec n'importe quelle édition des *Essais* ancienne ou moderne, moyennant un simple tableau de concordance de pagination facile à établir soi même.

No prefácio, Michaud (1907, p. I) salienta que essa edição dos *Essais de Montaigne* apresenta o texto original, edição de 1595¹⁷ e a tradução em linguagem 'de *nos jours*' com resumos (notas explicativas) intercalados;

[...] un ensemble de ces mêmes sommaires, les citations classées par ordre alphabétique, de très nombreuses notes hors texte inédites et autres ; un glossaire ; un lexique de noms propres, avec index analytique des principales matières, etc.; enfin, une notice sur l'auteur et sur son oeuvre.

A leitura do prefácio deixa claro que se trata de tornar o texto acessível ao maior número de pessoas, mesmo acreditando que envelheceu: "*Certainement Montaigne a vieilli*"; e Michaud (1907, p. I-II) acrescenta:

Plus on s'éloigne de l'époque où il écrivait, moins elle demeure facilement intelligible, en raison des mots et des tournures de phrase hors d'usage qui s'y rencontrent en grand nombre, surtout quand il disserte, au lieu de raconter. Déjà en 1790, un de ses éditeurs disait, sans cependant le réaliser, « qu'il fallait mettre les *Essais* à la portée de ceux auxquels manque le loisir de les déchiffrer »

No índice geral, os títulos dos capítulos são apresentados com nota explicativa. Na nota introdutória desse índice, Michaud (1907, p. 1) escreve:

Les en-tête des chapitres sont ceux du texte original; la traduction ne suit qu' si elle en diffère. Les indications entre parenthèses sont celles de l'idée principale qui est traitée dans le chapitre: elle n'est pas mentionnée que lorsque l'en-tête même ne l'a pas fait ressortir suffisamment; ces mêmes indications, classées par ordre alphabétique, sont reproduites après la présente table, dans une annexe.

¹⁷ a nota da página 14 especifica que o texto original foi copiado do exemplar da edição 1595 (editada em Paris por Abel L'Angelier), pertencente à Bibliothèque Nationale, nº 15 da coleção Payen (adquirida em junho de 1870, após a morte do bibliófilo).

Assim, por exemplo, o capítulo 2 “Nos affections s’emportent au delà de nous” é acompanhado do seguinte apontamento:

Nous prolongeons nos affections et nos haines au delà de notre propre durée (Préoccupations continues que nous avons de ce qui peut advenir, après notre mort, des choses auxquelles nous nous intéressons pendant la vie; dans quelle mesure nous devons aux rois notre obéissance et notre estime; du soin de nos funérailles)

Além dessas anotações que acompanham os “títulos” no índice, os parágrafos do texto traduzido são precedidos de pequenos comentários marcados por negrito. Assim, no capítulo 1 “Par divers moyens on arrive à pareille fin”, traduzido por “Divers moyens mènent à même fin”, os 5 primeiros parágrafos são precedidos da seguinte frase: “La soumission vous concilie d’ordinaire ceux que vous avez offensés; parfois une attitude résolue produit le même résultat” (MONTAIGNE, 1907, p.17). O conjunto desses comentários explicativos é, segundo Michaud, necessário à compreensão do texto original. No dizer do próprio Michaud (1907, p. III, grifo nosso),

Dans les *Essais*, les en-tête des chapitres n’ont que rarement un rapport tel avec les sujets si divers qui y sont traités [...] ; la table qui en a été faite et son annexe constituent un fil conducteur simple et utile, pour s’orienter dans *ce fouillis inextricable par lui-même*.- L’ensemble des sommaires ajoute à cette première facilité et la complète en faisant ressortir la liaison, *toujours si difficile à saisir dans ce pêle-mêle de pensées ingénieuses, mais jetées le plus souvent sans ordre et au hasard* [...]; d’autant que des renvois, établis paragraphe par paragraphe, reportent, sans hésitation, au texte lui-même.

A preocupação é clara: tudo é feito para facilitar a leitura do texto de Montaigne. A questão é tornar o texto compreensível, como sugere o grifo feito por nós, uma vez que é preciso um ‘fio condutor’ que possa guiar o leitor no emaranhado inextricável de ideias engenhosas, mas jogadas em desordem e a esmo, nas palavras de Michaud. Essa preocupação vai de encontro, como veremos mais adiante, com a de Sérgio Milliet e

que poderia de certa forma justificar a escolha dessa edição para compor sua tradução para o português brasileiro.

O conjunto das notas, traduções das citações latinas e gregas, índices, léxico, etc, que se encontram anexados ao texto original são retirados de edições anteriores. Um glossário foi acrescentado a esse conjunto. Os sumários estabelecidos por Amaury-Duval na edição de 1820-22 são reproduzidos por Michaud (1907, v.4, p. B3, grifo nosso):

[...] Amaury-Duval, dans son édition 1820-22, a établi ses sommaires par chapitre et les a placés en tête de chacun d'eux ; il a pu notamment, leur donner de la sorte plus de précision et une liaison qui leur manquait jusqu'alors. Mais la lecture de Montaigne ne se fait guère par chapitre ; on l'ouvre au hasard et là où le livre s'est ouvert, on lit.

Ces considérations nous ont amené à intercaler ces sommaires dans la traduction, ce qui a permis de les libeller d'une façon plus intelligible, tout en respectant la physionomie du texte original [...] *ils donnent ainsi une idée de l'ensemble que l'on ne peut se former en le lisant, en raison des nombreuses digressions et intercalations qui s'y trouvent.*

Les sommaires de la présente édition sont pour la plupart reproduits le plus souvent textuellement d'Amaury-Duval, il eût été, en effet, difficile de faire mieux

Percebemos que a intenção de Michaud será tornar Montaigne “inteligível” o que justifica a introdução de comentários explicativos colocados em negrito no início do parágrafo e intercalados no próprio texto, como no exemplo seguinte:

L'éducation de l'enfant doit commencer dès le bas âge ; il est difficile de préjuger par ses premières inclinations de ce qu'il sera un jour ; aussi faut-il ne pas y attacher trop d'importance. — Je commence donc. Quelqu'un, ayant vu mon précédent chapitre sur le pédantisme, me disait chez moi, l'autre jour, que je devais avoir des idées faites sur l'éducation des enfants. Si, Madame, j'avais quelque qualité pour traiter un pareil sujet, je ne pourrais mieux en user que d'en faire présent à ce cher petit homme qui va prochainement naître heureusement de vous (car c'est un fils que vous aurez tout d'abord, vous êtes trop généreuse pour commencer autrement). J'ai pris tant de part aux négociations qui ont amené votre mariage, que j'ai quelque droit à m'intéresser à la grandeur et à la prospérité de tout ce qui peut en advenir. (...) (I, 25, 233) (MM₂)

O comentário neste caso encontra-se no corpo do texto resumindo a “ideia geral” do parágrafo ou grupo de parágrafos.

A tradução de Michaud coloca de maneira aguda o estatuto problemático do tradutor em relação ao autor e ao texto de origem. A intromissão no texto de Montaigne é explicada pela necessidade de clareza que, segundo o tradutor, falta ao texto.

CAPÍTULO 3 - AS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ao tratar da tradução, pode-se fazê-lo, como é comum, sem perceber o estatuto daquele que a produziu imediatamente: o tradutor. No nosso caso, a figura do tradutor nas duas primeiras traduções para o português brasileiro, não passa despercebida. Sérgio Milliet e José Maria de Toledo Malta são de fato, cada um em sua especificidade, escritores que participam da formação da literatura nacional.

A tradução sobre a qual recai nosso interesse é a de Sérgio Milliet, pelas controvérsias e debates que suscitou, como também pela ‘tempo de vida’ do qual desfrutou. Embora a tradução de José Maria de Toledo Malta date da mesma época, a de Milliet conhecerá um número maior de reedições. Sem dúvida, um levantamento da importância dessa edição enquanto referência para trabalhos nas ciências humanas seria necessário para completar a crítica sobre a tradução Milliet.

A primeira impressão de que as traduções brasileiras do texto de Montaigne seriam feitas a partir de um único texto de origem, ou de um texto similar, verificou-se, na verdade, incorreta. Observando as diferenças entre os textos traduzidos para o português brasileiro, nos questionamos sobre a possibilidade de haver mais de um texto ‘original’ tomado como base para as traduções.

3.1. A tradução de Sérgio Milliet¹⁸

Sérgio Milliet (1898-1966) foi poeta, ensaísta, crítico e tradutor. Conforme escreve Massaud Moisés (2004, p. 122):

Escreveu inicialmente em francês (...), na linha da poesia simbolista. Cultivou a irreverência vizinha da prosa, não sem trair um fundo de tristeza, resíduo simbolista que o seu temperamento sedimentou e perpetuou. (...) Era então evidente um cosmopolitismo que, sustentado nessa entranhada melancolia, faz dele um modernista histórico, epidermicamente sintonizado com o clima da época, para quem ser modernista era sinônimo de falar em trilhos automóveis e estradas de rodagem (...)” (2004, p. 122). Embora tenha uma produção poética importante, é como crítico que se sobressai e “onde os juízos, a despeito da tendência para distribuir elogios a torto e a direito, sobretudo para estreantes, não raro se amparam em bom gosto e finas intuições, que o tornam um dos críticos mais atuantes e respeitáveis da década de 1940.

A tradução de Sérgio Milliet “*Ensaaios*” (Figura 11), é considerada clássica. Editada em 1961 pela Editora Globo de Porto Alegre, Biblioteca dos Séculos, 3 volumes (v.1. Precedido de “Montaigne – o homem e a obra” de Pierre Moreau.- v.2. Precedido de “Os ensaios de Montaigne” de Pierre Villey.- v.3. Precedido de “Para conhecer o pensamento de Montaigne”, de Maurice Weiler), foi reeditada em 1972 pela Abril Cultural de São Paulo e mais tarde pela Editora Abril e pela Editora da Universidade de Brasília/Hucitec, 1987, reeditada várias vezes.

¹⁸ Abreviamos (SM) quando nos referirmos a essa tradução.

BIBLIOTECA DOS SÉCULOS

MONTAIGNE

ENSAIOS

LIVRO I

Edição baseada no texto original estabelecido por ALBERT THIBAUDET para a
"Bibliothèque de La Pléiade", em confronto com o texto anotado pelo
General MICHAUT (Edições Firmin Didot, Paris, 1907)

Tradução, Prefácio e Notas lingüísticas e interpretativas de
SÉRGIO MILLIET

Precedido de "MONTAIGNE — O HOMEM E A OBRA" de
PIERRE MOREAU

Com 16 ilustrações fora do texto

EDITORA GLOBO
RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE — SÃO PAULO

Figura 11 – Página de rosto da tradução Sérgio Milliet

A página de rosto mostra o título: Biblioteca dos Séculos. Montaigne, *Ensaaios*, Livro I, Edição baseada no texto original estabelecido por Albert Thibaudet para a “Bibliothèque de La Pléiade”, em confronto com o texto anotado pelo General Michaut¹⁹ (Edições Firmin Didot, Paris, 1907). Tradução, prefácio e notas linguísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Precedido de “Montaigne – O homem e a obra” de Pierre Moreau. Com 16 ilustrações fora do texto. Editora Globo; Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo.

Segundo alguns críticos da tradução de Milliet, ele “toma certas liberdades” em relação ao texto de origem. A questão que se coloca aqui é recorrente na história da tradução: a fidelidade do tradutor ao texto original. Como já dissemos anteriormente, não pensamos que seja possível nem a fidelidade nem a literalidade, ou seja, a conformidade à letra do texto, pois a repetição de um enunciado já é uma nova enunciação, marcada por diferenças em vários níveis.

No período em que foi traduzido, a partir de 1955, tratava-se de tornar Montaigne acessível aos brasileiros e mostrar sua contemporaneidade ou atualidade. Milliet teve provavelmente contato com o texto já na década de 1940 quando traduz *Pensamento vivo de Montaigne* de André Gide (1943). Segundo Campos (1996, p. 185) é possível que o conhecesse desde sua juventude quando estudou em Genebra. Ainda segundo Campos (1996, p. 205), “[...] há a preocupação de bem explicitar o que diz Montaigne”.

É a partir da década de 1940 que Milliet “encontra” Montaigne quando traduz o *Pensamento vivo de Montaigne* de André Gide; falando do *Diário Crítico* de Milliet, Regina Salgado Campos (1996, p. 183) assinala:

¹⁹ Não corrigimos o nome de Michaud que aparece escrito “Michaut” na tradução de Milliet.

No rodapé de 1943, a primeira parte é dedicada às observações de Saint Beuve sobre o público leitor de sua época e acidentalmente é que Montaigne é citado. Entretanto, na segunda parte do rodapé, Milliet explica por que introduziu Montaigne: “ ... deve-se ao fato de ter eu andado às voltas com alguns trechos de os ‘Essais’ ” (p. 197). Não especifica o motivo pelo qual isso ocorre, mas indica seguramente a fase em que está ocupado com a versão para o português do Brasil do livro de Gide *Pensamento vivo de Montaigne*.

A intenção de Sérgio Milliet foi apresentar Montaigne ao público brasileiro. E, talvez se trate de recriação e não simplesmente tradução, como salienta Carlos Guilherme Mota (1996, p.9, grifo nosso):

Montaigne, Sartre e Simone de quem Sérgio Milliet foi tradutor notável, o melhor de todos, dando com isso lição do ofício, *recriando-os* nesta nossa magnífica língua. Tradutor que incorporou com profundidade tudo o que tinham aqueles escritores de melhor, a começar pelo conceito de vida e cultura, inseparáveis em sua biografia.

Segundo Regina Salgado Campos (1996, p. 187),

Milliet precisa apresentar para o grande público brasileiro, que provavelmente o ignora, um autor francês do século XVI. Um dos grandes temas que ele aborda para convencê-lo da importância de Montaigne e do interesse que ainda pode ter hoje a leitura de sua obra é justamente o da atualidade de Montaigne.

Um autor que já era seu conhecido desde a juventude e que Milliet trata como sendo “atual”, quando percebe as relações conflituosas das diferentes épocas (segunda metade do século XVI e primeira metade do século XX). Também é visto como “precursor” da sociologia.

Sérgio Milliet se baseou em duas publicações diferentes dos *Essais* para compor sua tradução: a edição de Thibaudet e a de Michaud. É certo que Milliet, concomitantemente à sua tradução, tenha tomado conhecimento dos estudos feitos sobre texto de Montaigne, principalmente por Villey como sugere o texto “Os ensaios de Montaigne” que prefacia o volume 2, assim em uma nota preliminar Milliet (1961, p. 96) escreve:

Tendo sido feita a tradução em linguagem atualizada dos Ensaaios, de conformidade com o texto da edição da Pléiade, confrontado com o texto anotado pelo general Michaut, e, somente bem mais tarde, a dos estudos de Pierre Moreau, Pierre Villey e Maurice Weiler, nem sempre coincide literalmente com as citações desses autores a versão portuguesa. São elas, entretanto, fiéis ao espírito senão à letra do texto original. O leitor não terá dificuldade em identificá-las, quando necessário.

Note-se que Sérgio Milliet diz ser fiel ao espírito do texto original. Fica claro que o que toma por “texto original”, na verdade, é uma combinação entre os dois textos que utiliza na tradução. Essa maneira de traduzir, pouco comum, pode indicar uma forma de comentário crítico explícito ao texto montaigneano.

O volume I compreende além de “Montaigne – o homem e a obra” de Pierre Moreau (p. 2-94), um prefácio de Sérgio Milliet (p XI-XIV), no qual faz logo de início alusão aos impasses ideológicos que dividem o mundo em duas posições antagônicas e conflituosas e que tornariam do texto montaigneano oportuno para aquele início dos anos 1960, Milliet (1961, p. XI) afirma:

Em um dos estudos mais inteligentes que se escreveram sobre Montaigne, observa André Gide que a importância de um autor “depende não somente de seu próprio valor, mas ainda – e muito – da oportunidade da mensagem”. Isso explica sem dúvida o interesse que de imediato despertam os Ensaaios, mas não justifica o apreço em que até hoje é tido o livro. As ideias, então novas e ousadas, e que exprimiam com felicidade o clima renascentista, embora hoje nos pareçam corriqueiras, continuam de atualidade, principalmente quanto a certos conflitos ideológicos e certas situações político-sociais. Montaigne viveu numa época de transição como a nossa [...] Ele assistiu, como estamos assistindo, uma revisão total dos valores morais e materiais do mundo, viu morrer uma classe e nascer outra [...]

O que estava em jogo talvez fosse a prudência, a oposição ao dogmatismo e às intransigências, em que o pensamento de Montaigne e de Milliet se aproximariam. Essa prudência que muitos criticam em Montaigne (e talvez em Milliet) e que Motheau (1886, p. CIV) assim traduz:

Montaigne, disons-nous, s'il fut coupable, ce ne peut être que de n'avoir pas été un héros.
Puis quoi ! L'idée prime le fait : on compte par le monde beaucoup de héros contre un écrivain de génie.

3.2. A tradução de José Maria de Toledo Malta²⁰

Toledo Malta era conhecedor da obra de Montaigne e como diz a Nota da editora que introduz a *Seleção dos Ensaios de Montaigne* (1961, p. XVIII):

Como latinista, traduziu algumas odes de Horácio e várias passagens do poema de Lucrécio, *De Natura Rerum*, mas seria como um dos introdutores de Montaigne em nossa língua que seu nome viria a ligar-se definitivamente à história de nossas letras. Afeiçoado desde moço aos Ensaios dedicou a última fase de sua existência a traduzi-lo sob um critério seletivo, identificando-se ao máximo nessa tarefa com o espírito, o gênio, a forma e o sabor clássico de Montaigne.

O título da tradução²¹ indica tratar-se de uma escolha entre os ensaios cujos critérios de seleção nos são desconhecidos. Em 3 volumes, foi editada pela Livraria José Olympio Editora em 1961, mesmo ano em que é lançada a tradução de Sérgio Milliet para a Editora Globo. Apresenta um prefácio de Léo Vaz (p. VII-XIII), notícia biográfica de Michel de Montaigne (p. XIV-XVI), nota da editora (p. XVII-XVIII) e nota do autor (prólogo) (p. XIX).

Dos 57 capítulos originais do primeiro livro restaram 27 (foram eliminados: 4; 5; 6; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 28; 32; 33; 34; 35; 37; 39 até 57) e foram acrescentados 10 dos 11 capítulos iniciais do segundo livro (exceto o capítulo 9). Assim, o tomo I da *Seleção* é composto de 37 capítulos tomados do Livro I e do Livro II dos *Essais de Michel Montaigne*. Logo abaixo dos títulos, no corpo do texto, apresenta a numeração

²⁰ Abreviamos (TM) quando nos referirmos a essa tradução.

²¹ A tradução de Toledo Malta acrescentou-se ao trabalho graças às indicações da Prof^a Dr^a Regina Salgado Campos.

dos capítulos originais, mas não a coloca no sumário. A ordem em que aparecem na tradução corresponde à da edição de 1595, mas não há indicação explícita do texto de origem. Outras indicações da fonte utilizada para a tradução se encontram na p. 175 (Liv. I, Cap. XL) e no prólogo que mantém a data “12 de junho de 1580”: um erro, segundo vários comentaristas de Montaigne, como lembra Maurice Rat (1948, p. 1) em nota de rodapé da edição Garnier:

Les exemplaires de 1595 qui contiennent cette préface (car elle ne figure pas dans la plupart) portent : ce 12 juin 1580, qui ne correspond à rien. On lisait dans celle de 1588: ce 12 juin 1588.

São 303 páginas. Das 356 notas de rodapé, 135 são notas de tradução (na maioria das vezes explicam o léxico).

Léo Vaz (1961, p. IX) prefacia a tradução de Toledo Malta e afirma:

[...] raro espírito de universal curiosidade, que o punha à vontade em todos os setores do humano conhecimento [...] leitor incansável, conhecia de leitura assentada e atenta, os autores de assuntos, de índoles e de épocas mais variadas da nossa língua, do que é magnífico atestado a roupagem comicamente seiscentista com que vestiu a sua Mme Pommery.

Figura 12 – Página de rosto da tradução Toledo Malta

E o próprio Léo Vaz acrescenta (1961, p. XI-XII):

E eis aí como o velho Montaigne veio a encontrar no Brasil, o mais habilitado dos seus tradutores de língua portuguesa. Não que escasseiem escritores competentes, assaz afeitos à literatura e pensamentos franceses, para a empresa de verter para a nossa língua, de modo escorreito, os Ensaíes. Mas dificilmente se encontraria outro em que se reunissem eventualmente tantos requisitos intelectuais e circunstanciais que tão bem o qualificassem para a tarefa.

Essa roupagem seiscentista com que Toledo Malta reveste sua Madame Pommery²² é, segundo Beth Brait (1996, p. 146), tributária de uma leitura de Montaigne:

As alusões a Montaigne, presentes por meio de diferentes estratégias discursivas, desdobram-se na narrativa.

A primeira citação explícita se dá logo no quarto parágrafo do primeiro capítulo, momento em que o narrador, dirigindo-se ao leitor, esclarece: “Convençam-se todos. Este livro é um livro honesto e de boa fé. Se eu quisesse ter-lhe-ia dado aquela epígrafe de Montaigne: C’est icy un livre de bonne foy, lecteur” (Tácito, 1992: 34).

[...] esse começo de narrativa põe em movimento diferentes formas de recuperação do já-dito [...].

3.3. A tradução de Rosemary Costhek Abílio²³

A tradução de 2000/2001 de Rosemary Costhek Abílio composta em 3 volumes, editada pela Editora Martins Fontes (Figura 13), é feita tomando como texto de origem a edição estabelecida por Pierre Villey sob a direção e com prefácio de V.-L. Saulnier para Presses Universitaires de France, edição de 1965 com base na edição de 1922/1923 dos *Essais de Michel de Montaigne*.

²² Toledo Malta adota o pseudônimo de Hilário Tácito quando escreve Mme Pommery. Foi publicado em 1919, pela Editora Monteiro Lobato e Companhia.

²³ Abreviamos (RCA) quando nos referirmos a essa tradução.

OS ENSAIOS

Livro I

Montaigne

*Edição conforme com o texto do exemplar de Bordeaux
com os acréscimos da edição póstuma, explicação dos termos
arcaicos, tradução das citações, um estudo sobre Montaigne, uma
cronologia de sua vida e obra, a lista das inscrições que mandou
pintar em sua biblioteca, observações introdutórias
aos capítulos, notas e um índice.*

POR PIERRE VILLEY
sob direção e com prefácio de V.-L. Saulnier

Tradução
ROSEMARY COSTHEK ABÍLIO

Martins Fontes
São Paulo 2000

Figura 13 – Página de rosto da tradução Rosemary C. Abílio

Embora não tendo acesso à edição de 1965, a edição 2004 da “Collection Quadriga”, PUF, com a qual trabalhamos para comparação dos textos em francês, é similar, guardando inclusive a mesma paginação.

O volume I compreende: “Montaigne e Villey novamente” (p. XXXV-XL), Nota do Editor (1930) Pierre Villey (p. XLI-L), “A vida e a obra de Montaigne” (p. LI-LXXX), da Cronologia sumária da vida de Montaigne (p. LXXXI-XC), Lista das sentenças inscritas nas vigas da biblioteca de Montaigne (p. XCI-XCVIII), explicação dos sinais (p. XCIX), “À guisa de introdução” (p. XI-XIX), de Cláudia Vasconcellos e uma introdução à nova tradução de Adone Agnolin, “A ‘razão tênue’ de Montaigne” (p. XXI-XXXIII).

Na página L (Nota do Editor – 1930), por algum motivo é suprimido o último parágrafo no qual são fornecidas informações bibliográficas de alguns estudos sobre Montaigne feitos por Villey e outros autores. As 13 páginas do “Catalogue des livres de Montaigne” assim como um “Appendice au catalogue des livres de Montaigne” são suprimidos. Seguem quinze páginas sobre “A vida e a obra de Montaigne”. São 181 notas de tradução.

Ao contrário dos tradutores das edições dos anos 1960, cujos nomes aparecem na capa, o nome do tradutor só aparece na página de rosto. Essa nova tradução, como toda nova tradução, comporta uma crítica às anteriores. O seguinte comentário da revista VEJA²⁴, logo após o lançamento do livro, faz críticas mais severas à tradução de Sérgio Milliet:

[...] Esta tradução da obra é a primeira realmente completa e confiável no Brasil. Embora agradável, a versão disponível no mercado, de Sérgio Milliet,

²⁴ In: http://www.abril.com.br/idade/veja_recomenda/230800/livros_ensaios.html

toma muitas liberdades e tem alguns deslizes. A nova, assinada por Rosemary Costhek Abílio, parte da melhor edição francesa de Montaigne e reproduz em português não apenas as ideias, mas também a beleza da escrita do filósofo.

Como em outros comentários sobre Montaigne, na introdução do livro I, é reiterada a necessidade do aparato crítico que a edição Villey acrescentou aos *Essais de Michel de Montaigne*. Cláudia Vasconcellos (2000, p. XII-XIII) escreve:

O mesmo Pierre Villey é responsável pela presente edição da editora Martins Fontes. Enriquecida pelas pesquisas abrangentes de *As fontes ...*, esta edição apresenta um sólido corpo de informações que orienta a leitura do texto, e que se tornou hoje imprescindível para o bom discernimento da obra. (...) O leitor brasileiro, portanto, tem à mão a tradução de uma edição preciosa, usada, nos dias de hoje, pela maior parte da crítica.

Comentando a influência de Montaigne na literatura brasileira, Vasconcellos argumenta sobre a falta de literalidade das traduções anteriores, mesmo com todo o conhecimento que tinham os tradutores do texto montaigneano. A influência de Montaigne pode ser observada tanto no *Diário crítico* de Milliet quanto na *Madame Pommeroy* de Toledo Malta; e em nota de rodapé (nota 13), Vasconcellos (2000, p. XVII) acrescenta:

A tradução de Sérgio Milliet foge frequentemente da literalidade do texto. Sua tradução, apesar de fluente, não se dá ao interesse de leitores mais especializados, e que exigem maior precisão. A tradução de Toledo Malta, mais erudita, não abrange a obra completa de Montaigne. Malta apresenta uma seleta de ensaios, suprimindo às vezes parágrafos inteiros deles. Contudo são trabalhos de fôlego, que fazem parte da história do interesse brasileiro por Montaigne.

Em *A razão tênue de Montaigne*, (introdução à nova tradução dos Ensaios de Montaigne) Adone Agnolin (2000, p. XXI-XXII) afirma:

Traduzir é trazer para dentro da própria cultura, sociedade, discurso, língua, uma alteridade que pode passar por esse processo em vários níveis. (...) De fato, em alguns estudos dedicados à cultura tupi e/ou ao próprio Montaigne, tivemos ocasião de constatar uma grande inadequação (pouca

conformidade), em relação ao original francês, da velha tradução que Sérgio Milliet propôs, há muitos anos. Isso porque, se, como dissemos, faz-se muitas vezes necessária uma equilibrada liberdade de tradução, a desse tradutor revelou-se demasiadamente livre em relação a partes importantes dos Ensaíos: isso acabou por alterá-las a ponto de tornar-se impossível fazer, a partir de sua tradução, uma análise íntegra e transparente daquela obra difícil e preciosa (principalmente em relação ao seu tempo) do filósofo francês.

Crítica à “velha tradução” de Milliet, “demasiadamente livre” em relação ao que se pensou ser o texto de origem. Como já dissemos, seria interessante um estudo que constataste a influência do pensamento de Montaigne na produção intelectual brasileira (filosofia, história, direito, etc) feita a partir da leitura da tradução de Sérgio Milliet.

CAPÍTULO 4 – EM TORNO DA NOÇÃO DE REFORMULAÇÃO

A demanda social por conhecimento se estabelece na comunicação e é mediada pelos discursos. A tradução, pensada como tradução de discursos pode, de modo geral, ser pensada como atividade de difusão de uma comunidade para outra. Nesse sentido, seria a continuidade ou um prolongamento de discursos já existentes. Também sob esse ponto de vista, sua função é estabelecer a comunicação que, de outra forma, seria interrompida pelas barreiras culturais, históricas, geográficas, etc., colocando numa forma acessível, ao maior número de novos receptores, discursos produzidos em outras ‘culturas’.

Para compreender um discurso como o que desenvolve Montaigne no século XVI numa França atravessada pela guerra de religiões, pela peste, pelo conhecimento de um novo mundo que descortinava a existência do diferente e que permitia ao homem repensar sua própria existência, é preciso ler e interpretar, com as ferramentas de hoje, uma escritura que possuía outras ferramentas. Assim, ler/interpretar e escrever, no século XVI, com suas imposições culturais, o texto de origem seguinte:

[A] Ciceron dit que Philosopher ce n'est autre chose que s'aprester à la mort. C'est d'autant que l'estude et la contemplation retirent aucunement nostre ame hors de nous, et l'embesongnent à part du corps, qui est quelque apprentissage et ressemblance de la mort ; ou bien, c'est que toute la sagesse et discours du monde se resolt en fin à ce point, de nous apprendre à ne craindre point à mourir. De vray, ou la raison se mocque, ou elle ne doit viser qu'à nostre contentement, et tout son travail tendre en somme à nous faire bien vivre, et à nostre aise, comme dict la Sainte Escriture.(I, 20, 81) (MM₁)

Pode significar ler/interpretar e escrever como faz Michaud, reformulando na mesma língua (intralingual), no início do século XX, em outro espaço e tempo, outra cultura, outro homem:

Qu'est-ce que philosopher ? – Cicéron dit que philosopher, n'est autre chose que se préparer à la mort. Peut-être est-ce parce que l'étude et le recueillement reportent en quelque sorte notre âme en dehors de nous, et la dégagent du corps ; ce qui est un peu ce qui advient quand la mort nous atteint, et en est comme l'apprentissage ; ou encore, parce que toute la sagesse et la raison humaines aboutissent finalement à ce résultat, de nous apprendre à ne pas nous appréhender de mourir. A dire vrai, ou notre raison est en défaut, ou son but unique doit être notre propre satisfaction, et tout son travail tendre à nous faire vivre bien et à notre aise, ainsi qu'il est dit dans les saintes Écritures. (I, 19, 108-109) (MM₂)

E transportá-lo, como fez Milliet por meio de uma reformulação interlingual, traduzindo para a segunda metade do século XX, em outro espaço e tempo, outra cultura, outro homem, pode corresponder a:

Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso, talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-na do corpo, o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela. Ou então é porque de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer. Em verdade, ou nossa razão falha ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu trabalho tender para que vivamos bem, e com alegria, como recomenda a Sagrada Escritura¹. (I, 20, 158) (SM)

Ou então como pretende Rosemary Costhek Abílio, operando da mesma forma que a precedente, de uma língua para a outra, no início do século XXI:

[A] Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso porque de certa forma o estudo e a contemplação retiram nossa alma para fora de nós e ocupam-na longe do corpo, o que é um certo aprendizado e representação da morte; ou então porque toda sabedoria e discernimento se resolvem por fim no ponto de nos ensinarem a não termos medo de morrer. Na verdade, ou a razão se abstém ou ela deve visar apenas a nosso contentamento, e todo o seu trabalho deve ter como objetivo, em suma, fazer-nos viver bem e a nosso gosto, como dizem as Santas Escrituras. (I, 20, 120) (RCA)

Escrever um texto a partir de outro já existente implica, assim, em leituras de textos. A leitura, além da leitura comentada (próxima da explicação literal), pode vir acrescida de uma explicação histórica que informa sobre os conteúdos e esclarece as noções envolvidas: é uma contextualização (tempo e espaço); permite ainda abordar o

texto do ponto de vista da gramática, do léxico, do estilo, etc. Esse exercício antecede a apropriação do texto e restitui um possível sentido.

Finalmente, quem escreve deve ser situado em relação à escritura. Isso implica em recolocar sua atividade numa trama anteriormente compreendida, eventualmente através de uma sequência de leituras e identificar o trabalho de escritura, assim como foi feito com a leitura, como um processo aberto, sujeito a efeitos e variações e em constante construção. Quando a leitura é feita, carrega consigo todas as leituras anteriores, todas as palavras anteriores. Jean Peytard e Sophie Moirand (1992, p. 117-118) colocam da seguinte forma:

[...] Énoncer exige une stratégie communicative calculée en fonction de l'énoncé actuel et des énoncés virtuels de l'entour social, et cette stratégie s'inscrit dans l'espace de l'interdiscursivité. [...] à cette perspective ouverte sur l'analyse de discours correspondent les prémisses d'une théorie du mot, le mot étant analysé par M. Bakhtine comme toujours porteur « des mots » des autres, que le locuteur se doit d'évaluer dans son contexte d'usage social. [...] Ainsi, l'interdiscursivité implique « l'évaluation sociale » [...] Construire un énoncé exige du locuteur une évaluation socialement marquée : le mot n'est pas un « en soi », dont le dictionnaire propose la signification, le mot est une expression concrète, un « acte social ».

4.1. A noção de reformulação

A noção de reformulação como muitas noções utilizadas nas ciências humanas tem múltiplos sentidos, dependendo da perspectiva de tratamento (teórico, metodológico, tradutológico, etc.), podendo se tratar, por exemplo, de reformulação no plano do léxico, por exemplo, ou do discurso, o que nem sempre ajuda sua compreensão. Qualquer que seja o campo de estudo considerado, a reformulação implica um olhar reflexivo sobre uma produção discursiva anterior. Segundo Peytard e Moirand (1992, p. 76) a reformulação

[...] vise l'ensemble des calculs et des procédés qui transforment un discours en autre discours ; il désigne un espace interdiscursif et montre comment un discours s'élabore à partir d'un autre lui préexistant."

Ainda como indicam Beacco e Moirand (1995, p. 36):

[...] parce que les mots sont porteurs de mémoire, renvoient à d'autres textes et à diverses représentations, certains locuteurs «sélectionnent parmi les possibles une appellation ou, éventuellement deux, qui vont manifester leur position» ; et l'examen des contextes lexicaux démontre que «les mêmes vocables, dans des énonciations différentes et revendiquées par des énonciateurs différents, voire adversaires, ne sont pas porteurs des mêmes traits d'appréciation. Récusation et/ou adhésion marquent leur emploi en discours et le même mot, dans la bouche de telle convertie à l'Islam, voilée, n'aura pas la même valeur que dans celle d'un militant laïc refusant les signes extérieurs d'une conviction religieuse

Para que possamos delimitar o que neste trabalho entendemos por reformulação, partimos do princípio que ela só ocorre a partir de um texto pré-existente. Dessa forma, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 420-421)

A reformulação pode ser encarada (...) como um fenômeno enunciativo: um locutor retoma, reformulando-o, o discurso de um outro locutor, ou o seu próprio discurso. Estão concernidos os fatos do discurso citado (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre, ilhota textual), mas também o dialogismo, no sentido bakhtiniano do termo, inerente a qualquer produção discursiva. A reformulação é, por este viés, o vetor da heterogeneidade do discurso, seja ela "mostrada" (discurso citado) ou "constitutiva" (dialogismo), segundo a expressão de Authier (1982 a).

Em consequência, a reformulação será neste estudo determinada no plano do discurso, sendo analisada na perspectiva da enunciação. Para tanto, tomemos uma definição de discurso como a instância na qual a língua (sistema) se realiza, assim Maingueneau (1996b, p. 28) afirma:

Pris dans son acception la plus large, celle qu'il a précisément dans l'analyse du discours, ce terme désigne moins un champ d'investigation délimité qu'un certain mode d'appréhension du langage : ce dernier n'est pas considéré comme une structure arbitraire mais comme une activité de sujets inscrits dans des contextes déterminés.

E Charaudeau (2009, p. 41) completa :

Le discours, comme lieu, à la fois, de structuration des usages en fonction des conditions de production dans lesquels ces usages se manifestent, témoignant des comportements langagiers des sujets parlants, et de catégorisation de sens qui témoigne des systèmes de connaissance et de croyance auxquels adhèrent

les individus ou groupes sociaux. Ici, on n'est plus dans une combinaison d'unités, seraient-elles transphrastiques, car si l'on est dans un au-delà de la phrase, le sens de discours résulte d'une multiplicité de facteurs d'ordre contextuel [...] qui font que le sens n'est repérable dans aucune des unités qui composent une production discursive quelconque, et ne peut être inféré que par le jeu des combinaisons de tous ces facteurs.

Esse modo de apreensão da linguagem através do discurso implica na adesão às ideias inaugurais de Émile Benveniste (1974, p. 80-82) em torno do que chamou “aparelho formal da enunciação” e da presença da subjetividade na linguagem. Dessa forma, se aceita que, na passagem da língua para o discurso, o sujeito encontra e se apropria individualmente das formas (da língua) para se relacionar com o ‘mundo’, se inserindo em sua própria fala e instalando o outro diante de si. Outra questão que se coloca é a da inserção do sujeito em “contextos determinados”. Aqui, o que está em jogo é a dimensão histórica e cultural que retira, em parte, a intencionalidade do sujeito para colocá-lo como dependente das relações sociais ou dos discursos que já estão lá: o interdiscurso. Isso leva a assumir que o discurso é, necessariamente, produto do interdiscurso, isto é, a relação de um discurso com outros discursos que o constituem, o que marca para sempre sua constituição heterogênea.

Duas ordens de reformulação dizem respeito ao lugar onde elas atuam. O espaço em que a reformulação é atualizada pode ser intradiscursivo ou interdiscursivo. No primeiro caso são colocadas em relação duas ‘unidades’ sucessivas de um mesmo discurso, oscilando entre a simples substituição de léxico até a paráfrase, no oral como no escrito. O que está em jogo neste tipo de reformulação é o aspecto imediato de sua ação: envolve os fenômenos de correção (eu quero dizer X; isso significa X; a saber Y; quer dizer Y, você quer dizer que) podendo ser uma autorreformulação (o próprio enunciador reformula seu dizer) como uma heterorreformulação (o dizer do co-enunciador é reformulado por outro). Exemplo : (autorreformulação) «Quoy qu'il en

soit, *veux-je dire*, (...) je n'ai pas délibéré de les cacher [les inepties des Essais]». (I, 26, 148)

O segundo espaço de atuação da reformulação é o interdiscursivo: um discurso, pensado como um conjunto de enunciados, é reformulado em outro discurso. Neste caso, a transformação se opera entre um conjunto de enunciados (E₁) para outro (E₂). Também neste caso pode se tratar de autorreformulação quando a reformulação é feita pelo enunciador do texto de origem, como no caso de resumo, correções, etc. Ocorre heterorreformulação quando outro enunciador produz a reformulação. Incluem-se neste caso o pastiche, o plágio, a citação, a alusão, o comentário, o resumo, a vulgarização, etc.. O que se constata nestes casos é presença de outros discursos no discurso, causada pela inserção do sujeito num contexto que já inclui previamente discursos anteriores que lhe inspiram ou influenciam. Inúmeros exemplos no texto montaigneano se incluem nesta categoria de reformulação. Vejamos o exemplo :

Mais quant à la mort, elle est inevitable,
[B] *Omnes eodem cogimur, omnium
Versatur urna, serius ocius
Sors excitura et nos in aeter-
Num exitium impositura cymbae.*

[A] Et par consequent, si elle nous faict peur, c'est un subject continuel de tourment, et qui ne se peut aucunement soulager. (I, 26, 83)

No trecho Montaigne acrescenta ao texto [A], um fragmento [B] de outro texto numa língua estrangeira, no caso o latim, sem citar sua fonte, embora seus comentaristas tenham especificado a fonte da citação e colocado no texto (o que também representa reformulação). Trata-se, portanto, de heterorreformulação marcada por *itálico*.

Outra ordem de reformulações é a que supõe, segundo Peytard e Moirand (1992, p. 80), a mudança de código, quando a reformulação afeta o código, fala-se de “*transcodage*”:

On rappellera que la reformulation opère dans des domaines de code unique : le scriptural, l’iconique, l’oral, le musical. Or il faut intégrer à l’analyse les altérations qui affectent des messages entremêlant en eux ces différents codes : message mixtes ou pluricodés. (...) un message iconique peut être transformé, devenir autre, être “altéré” en un message de code différent. C’est pourquoi on distingue entre reformulation et transcodage.

A reformulação procura, com a manutenção da linearidade do discurso, impedir que obstáculos se coloquem ao desenvolvimento do fio do discurso e tenta controlar os pontos de fragilidade que, segundo Authier-Revuz, poderiam carregá-lo para fora de si mesmo misturando-o no interdiscurso o que provocaria a perda da identidade (do discurso e do sujeito).

O quadro geral em que se coloca a reformulação é, conforme o que acabamos de verificar, a da retomada do já-dito uma vez que é necessário voltar sobre o que foi dito e corrigir, exemplificar, acrescentar, explicar ou simplesmente ‘desambiguar’. A retomada do já-dito ocorre porque o discurso, qualquer que seja, é dialógico, tecido por outros discursos com os quais interage.

Para sustentar uma análise que considere a reformulação, recorremos às análises de Jacqueline Authier-Revuz (1984) sobre as heterogeneidades enunciativas. Segundo ela, a heterogeneidade percebida no discurso é dupla: uma heterogeneidade constitutiva e outra mostrada. Para que o discurso mantenha uma unidade, não seja quebrado, é preciso que o sujeito se coloque continuamente em face do outro ameaçador que pode quebrar o domínio sobre si mesmo e sobre seu discurso. Para confirmar essa unidade, as formas marcadas da heterogeneidade mostrada negociam a ruptura que a ameaça e cuja

presença pode ser localizada no fio do discurso. Assim, segundo Authier-Revuz (1984, p. 107),

Les formes marquées de l'hétérogénéité montrée représentent une négociation avec les forces centrifuges, de désagrégation, de l'hétérogénéité constitutive : elles construisent, dans la méconnaissance de celle-ci, une représentation de l'énonciation, qui, pour être illusoire, est une protection nécessaire pour qu'un discours puisse être tenu.

A diversidade de fenômenos enunciativos observáveis no fio do discurso e que levam em conta essa heterogeneidade é considerável (modos de recuperação do já dito): glosas metaenunciativas; deslocamentos enunciativos de ordens diversas (citação, ironia, discurso relatado, alusão, aumento/redução de texto, etc.); sinais tipográficos (aspas, parênteses, itálico, etc.). Segundo Authier-Revuz, a heterogeneidade mostrada se divide em duas categorias:

- a) marcada – a presença do outro comporta uma marca unívoca: discurso direto, aspas, itálico, glosa.
- b) não marcada – o outro se mostra sem marca unívoca: discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação, portanto mais duvidosas, “plus risquées” mas não menos interessantes.

Embora partindo de formas bastante delimitadas o estudo de Authier-Revuz, pensado a partir de Bakhtin, Benveniste, e Lacan, permite uma abertura para pensar a presença do Outro do discurso através da linguagem, como afirma Authier-Revuz (1984, p. 108):

La présence de l'Autre émerge bien, en effet, dans le discours, en des points où son insistance vient en déchirer la continuité, l'homogénéité, faire vaciller la maîtrise du sujet ; mais retournant ce qui est le poids permanent de l'Autre en désignant locale d'un autre ; convertissant la menace de l'Autre – non dicible – dans le jeu réparateur du « narcissisme des petites différences » dites, elles opèrent une réassurance, un renforcement de la maîtrise du sujet, de l'autonomie du discours, aux lieux mêmes où elles échappent. [...] À l'ensemble des brisures, jointures qui jouent, comme des coutures cachées sous l'unité apparente du discours, [...] l'analyse – analyse du discours,

description des textes littéraires, psychanalyse – peut en partie mettre à jour
comme traces de l’interdiscours [...]

No caso de Montaigne, como já vimos no capítulo precedente, essa heterogeneidade mostrada aparece de forma variada. Seu discurso está exposto constantemente à multiplicidade das nuances (muitas vezes contraditórias) e Montaigne usa de muitos recursos para torná-lo coerente e manter sua unidade. Pretendemos verificar a ocorrência no texto de origem e nas traduções de duas das heterogeneidades mostradas: a citação e a ironia. Embora essas formas nem sempre estejam marcadas, correndo o risco de misturarem-se no interdiscurso, verificamos que frequentemente elas se mostram de modo enfático permitindo, então, a análise.

4.1.1. A citação

A citação é a forma simples de uma relação interdiscursiva de repetição, assim, conforme Antoine Compagnon (1979, p. 55),

[...] L’acte de citation est une énonciation singulière : une énonciation de répétition ou la répétition d’une énonciation (une énonciation répétante), une ré-énonciation ou une dénonciation. L’énonciation est la force qui s’empare d’un énoncé et qui le répète [...]

A citação comporta dois sentidos: um sentido do enunciado original e seus valores de repetição que estabelecem na enunciação e na re-enunciação (arbitrários, dependentes de interpretação). Assim, a citação deve ser: 1) reconhecida; 2) compreendida (sua significação deve ser compreendida) e 3) interpretada (o que deve ser interpretado é a relação que a citação estabelece entre a enunciação e a nova enunciação). Segundo Compagnon (1979, p. 72-73)

Interpréter la répétition, c'est interpréter la trace de l'incitation, soit la citation elle-même, comme acte dont le sens n'est pas donné. [...]
Le lecteur est l'interprète de la citation (ainsi que d'autres formes interdiscursives plus complexes) : tiers de la relation duelle [...] Il va de même de la lecture, acte d'interprétation de la citation : une relation interdiscursive est toujours triangulaire ; elle n'a de sens que pour un tiers, et par ce tiers, qui entremet pour évaluer les parties

Nem literalidade nem fidelidade se colocam no discurso citado quando é integrado a um novo contexto, a uma nova situação de enunciação e se torna, assim, discurso reconstruído, reformulado. Essa heterogeneidade mostrada é marcada, muitas vezes, por sinais gráficos (aspas, itálico) ou por verbos que introduzem a citação. Normalmente no texto montaigneano essas citações aparecem como apoio à argumentação, para que um ponto de vista pessoal seja confirmado pelo Outro que se mostra, marca e colabora na construção do discurso. Finalmente, essa citação dá legitimidade ao que é afirmado, chamando o envolvimento do leitor que deve participar na conclusão do pensamento. O “*dire vrai*” de Montaigne aparece, assim, respaldado pela citação de autoridade.

Na tradução, as interpretações das citações podem transformá-las “deliberadamente” ou não, sem que possamos atribuir a falta de compreensão por parte do tradutor. Encontramos simplificação ou, ao contrário, o uso de glosa para explicitar a citação, como no exemplono capítulo 26, “De l’institution des enfans”, em que *fard* é glosado, na tradução intralingual, por *propre à donner un éclat trompeur* e na tradução interlingual por *brilho enganoso*.

(MM₁) [...] suivant l’avis de Platon, qui dict la fermeté, la foy, la sincerité estre la vraye philosophie, les autres sciences et qui visent ailleurs, **n’estre que fard**. (152)

(MM₂) [...] Platon nous le dit : «La fermeté, la foi, la sincérité constituent la vraie philosophie ; toute science autre, qui a d’autres visées, **n’est que fard tout au plus propre à donner un éclat trompeur**». (I, , 241)

(SM) [...] como pensa Platão, o qual afirma que a firmeza, a boa-fé, a sinceridade, são a verdadeira filosofia e que as outras ciências, com outros fins, **não são mais do que brilho enganoso**. (p. 219)

4.1.2. A ironia

Nos estudos da ironia, um problema se coloca desde o início: sua definição. Várias disciplinas interessam-se pelo estudo da ironia (filosofia, literatura, psicanálise, linguística, etc.) a definição de ironia parece escapar a cada uma das disciplinas o que impede uma definição unívoca.

A origem das reflexões sobre a ironia se encontra na filosofia (ironia socrática), ela se tornou figura fundamental da retórica clássica do mesmo modo que a metáfora, a sinédoque e a metonímia. Quintiliano distinguia entre a ironia trope, que incide sobre uma sequência de palavras e a ironia figura de pensamento que podia constituir um discurso inteiro. Para Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 108-128.), a ironia pode ser definida como tropo semântico-pragmático constituído por uma antífrase, um ato de *moquerie*. Nessa abordagem, a ironia atualiza simultaneamente dois níveis: o nível dos indícios cotextuais (que podem ser observados a partir do cotexto linguístico) e o nível dos indícios contextuais (apreendidos no contexto extralinguístico). No discurso irônico, esses dois níveis estão intimamente interligados, mostrando as marcas da ironia (atenuação, elipse, exagero, metáfora, comparação, enumeração ou ampliação desproporcional, *jeu de mots*, etc.)

A definição retórica da ironia, consistindo em dizer o contrário do que se deseja que seja compreendido, serve então como base para a maioria das análises. Nas abordagens linguísticas, a ironia é considerada como um fato de enunciação que instaura uma distância entre a enunciação e o enunciado e entre os participantes da

enunciação e o contexto. Quer seja discursiva (enquanto figura imanente do discurso) ou narrativa (no dialogismo próprio à narração literária), a ironia permanece um fenômeno dúbio: o leitor do texto é quem pode ou não perceber sua existência o que coloca imediatamente a questão da subjetividade da linguagem.

A respeito da ironia, Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 291-292) consideram diferentes abordagens: além da ironia como tropo da tradição retórica (antífrase ou pelo menos um deslocamento entre o sentido literal e o sentido figurado), a ironia como menção, ou seja, um fenômeno de autonomia. Outra perspectiva da ironia leva em conta a polifonia (sujeito falante cindido no plano do enunciado: locutor/enunciador). Nessa perspectiva, defendida por Ducrot (1984, p. 211), o locutor responsável pela enunciação coloca em cena os enunciadores (ele próprio e outros) com diferentes pontos de vista expressos no enunciado. A polifonia, nesse sentido, implica o interdiscurso e os diferentes níveis estilísticos que se superpõem e se opõem ao mesmo tempo. Dessa forma, a marca dos enunciadores se confirma através da materialidade significante, isto é, o nível do registro de língua, das figuras discursivas, dos *jeux de mots*, em definitivo, tudo aquilo que dá corpo ao sentido do texto. Como afirma Beth Brait (1996, p. 105):

[...] a partir dessa postura diante da linguagem, e das possibilidades de seu enfrentamento, que a ironia vem sendo aqui perseguida, especialmente no que diz respeito à sua dimensão intertextual e interdiscursiva. Necessariamente aos conceitos de subjetividade, intersubjetividade, interação, conhecimentos partilhados, convivência, aspectos ligados ao comprometimento que caracteriza os sujeitos envolvidos em um procedimento irônico, juntam-se elementos linguístico-discursivos particulares, concretizados no jogo existente entre as sedimentações do uso e as deformações que lhe são infringidas. A dupla leitura mobilizada por um enunciado irônico envolve formas de interação entre os sujeitos, bem como a relação com o objeto da ironia e com as estratégias linguístico-discursivas que põem em movimento o processo. [...]

Assim, a ironia:

a) não consiste em transmitir uma mensagem única e escondida explicando seu contrário, mas na justaposição e existência, ao mesmo tempo, de dois sentidos diferentes;

b) a coexistência de vários sentidos é marcada na enunciação pela maneira como o enunciado é formulado e executado, é a forma da mensagem irônica que indica a pluralidade de pontos de vista envolvidos;

c) as significações do enunciado não devem somente ser múltiplas, mas devem também entrar em conflito para instituir uma polarização e um distanciamento.

A ironia, de qualquer forma, está ainda ligada aos estereótipos culturais, aos hábitos culturais partilhados pelo grupo. Isso significa que a ironia tem que ser percebida como tal, ou seja, tem que ser interpretada como sendo ironia.

No caso da tradução, muitos outros aspectos podem se colocar, como fatores interpretantes, entre o texto origem e o texto traduzido: mulheres e homens, povos diferentes ou mesmo profissionais de diferentes campos podem compreender diferentemente a ironia. Assim, a identificação da ironia pelo tradutor pode não depender somente dos aspectos linguísticos, mas envolve aspectos extralinguísticos dos quais não pode se desvencilhar. Vejamos um exemplo: no capítulo 1, “Par divers moyens on arrive à pareil fin”, falando da submissão e da coragem como meios de convencer o opressor a conter sua ira, Montaigne escreve:

(MM₁) [...] (B) L’un et l’autre de ces deux moyens m’emporteroit aysement. Car j’ay **une merveilleuse lascheté** vers la miséricorde et la masuetude. [...] (p. 8)

(MM₂) [...] L’un et l’autre de ces deux moyens réussiraient aisément auprès de moi, car j’ai **une grande propension** à la miséricorde et à la bienveillance ; [...] (p. 19)

(SM) [...] Ambos os meios dariam resultado comigo, pois tenho **grande propensão** para a misericórdia e a benevolência. [...] (p. 100)

(RCA) [...] [B] Tanto um como outro desses dois meios me afetariam facilmente, pois tenho **uma espantosa inclinação** para a misericórdia e a mansuetude. [...] (p. 9)

O substantivo *lascheté* que, no primeiro caso, demonstra uma fraqueza humana (covardia, falta de bravura, de coragem, de dignidade, de lealdade), se contrapõe ao adjetivo *merveilleuse* (espantosa, extraordinária) criando um enunciado irônico.

Notamos que em (MM₂) há mudança de léxico: de *une merveilleuse lascheté*, passamos para *une grande propension*. Se havia oposição, ela é totalmente eliminada. (SM) segue no mesmo sentido, devolvendo *grande propensão*.

A ironia (ou humor) do texto de origem não é transmitida em nenhum dos textos traduzidos, mesmo que em (RCA) tenhamos a *espantosa inclinação* que devolve até certo ponto um aspecto irônico. *Inclinação*, no entanto não devolve o sentido de *lâcheté*.

4.2. Usando a reformulação para compreender a tradução

A tradução de uma escritura é a representação ou a expressão de outra que a antecede: um texto reformulado, na própria língua (intralingual), como no caso do texto de Michaud, ou para outra língua (interlingual), como no caso da tradução Milliet que nos ocuparão particularmente neste capítulo. Mesmo trabalhando com aspectos linguístico-discursivos visíveis nos textos, nossa pretensão é verificar as soluções propostas por diferentes tradutores para a escritura montaigneana, confrontando os textos.

Em todo desenvolvimento histórico da tradução o problema da equivalência na diferença sempre volta à tona. A questão é o que privilegiar: a palavra ou o sentido?

Devolver o sentido literal, procurar a situação de compromisso entre as culturas envolvidas ou simplesmente adaptar o texto de origem à cultura receptora? Esses problemas, além de envolverem discussões antigas, representam um “*arrière plan*” de toda tradução. Na realidade uma crítica da tradução quase sempre esbarra nesses preceitos. Boa tradução ou má tradução; literal ou não literal; visando a texto de partida ou o texto de chegada; privilegiando a forma ou o conteúdo; algumas das visões dicotômicas de um problema que não parece ter sido solucionado pelas diferentes correntes de estudos da tradução. Mas, uns e outros concordam que, no processo de tradução, não podemos nos passar das línguas em contato e que efetivamente trata-se de interpretação e escritura de textos, trata-se de compreensão e expressão.

A tradução sendo uma representação de um discurso do qual deriva, evidencia a existência de um texto T1 que antecede, com um deslocamento espacial e temporal, um texto T2 o que nos faz admitir tratar-se de um caso de reformulação de discursos em línguas diferentes. As marcas mais evidentes dessa relação interdiscursiva e intertextual é a presença de elementos paratextuais que acompanham as traduções (sumários, prefácios, notas de rodapé, notas de tradução, tradução das citações, títulos, etc.), mas também, no plano do próprio texto, a presença de reformulações que propõem torná-lo mais “legível”.

A tradução é um novo texto. Qualquer modo de re-escritura parte de condições de enunciação outras que aquelas do texto de origem, tem como resultado um novo texto, a tradução da mesma forma. A tradução é uma aproximação eficiente, no sentido de cumprir seu papel na difusão de um conhecimento (científico, literário, jurídico, etc.), de um discurso numa determinada língua para outro em outra língua.

Fundamental nos estudos dedicados à tradução, a questão da significação é discutida em diversos planos por diferentes correntes de pensamento. Não será questão

de discutir se ela é inerente à língua ou está inserida no sujeito, no entanto admitimos que se forma na e pela atividade de linguagem. Assumimos esse posicionamento, pois é a partir dele que poderemos pensar a tradução e a reformulação conjuntamente, ou melhor, a tradução como reformulação ou uma nova enunciação. Compagnon (<http://www.fabula.org/compagnon/auteur11.php>) trata a significação nestes termos:

Je distinguerai *sens* et *signification*, avec Montaigne, qui disait des vers des poètes : «Ils signifient plus qu'ils ne disent». Le *sens* désigne ce qui reste stable dans la réception d'un texte ; il répond à la question : «Que veut dire ce texte ?» La *signification* désigne ce qui change dans la réception d'un texte ; elle répond à la question : «Quelle valeur a ce texte ?» Le sens est singulier ; la signification, qui met le sens en relation avec une situation, est variable, ouverte, et peut-être infinie. Lorsque nous lisons un texte, nous relions son sens à notre expérience, nous lui donnons une valeur hors de son contexte d'origine. Le *sens* est l'objet de l'*interprétation* du texte ; la *signification*, de l'*application* du texte au contexte de sa réception.

A significação, sendo construída no universo da linguagem, deve estar contida no dispositivo linguageiro. Cada uma das partes que o compõe (situação, contexto, discurso) tem funcionamento e regras próprias sendo indissociáveis entre si. O resultado desse processo é um texto singular, mas pelo jogo das interações sociais, textos singulares, ao entrarem em contato, produzem ajustamentos de sentidos. Assim, observamos o duplo dado da experiência: dissimetria da relação semasiológica/onomasiológica e, ao mesmo tempo, construção de um 'lugar consensual' da estratégia significante que permite que as trocas se efetuem, que a comunicação se estabeleça.

A interpretação depende da significação do que é enunciado que resulta da interação de operações enunciativas suportadas por certo número de categorias gramaticais (pessoa, tempo, modalidade, determinação) graças às quais os co-enunciadores constroem os valores referenciais que lhes permitem compartilhar referenciação e predicação. A referenciação impõe restrições que pesam sobre a

organização das relações predicativas, sua aceitabilidade e interpretabilidade que dependem, por sua vez, de imposições extralinguísticas.

A visão dinâmica trata as reformulações como fazendo parte de um conjunto de enunciados que dividem entre si certo “parentesco”, ligados por relações de semelhança locais, do tipo associativo, construído pelo jogo interpretativo. Assim, por exemplo, entre

(1) Que philosopher c’est apprendre à mourir (MM₁) e

(2) Philosopher, c’est apprendre à mourir (MM₂),

existe essa relação de parentesco de sentidos, sem que, no entanto signifiquem a mesma coisa. Neste caso coloca-se a questão da paráfrase. O postulado da equivalência, frequentemente admitido em tradução, direciona as discussões em termos de reprodução fiel ou alteração ou ainda leva à análise do grau de proximidade ou distanciamento entre o texto de origem e o texto traduzido. Na realidade, por trás dessa discussão está a questão da autoria e da obra ‘original’. Recorrer à equivalência para caracterizar a reformulação obriga a tratá-la como uma relação semântica virtual (relações potenciais) entre frases cujo sentido estável e unívoco resulta exclusivamente da composição de sentido das unidades lexicais e das relações sintáticas entre essas unidades. Esse modelo, segundo Fuchs (1994), é um modelo estático e não permite explicar a reformulação em discurso, pois não considera o papel das relações intersubjetivas. Assim, a escolha de um modelo que possibilite a análise da reformulação recai sobre um modelo que admita o interdiscurso e a co-construção do sentido, que oriente, conforme Peytard e Moirand (1992, p. 35),

[...] à étudier le discours comme construction, à deux moins, et dans laquelle le récepteur est affecté d’une activité de production, autant qu’en est chargé l’émetteur. Le sens n’est plus affaire de mise en énoncé initial, suivi d’une mise en énoncé conséquent : mais le sens est à saisir dans cette mouvance de l’un à l’autre, non plus fixé sur les intentions d’un sujet-source, mais mobile,

entre deux sujets, dans l'interaction de leur propos échangé. Les sens est ce qui tout en participant d'un change (un énoncé contre un autre) ne s'établi que par échange et changement. C'est ainsi qu'il n'a pas de trajectoire linéaire mais une trajectoire brisée, modulée, fracturée, et qu'il n'établi sa cohérence que par une persévérance à lutter contre les méfaits de son émiettement.[...]

A tradução aparece para o leitor no “traduzido do ... para ..., por ...”, nos prefácios, notas do tradutor, sempre à margem do corpo do texto, entre outros, mas ele está implícito na maior parte do tempo, escondendo uma estrutura enunciativa global derivada, como num discurso relatado. Segundo Authier (1982, p. 35),

Une opération de traduction vise à fournir un texte D2 (...) Son travail de reformulation peut demeurer implicite au point que l'on peut ignorer que D2 résulte d'une traduction. S'il est explicité, c'est comme en dehors du corps même de D2, par une mention «traduit de ... par ...», une préface disant le comment et les aléas de l'opération, voire des «notes du traducteur» qui, pour constituer la manifestation la plus indiscrete de celui-ci, n'en demeurent pas moins en «bordure» du texte. Et c'est bien, entre autres, sur ce caractère non explicite de la reformulation que s'appuient les mythes et les idéaux têtus de l'effacement du traducteur et de la transparence de D2 à l'original D1 (...)

e seu caráter é efetivamente de uma re-enunciação específica de um sujeito historicamente definido.

A tradução se inscreve no conjunto que compreende o resumo, o discurso de vulgarização, a contração de texto, o texto adaptado, o texto adaptado para fins pedagógicos, a revisão, o comentário. Há quem veja a tradução justamente como uma espécie de comentário. Assim, Maryvonne Boisseau (2007, p. 12) diz :

Qu'elle soit reformulation intralinguale, ou transfert interlingual, la traduction en est l'expression mais, énoncée, elle masque au lecteur le travail qui en est la genèse. C'est en ce sens qu'une traduction est le commentaire insu de sa source, car en se donnant comme texte équivalent à l'original, elle le dédouble et s'y substitue pour qui n'y a pas d'accès. [...] elle est chargée des pré-supposés plus ou moins conscients de l'interprétation qu'elle exprime. Ainsi, l'énoncé traduit garde à la fois les traces du commentaire qui précède son énonciation et les traces qui le met en relation avec les circonstances particulières de cette énonciation : contexte historique, culturel, linguistique.

A re-enunciação implica, além de uma correspondência entre as formas sintáticas e semânticas, a inter-relação entre os participantes de uma situação de

enunciação: um enunciador (intenção) e um co-enunciador (interpretação). Essa inter-relação pressupõe o conhecimento compartilhado de uma série de referências identitárias projetadas no discurso através de formações enunciativas que, atribuindo ao enunciado certo valor referencial (tempo, aspecto, modalidade, etc.), ancoram o enunciado numa situação enunciativa e fazem com que o enunciador se coloque subjetiva, espacial e temporalmente em relação ao que diz.

O ato tradutório consiste assim, na aplicação das referências identitárias projetadas no discurso e a retirada de sua significação. Os modos de inserção do sujeito no discurso estabelecem na realidade uma relação de compromisso entre o sujeito-enunciador, o discurso que se constrói e o que 'já está dado'. A adesão ou não do enunciador ao seu discurso e aos outros discursos com os quais mantém relação, embora seja um processo contínuo, se realiza por elementos discretos que aparecem no texto, como por exemplo, advérbios, jogo entre níveis de língua, certas transformações como a ênfase e a alusão.

CAPÍTULO 5 – A TRADUÇÃO DA ESCRITURA

Neste capítulo, procuramos identificar e analisar, à luz das abordagens teóricas expostas nos capítulos precedentes, a proposta de tradução para o português brasileiro dos *Essais de Michel de Montaigne* de Sérgio Milliet.

Durante as pesquisas, notamos a existência de algumas passagens no texto traduzido que a crítica chamou de “deslizes” e que imediatamente não conseguíamos explicar. Porque teria se afastado do texto de origem? A hipótese inicial foi de uma recriação do texto de Montaigne, uma adaptação. Isso ia ao encontro das afirmações da crítica que corroborava essa hipótese. No entanto, a simples constatação de desvios não podia garantir sua origem, era preciso ir além do aparente. A resposta à pergunta foi delineada à medida que avançávamos nas pesquisas. A questão da aproximação do estrangeiro ao nacional, por meio da adaptação do texto portador do discurso estrangeiro, mereceu nossa atenção. No entanto, essa aproximação se faz pela leitura/escritura de textos, sem regras próprias no caso da tradução. Dessa forma, teríamos que iniciar o trabalho pela leitura dos textos de origem e só então procurar os afastamentos em relação a eles.

Nossas pesquisas na Internet possibilitaram a descoberta de um dos textos ao qual se refere Milliet para compor o texto traduzido. Essa descoberta da ‘tradução’ de Michaud possibilitou que explicássemos, em grande parte, as escolhas do tradutor brasileiro.

5.1. Aproximações do texto

Para este trabalho foram selecionados, como já foi dito anteriormente, capítulos dos *Essais de Michel de Montaigne* tomados do livro I: a) em francês do século XVI (embora a ortografia já apareça ‘modernizada’ nas edições mais recentes), e b) os correspondentes capítulos da ‘tradução’ para o francês moderno, do início do século XX, e c) da tradução propriamente dita para o português brasileiro da segunda metade do século XX. Além disso, duas outras traduções foram tomadas como ‘aferidores’ para comparação.

A escolha do conjunto de textos, o corpus, que veiculam os discursos, não se fez sem pensar os pressupostos teóricos adotados. Assim, nossa análise repousando sobre um corpus escrito em diferentes línguas, parte, como deveria ser, das observações empíricas. Da forma como definimos discurso, como “un parcours de signifiante qui se trouve inscrit dans un texte” (Charaudeau, 2009, p. 44), a orientação que seguimos é a da interpretação dos usos da língua o que define um corpus aberto.

Como vimos anteriormente, a própria definição de ‘ensaio’, como escritura adequada a um gênero²⁵ específico, esse critério (gênero) foi privilegiado para a escolha do corpus, garantindo certa homogeneidade do mesmo. Em seguida, é preciso que os textos permitam uma análise comparativa. Assim, trabalhamos dois textos em francês, que permitem a comparação, e, pelo menos, dois textos em português brasileiro, textos esses que formam um conjunto analisável.

²⁵ A categoria gênero textual é emprestada de Bakhtin – algumas ambiguidades podem ser afastadas somente com a escolha dessa noção, mas não todas, principalmente em textos cuja classificação em gênero não é evidente, como o ensaio.

Privilegiamos como já dito anteriormente a citação e a ironia como indicadores de heterogeneidade mostrada e marcada.

5.2. Uma análise da tradução: quando a língua importa

Numa primeira visualização do texto montaigneano, algumas constatações de ordem gramatical se impõem: muitos artigos são omitidos, os indefinidos são pouco utilizados, os que mais aparecem são os definidos que evidenciam uma caracterização. As preposições são numerosas, assim como os demonstrativos (*ce, cette, cette cy, celuy là*, etc.). Os pronomes de primeira e segunda pessoa são os mais utilizados.

A presença dos pronomes *je/tu*, de *c'est ... qui/que* são indicativos de uma aproximação do discurso oral. Nas construções autobiográficas aparecem os pronomes tônicos. O verbo indica o movimento e modaliza o pensamento: o indicativo presente, o imperativo, o subjuntivo são mais utilizados. O uso do futuro é raro. O indicativo presente marca um traço de concomitância com situação de enunciação. O subjuntivo é o modo não só da dúvida e da hesitação, mas também da exploração; segundo Riegel (2008, p. 321):

[...] on emploie donc [le subjonctif] chaque fois que l'interprétation l'emporte sur la prise en compte de l'actualisation du procès, lorsque s'interpose entre le procès et sa verbalisation l'écran d'un acte physique (sentiment, volonté, jugement) qui empêche le procès d'aboutir à son actualisation totale.

A pontuação usada por Montaigne é complexa e exigiria por si só um estudo detalhado pelo papel enunciativo que representa. Dois-pontos, aspas, parênteses são bastante frequentes, assim como variações tipográficas (itálico e alínea).

5.2.1. O prólogo

O primeiro texto selecionado é o prólogo. Sobre ele muito se falou e ainda se discute. Primeiramente tem como característica o aspecto endereçado. Montaigne se dirige ao leitor convidando-o à leitura de seu livro por meio de um discurso irônico e da “falsa modéstia”.

Este texto, que antecede o primeiro capítulo e ao qual nos referimos como sendo o prólogo, corresponde a uma exposição de motivos, ou mesmo uma justificação, na qual Montaigne se apresenta como o objeto de seu livro. Quando lemos os *Essais de Michel Montaigne* temos a intuição de que constantemente certa *moquerie* é criada pelo jogo das palavras.

Trata-se de uma carta ao leitor que não deveria ser separada da situação na qual foi empregada. Mesmo sendo uma carta aberta, ela se dirige ao leitor em resposta a um discurso que a antecede, admitindo que uma carta é sempre uma resposta. Como salienta Le Person (2007, p. 114)

Outre son rôle de communication, la lettre permettait pour un gentilhomme d’agir à distance, d’être présent tout en étant absent, d’occuper l’espace politique tout en étant caché physiquement, retiré dans sa maison aux champs, ce qui autorisait une prise de parole méditée jusque dans ces effets (...) Le langage est alors considéré comme une chose opaque, mystérieuse, énigmatique. Son interprétation participe de la même logique que celle du savoir au XVI^e siècle. Connaître, c’est interpréter, c’est aller de la marque visible des choses à ce que se dit à travers elles.

A questão que se coloca é para quem e porque escreve uma carta aparentemente se justificando. Talvez Montaigne, como *gentilhomme* que era, precisasse escrever uma carta de justificação. Le Person (2007, p. 139) nos fornece um argumento interessante :

Le monde courtois [...] est proche de « celui des romans picaresques, où tout peut arriver: un jour la faveur du prince, le jour suivant le banissement, la

mort sociale, la prison, le couvent » [...] Ceux qui se justifient se disent victimes de reproches sans fondement [...] La lettre de justification participe de leur démarche destinée à prouver leur bonne foi.

Passemos ao texto :

(MM₁), p. 3

AU LECTEUR

C'est icy un livre de bonne foy, lecteur. Il t'avertit dès l'entrée, que je ne m'y suis proposé aucune fin, que domestique et privée. Je n'y ay eu nulle consideration de ton service, ny de ma gloire. Mes forces ne sont pas capables d'un tel dessein. Je l'ay voué à la commodité particuliere de mes parens et amis : à ce que m'ayant perdu (ce qu'ils ont à faire bien tost) ils y puissent retrouver aucuns traits de mes conditions et humeurs, et que par ce moyen ils nourrissent plus entiere et plus vivfe, la connoissance qu'ils ont eu de moy. Si c'eust esté pour rechercher la faveur du monde, je me fusse mieux paré et me presanterois en une marche étudiée. Je veus qu'on m'y voie en ma façon simple, naturelle et ordinaire, sans contention et artifice : car c'est moy que je peins. Mes défauts s'y liront au vif, et ma forme naïfve, autant que la reverence publique me l'a permis. Que si j'eusse esté entre ces nations qu'on dict vivre encore sous la douce liberté des premieres loix de nature, je t'assure que je m'y fusse tres-volontiers peint tout entier, et tout nud. Ainsi, lecteur, je suis moy-mesmes la matiere de mon livre : ce n'est pas raison que tu employes ton loisir en un subject si frivole et si vain. A Dieu donq, de Montaigne, ce premier de Mars mille cinq cens quatre vingts.

(MM₂), p. 15

L'AUTEUR AU LECTEUR

Ce livre, lecteur, est un livre de bonne foi.

Il t'avertit, dès le début, que je ne l'ai écrit que pour moi et quelques intimes, sans me préoccuper qu'il pût être pour toi de quelque intérêt, ou passer à la postérité ; de si hautes visées sont au-dessus de ce dont je suis capable. Je le destine particulièrement à mes parents et à mes amis, afin que lorsque je ne serai plus, ce qui ne peut tarder, ils y retrouvent quelques traces de mon caractère et de mes idées et, par là, conservent encore plus entière et plus vive la connaissance qu'ils ont de moi. Si je m'étais proposé de rechercher la faveur du public, je me serais mieux attifé et me présenterais sous une forme étudiée pour produire meilleur cet effet ; je tiens, au contraire, à ce qu'on m'y voie en toute simplicité, tel que je suis d'habitude, au naturel, sans que mon maintien soit composé ou que j'use d'artifice, car c'est moi que je dépeins. Mes défauts s'y montreront au vif et l'on m'y verra dans toute mon ingénuité, tant au physique qu'au moral, autant du moins que les convenances le permettent. Si j'étais né parmi ces populations qu'on dit vivre encore sous la douce liberté des lois primitives de la nature, je me serais très volontiers, je t'assure, peint tout entier et dans la plus complète nudité.

Ainsi, lecteur, c'est moi-même qui fais l'objet de mon livre ; peut être n'est-ce pas là une raison suffisante pour que tu emploies tes loisirs à un sujet aussi peu sérieux et de si minime importance.

Sur ce, à la grâce de Dieu.

A Montaigne, ce 1^{er} mars 1580.

(SM), p. 2

DO AUTOR AO LEITOR

Eis aqui, leitor, um livro de boa-fé.

Adverte-o ele de início que só o escrevi para mim mesmo, e alguns íntimos, sem me preocupar com o interesse que poderia ter para ti, nem pensar na posteridade. Tão ambiciosos objetivos estão acima de minhas forças. Votei-o em particular a meus parentes e amigos e isso a fim de que, quando eu não for mais dete mundo (o que em breve acontecerá), possam nele encontrar alguns traços de meu caráter e de minhas ideias e assim conservem mais inteiro e vivo o conhecimento que de mim tiveram. Se houvesse almejado os favores do mundo, ter-me-ia enfeitado e me apresentaria sob uma forma mais cuidada, de modo a produzir melhor efeito. Prefiro, porém, que me vejam na minha simplicidade natural, sem artifício de nenhuma espécie, porquanto é a mim mesmo que pinto. Vivos se exibirão meus defeitos e todos me verão na minha ingenuidade física e moral, pelo menos enquanto o permitir a conveniência. Se tivesse nascido entre essa gente de quem se diz viver ainda na doce liberdade das primitivas leis da natureza, asseguro-te que de bom grado me pintaria por inteiro e nu.

Assim, leitor, sou eu mesmo matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazes em assunto tão fútil e de tão mínima importância. E agora, que Deus o proteja. De Montaigne, em. primeiro de março de 1580.

O prólogo, carta endereçada ao leitor genérico, sofre reformulação nas diferentes traduções analisadas, o que também ocorre com os títulos dos capítulos. Neste primeiro caso, a carta é endereçada *Au Lecteur* (MM₁) torna-se *L'Auteur au Lecteur*²⁶ (MM₂) e finalmente *Do autor ao leitor* (SM). Notamos que (MM₂), ao colocar *L'auteur au lecteur*, introduz um título lá onde não existia um, admitindo que se trate de uma carta. Nos outros dois textos traduzidos, temos: *Ao Leitor* (RCA) e *O autor ao leitor* (TM).

Observando com atenção o prólogo, nota-se que o princípio jurídico da *bonne foi* é reivindicado por Montaigne para seu livro. Ao mesmo tempo em que prevê a lealdade, a *bonne foi* também prevê seu contrário, a *mauvaise foi*. Nesse sentido, eminentemente jurídico, Montaigne se mune da presunção de inocência, como diz o adágio: A dúvida favorece o réu. O objetivo sendo privado, Montaigne só pode ser advertido dentro dessa esfera, eliminando a possibilidade da esfera pública interferir nos julgamentos que porventura suscitem seu discurso. Acrescentam-se *la faveur du monde* (privilégio, vantagem, *bonne grâce*), *contention* (litígio, contestação) *et artifice* (que pode significar fraude), *la reverence publique* (consideração), entre outros termos jurídicos: *matière* (objeto, substancia, conteúdo); *subject* (sujeito, súdito – aquele que está sujeito a um poder). Poderíamos dizer que Montaigne faz alusão a um discurso anterior que lhe é adverso através da utilização de um léxico de especialidade, mostrando, pela presença do intertexto, seu posicionamento em relação a tal discurso.

Montaigne utiliza no prólogo uma retórica pela qual se diminui em relação ao leitor a quem se dirige: falsa modéstia, um lugar comum a serviço da argumentação. Da

²⁶ A mudança do “*Au lecteur*” verificada em (MM₂) é anterior ao texto de Michaud e já aparece na edição de Amaury Duval de 1827.

mesma forma, no discurso sobre a justiça, Sócrates declara: “Acho que essa investigação está além de nossas possibilidades e vós, que sois inteligentes, deveis ter piedade de nós, em vez de zangar-vos conosco” (apub. Abbagnano, 2001, p. 585).

No final, a ambiguidade deixa transparecer a ironia: *o sujet é frivole et vain*.

Tomemos um pequeno trecho que se inicia pela negação do discurso do outro:

- (1) (MM₁) [...] [A] C’est icy un livre de bonne foy, lecteur. Il t’avertit dès l’entrée, que je **ne** m’y suis proposé **aucune** fin, **que** domestique et privée. Je **n’y** ay eu **nulle** consideration de ton service, **ny** de ma gloire. Mes forces **ne** sont **pas** capables d’un tel dessein. [...]

Montaigne usa da retórica ao negar uma possível finalidade do livro, através de *aucune fin*, e *nulle consideration de ton service, ni de ma gloire* criando, através desse jogo, oposição a um discurso outro que retoma para negar. O fato de não ter dado importância à “ajuda” (*ton service*) do leitor não quer dizer que não a considerasse. Também não parece se preocupar com a própria reputação (*ma gloire*). No final, depois de ter demonstrado a razão da existência de seu livro, *c’est moi que je peins*, Montaigne volta ao leitor e pede que não use seu tempo em sujeito *si frivole et si vain*. Ora, justamente o contrário do que afirma em outras passagens, acionando até mesmo um *suffisant lecteur*.

- (2) (MM₂) [...] Ce livre, lecteur, est un livre de bonne foi.
Il t’avertit, dès le début, que je **ne** l’ai écrit **que** pour moi et quelques intimes, **sans** me préoccuper qu’il pût être pour toi de quelque intérêt, ou passer à la postérité ; de si hautes visées sont au-dessus de ce dont je suis capable. [...]

Quando passamos à tradução (2), notamos que ocorrem mudanças de diversas ordens. O discurso se torna menos enfático. Além disso, a interpretação dada ao trecho retira toda a ambiguidade e o humor.

A tradução para o português brasileiro restitui essa retomada desse discurso dessa forma:

- (3) (SM) Eis aqui, leitor, um livro de boa fé.
Adverte-o ele de início que **só** o escrevi para mim mesmo, e alguns íntimos, **sem** me preocupar com o interesse que poderia ter para ti, **nem** pensar na posteridade. Tão ambiciosos objetivos estão acima de minhas forças.

Considerando que a tradução (SM) tem como base (MM₂), nesse trecho, nota-se que ocorre uma tradução bastante literal.

- (4) (RCA) [A] Está aqui um livro de boa-fé, leitor. Desde o início ele te adverte que **não** me propus **nenhum** fim que **não** doméstico e privado. Nele **não** levei em consideração teu serviço, **nem** minha glória. Minhas forças **não** são capazes de um tal intento. (p.3)
- (5) (TM) Aqui está, leitor, um livro de boa fé. Previne-te de entrada, que outro fim **não** me propus **senão** doméstico e privado. **Não** tive nele **a menor** consideração do teu serviço **nem tampouco** da minha glória. Minhas forças **não** bastam para tanto. (p. XIX)

As outras duas traduções estabelecem soluções literais de (1), que mais as aproximam entre si que distanciam.

5.2.2. Que filosofar é aprender a morrer.

No trecho que segue Montaigne sugere que a Filosofia deve nos ensinar a morrer bem, para que possamos viver bem. Montaigne empresta o título deste capítulo a Cícero e ao estoicismo. A morte separando o corpo da alma, os filósofos devem exercitar suas almas para a ela, ou seja, deixar o corpo o mais afastado possível da alma para contemplar a verdade divina e a beleza.

QUE PHILOSOPHER C'EST APPRENDRE A MOURIR

[A] Cicéron dit que Philosophe ce n'est autre chose que s'aprester à la mort. C'est d'autant que l'étude et la contemplation retirent aucunement nostre ame hors de nous, et l'embesongnent¹ à part du corps, qui est quelque apprentissage et ressemblance de la mort; ou bien, c'est que toute la sagesse et discours du monde se resolt en fin à ce point, de nous apprendre à ne craindre point à mourir. De vray, ou la raison se moque, ou elle ne doit viser qu'à nostre contentement, et tout son travail tendre en somme à nous faire bien vivre, et à nostre aise, comme dict la Sainte Escriture. Toutes les opinions du monde en sont là, [C] que le plaisir est nostre but, [A] quoy qu'elles en prennent divers moyens; autrement on les chasseroit d'arrivée²: car qui escouterait celui qui pour sa fin establirait nostre peine et mesaise? [C] Les dissensions des sectes Philosophiques, en ce cas, sont verbales. *Transcurramus solertissimas nugas*³. Il y a plus d'opiniastreté et de picoterie⁴ qu'il n'appartient à une si sainte profession. Mais quelque personnage⁵ que l'homme entrepaigne, il joue toujours le sien parmy.

PHILOSOPHER, C'EST APPRENDRE A MOURIR

Qu'est-ce que philosophe ?
— Cicéron dit que philosophe, n'est autre chose que se préparer à la mort. Peut-être est-ce parce que l'étude et le recueillement reportent en quelque sorte notre âme en dehors de nous, et la dégagent du corps; ce qui est un peu ce qui advient quand la mort nous atteint, et en est comme l'apprentissage; ou encore, parce que toute la sagesse et la raison humaines aboutissent finalement à ce résultat, de nous apprendre à ne pas appréhender de mourir. A dire vrai, ou notre raison est en défaut, ou son but unique doit être notre propre satisfaction, et tout son travail tendre à nous faire vivre bien et à nostre aise, ainsi qu'il est dit dans les saintes Écritures. — Toutes les opinions émises, quel que soit celui qui les émet, concluent à ce que le plaisir est le but de la vie; mais elles diffèrent sur les moyens d'y atteindre. S'il n'en était pas ainsi, elles seraient écartées aussitôt que produites; car qui écouterait quelqu'un se proposant de nous démontrer que nous ne sommes en ce monde que pour peiner et souffrir? Les discussions, sur ce point, des sectes philosophiques sont toutes en paroles: «Laissons là ces subtilités (Sénèque)»; il y entre plus d'obstination et de dispositions à ergoter, qu'il ne convient à une science aussi respectable que la philosophie; mais quelque personnage que l'homme entreprenne de jouer, il y mêle toujours un peu de lui-même.

DE COMO FILOSOFAR É APRENDER A MORRER

Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso, talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-na do corpo, o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela. Ou então é porque de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer. Em verdade, ou nossa razão falha ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu trabalho tender para que vivamos bem, e com alegria, como recomenda a Sagrada Escritura¹. Todas as opiniões propõem que o prazer é a meta da vida, mas diferem no que concerne aos meios de atingir o alvo. E se assim não fosse, as repeliríamos de imediato, pois quem daria ouvido a alguém que apontasse na pena e no sofrimento os objetivos da existência? A esse respeito, as dissensões entre as seitas filosóficas são puro palavreiro: “deixemos de lado essas sutilezas”²; em tais discussões entra mais obstinação e picuinha³ do que convém à ciência tão respeitável. Mas em qual. Qualquer papel que se proponha desempenhar põe o homem um pouco de si mesmo⁴.

Do ponto de vista da composição do texto traduzido por Milliet (SM), notamos que há empréstimo, neste trecho, tanto do texto de origem como do texto traduzido por Michaud. No entanto, este último comporta muitos acréscimos, na maioria explicações que comentam o texto de Montaigne.

No trecho, temos:

(6) (MM₁) **QUE PHILOSOPHER C'EST APPRENDRE A MOURIR**

[A] Cicéron dit que Philosophe ce n'est autre chose que s'aprester à la mort. C'est d'autant que l'étude et la contemplation retirent **aucunement** nostre ame hors de nous, et l'embesongnent¹ à part du corps, **qui est quelque apprentissage et ressemblance de la mort**; ou bien, c'est que toute la sagesse et discours du monde se resolt en fin à ce point, de nous apprendre à ne craindre point à mourir.

O título é uma citação da conhecida tese da filosofia estoica que Cícero usa quando escreve a Brutus – apoiando-se no dualismo de Sócrates, visto por Platão, segundo o qual a alma se torna prisioneira do corpo – para convencê-lo a se afastar de seu corpo, de seus prazeres e das atividades e concentrar sua alma no aprendizado da morte. O título faz parte da memória do leitor, imediatamente retomado e parafraseado em francês. Vista como estudo e contemplação a filosofia pode, até certo ponto (*aucunement*), nos ensinar a viver e a não temer a morte. No final deste trecho Montaigne usa novamente o recurso do lugar comum para sustentar sua argumentação: o conhecimento e a reflexão da vida (ou da sociedade) nos ensinam a não ter medo da morte.

Excetuando a interrogativa que introduz o parágrafo, marca visível de interferência no texto de origem, Michaud (7) permanece neste trecho bastante próximo do texto de origem, mesmo reformulando o léxico. O aspecto do “treino ou exercício” (*embesogner*) desaparece, a alma é efetivamente separada do corpo, na sua interpretação, e surge uma explicação (*ce qui est un peu ce qui advient quand la mort nous atteint*), totalmente estranha ao texto de origem (*quelque [...] ressemblance de la mort*).

- (7) (MM₂) PHILOSOPHER, C’EST APPRENDRE A MOURIR
Qu’est-ce que philosopher ? — Cicéron dit que philosopher, n’est autre chose que se préparer à la mort. Peut-être est-ce parce que l’étude et le recueillement reportent **en quelque sorte** notre âme en dehors de nous, et la dégagent du corps ; **ce qui est un peu ce qui advient quand la mort nous atteint**, et en est comme l’apprentissage ; ou encore, parce que toute la sagesse et la raison humaines aboutissent finalement à ce résultat, de nous apprendre à ne pas appréhender de mourir.

Notamos que Milliet (8) retoma o texto de Michaud (7) e traduz a partir dele e mantém suas escolhas interpretativas. Assim, temos:

- (8) (SM) DE COMO FILOSOFAR É APRENDER A MORRER
Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso, talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-na do corpo, **o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela.** Ou então é porque de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer.

Se comparado (8) com os outros dois textos:

- (9) (RCA) QUE FILOSOFAR É APRENDER A MORRER
Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso porque **de certa forma** o estudo e a contemplação retiram nossa alma para fora de nós e ocupam-na longe do corpo, **o que é um certo aprendizado e representação da morte;** ou então porque toda sabedoria e discernimento do mundo se resolvem por fim no ponto de nos ensinarem a não ter medo de morrer. (p. 120)
- (10) (TM) FILOSOFAR É APRENDER A MORRER (Liv. I, cap. XIX)
Diz Cícero que filosofar nada mais é que preparar-se para a morte. Assim é, portanto, pelo estudo e pela contemplação, nossa alma se retira para fora de nós, ocupando-se apartada do corpo, o que, **de certo modo, é aprendizagem e semelhança da morte;** e, também é porque toda a sapiência e discurso do mundo se resumem neste ponto, de nos ensinar a não ter medo de morrer. (p. 28)

Em seguida, Montaigne parece nos dizer que a razão, essa potência da alma, brinca conosco:

- (11) (MM₁) (...) De vray, ou **la raison se moque**, ou elle ne doit viser qu'à nostre contentement et tout son travail tendre en somme à nous faire bien vivre, et à nostre aise, comme dict la **Sainte Esriture**. Toutes les opinions du monde en sont là, [C] que le plaisir est nostre but, [A] quoy qu'elles en prennent divers moyens ; autrement on les chasseroit d'arrivée : car qui escouteroit celui qui pour sa fin establirait nostre peine et mesaise ?
[C] Les dissensions des **sectes Philosophiques**, en ce cas, sont verbales. "Transcurramus solertissimas nugas"³. Il y a plus d'opiniastreté et de picoterie⁴ qu'il n'appartient à **une si sainte profession**. (...) (p. 81)

Assim, ao nos ensinar a não temer a morte, a razão nos ensina a bem viver, e que o prazer é nosso objetivo. O que está em questão é o prazer da alma, que contrapõe ao sofrimento. Para eliminar qualquer argumento contrário a sua tese, Montaigne faz uso da prosopopéia ao deixar falar a *Sainte Esriture*, traz assim, para seu discurso, o discurso irrefutável de uma autoridade abstrata, mas personificada. Imediatamente

depois usa uma questão retórica (*qui écouterait celui qui pour sa fin établirait nostre peine et mesaise?*) que seduz o leitor e provoca sua adesão. Para terminar, Montaigne faz da prosopopeia uma figura da ironia quando desqualifica os discursos filosóficos contrários à sua tese: faz as *sectes Philosophiques* falarem por sua vez, mesmo que de maneira obstinada e maldosa o que é corroborado pela citação em latim que pede para que os discursos artificiosos sejam desconsiderados.

Notamos que o jogo de palavras entre *Sainte Esriture* e *si sainte profession*, que aparecem no início e no final do excerto respectivamente, é eliminado nas traduções e faz desaparecer o possível jogo de ironia ou de humor. Por outro lado, na contraposição entre *d’opiniastreté et de picoterie* e *une si sainte profession*, a presença do advérbio marca o grau de intensidade e também a oposição em relação ao elemento *Sainte Esriture*. A carga de ironia sendo endereçada aparentemente às *sectes Philosophiques*. As estratégias de retomada de discursos outros usadas por Montaigne são devolvidas mornamente pelos comentários feitos e acrescentados ao texto de origem nas diferentes traduções:

- (12) (MM₂) [...] A dire vrai, ou **notre raison est en défaut**, ou son but unique doit être notre propre satisfaction, et tout son travail tendre à nous faire vivre bien et à notre aise, ainsi qu’il est dit dans les **saintes Ecritures**. – Toutes les opinions émises, quel que soit celui que les émet, concluent à ce que le plaisir est le but de la vie ; mais elles diffèrent sur les moyens d’y atteindre. S’il n’en était pas ainsi, elles seraient écartées aussitôt que produites ; car qui écouterait quelqu’un se proposant de nous démontrer que nous ne sommes en ce monde que pour peiner et souffrir ? Les discussions, sur ce point, des **sectes philosophiques** sont toutes en parole : “Laissons là ces subtilités (Sénèque)” ; il y entre plus d’obstination et des dispositions à ergoter, qu’il ne convient à **une science aussi respectable que la philosophie**. [...] (p. 107-109)

Em (12) temos além de mudança de léxico temos mudança de posicionamento discursivo: como por exemplo, *comme dit la Sainte Esriture* por *il est dit dans les saintes Écritures*, temos *si por aussi...que* que marca a substituição da intensidade pela

conformidade e, finalmente *sainte profession* é traduzida por *la philosophie* mudando o foco da crítica ou a extinguindo totalmente.

Em (13) temos a tradução de Milliet:

- (13) (SM) [...] Em verdade, ou **nossa razão falha** ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu trabalho tender para que vivamos bem, e com alegria, como recomenda a **Sagrada Escritura**. Todas as opiniões propõem que o prazer é a meta da vida, mas diferem no que concerne os meios de atingir o alvo. E se assim não fosse, as repeliríamos de imediato, pois quem daria ouvido a alguém que apontasse na pena e no sofrimento os objetivos da existência? A esse respeito, as dissensões entre as **seitas filosóficas** são puro palavreiro: “deixemos de lado essas sutilezas”²; em tais discussões entra mais obstinação e picuinha³ do que convém a **ciência tão respeitável**. [...]

Embora haja a devolução de *picoterie* por *picuinha*, que mantém um aspecto do humor, perde-se a ironia de *si sainte profession*, quando o adjetivo é posposto em *ciência tão respeitável*, mesmo guardando a intensidade marcada por *tão*.

- (14) (RCA) (...) Na verdade, ou a **razão se abstém** ou ela deve visar apenas nosso contentamento, e todo seu trabalho deve ter como objetivo, em suma, fazer-nos viver bem e a nosso gosto, como dizem as **Santas Escrituras**. Todas as opiniões do mundo coincidem [C] em que o prazer é nossa meta, [A] embora adotem meios diferentes para isso; de outra forma as rejeitaríamos logo de início, pois quem escutaria alguém que estabelecesse como fim nosso penar e descontentamento? [C] As dissensões das **seitas filosóficas**, nesse caso, são verbais: “*transcurramus solertissimas nugas*”¹. Há nelas mais obstinação e provocação do que cabe a **um ofício tão louvável**. [...] (p. 120)
- (15) (TM) Deveras, ou a **razão escarnece de nós** ou não deve ter a mira senão em nosso contentamento, aplicando todo seu trabalho, em suma, a fazer-nos viver bem, com alegria, como diz a **Santa Escritura**. Todas as opiniões do mundo concordam neste ponto, que o prazer é o nosso fim, conquanto prescrevam meios diferentes; sem o que seriam repelidas de entrada. Pois qual de nós jamais daria ouvidos a quem, para nosso fim, estabelecesse pena e mal-estar? As dissensões das **seitas filosóficas**, neste caso, são verbais. Deixemo-nos de tão solertes bagatelas. Topamos aí mais turras e picuinhas do que convém a **tão santa profissão** [...] (p. 28)

Em (14), como em (13), ocorre perda do aspecto irônico pelas modalizações feitas: posição do adjetivo, do advérbio e pelas escolhas lexicais. Note-se que (15) devolve parte da ironia com ‘tão santa profissão’.

Percebemos que em três traduções (12), (13) e (14) não é possível restabelecer o aspecto cíclico do pensamento que se inicia em *Sainte Esriture* e termina em *sainte profession*.

Outro exemplo, retirado do mesmo capítulo, Montaigne contrapõe *vertu* e *volupté*. Não só as coloca em relação como diz que uma não pode ser compreendida sem a outra. Na procura e descoberta das verdades, os filósofos encontram a volúpia, o prazer supremo, o prazer do espírito. O que parece estar em jogo neste trecho é o questionamento de uma moral segundo a qual para se alcançar a virtude e a volúpia do espírito, deve-se sofrer a dificuldade, o esforço (para carregar o pesado fardo) e, finalmente elas não existem se não houver um adversário, uma oposição (o mal, o vício). Ora, Montaigne pensa, ao contrário que a virtude só pode ser alcançada no descanso, na calma e na ausência de esforço.

(MM₁), p. 81-82

Quoy qu'ils disent, en la vertu mesme, le dernier but de nostre visée, c'est la volupté. Il me plaist de battre leurs oreilles de ce mot qui leur est si fort à contrecœur. Et s'il signifie quelque supreme plaisir et excessif contentement, il est mieux deu¹ à l'assistance de la vertu qu'à nulle autre assistance. Cette volupté, pour estre plus gaillarde, nerveuse, robuste, virile, n'en est que plus sérieusement voluptueuse. Et luy² devons donner le nom du plaisir, plus favorable, plus doux et naturel : non celui de la vigueur³, duquel nous l'avons nommée. Cette autre volupté plus basse, si elle meritoit ce beau nom, ce devoit estre en concurrence, non par privilege. Je la trouve moins pure d'incommoditez et de traverses que n'est la vertu. Outre que son goust est plus momentanée, fluide et caduque, elle a ses veillées, ses jeunes et ses travaux⁴ et la sueur et le sang ; et en outre particulièrement ses passions trenchantes⁵ de tant de sortes, et à son costé une satiété si lourde qu'elle equipolle⁶ à penitence. Nous avons

(MM₂), p. 110-111

Quoi qu'en disent les philosophes, même dans la pratique de la vertu, le but de nos aspirations est la volupté. — La volupté, il me plaît de répéter sans cesse à leurs oreilles ce mot qu'ils ne prononcent qu'à contre-cœur ; il sert à exprimer le plaisir suprême portant au paroxysme le contentement que nous pouvons ressentir ; il conviendrait mieux aux satisfactions que nous peut procurer la vertu, qu'à celles provenant de toute autre cause. La volupté qui découle de la vertu, pour être plus gaillarde, nerveuse, robuste, virile, n'en est que plus sérieusement voluptueuse ; nous la qualifions de force d'âme, nous devrions plutôt l'appeler un plaisir ; cette appellation serait plus heureuse, plus juste et éveillerait des idées moins sévères. — Quant à la volupté d'ordre moins relevé (celle qui nous vient par les sens), si on croit qu'elle mérite ce beau nom, qu'on le lui maintienne, mais qu'il ne lui soit pas spécial. Plus que la vertu, elle a ses inconvénients et ses moments difficiles ; outre que les sensations

(SM), p. 158-159

Digam o que disserem, na própria prática da virtude o fim visado é a volúpia. E agrada-me repetir essa palavra que pronunciam constrangidos. E se significa prazer supremo e extremada satisfação melhor se deva ela à virtude do que a qualquer outra causa, pois a volúpia, robusta e viril, é a mais seriamente voluptuosa. E deveríamos chamá-la prazer, denominação mais feliz e mais natural, do que a de vigor que lhe damos. Quanto à volúpia de ordem menos elevada, se acreditam que mereça igual nome que o mantenham, mas não com exclusividade. Mais do que a virtude tem ela seus inconvenientes e seus momentos difíceis; além de serem mais efêmeras as sensações que nos procura, e mais fluidas e fugidias, tem suas vigílias, seus jejuns, suas penas, seu suor e sangue. Paixões de toda sorte influem nela e redundam nela em tão pesada saciedade que equivale a uma penitência. É erro nosso imaginar que tais inconvenientes a estimulam, e a condimentam, em razão dessa lei da

grand tort d'estimer que ces incommoditez luy servent d'aiguillon et de condiment à sa douceur, comme en nature le contraire se vivifie par son contraire, et de dire, quand nous venons à la vertu, que pareilles suites⁷ et difficulté l'accablent, la rendent austere et inaccessible⁸, là où, beaucoup plus proprement qu'à la volupté elles anoblissent, aiguissent et rehaussent le plaisir divin et parfait qu'elle nous moienne⁹. Celui-là est certes bien indigne de son accointance¹⁰, qui contrepoise¹¹ son coust à son fruit, et n'en cognoist ny les graces ny l'usage. Ceux qui nous vont instruisant que sa queste¹² est scabreuse¹³ et laborieuse, sa jouissance agréable, que nous disent ils par là, sinon qu'elle est tousjours desagréable? Car quel moien humain arriva jamais à sa jouissance?

qu'elle nous fait éprouver sont plus éphémères, qu'il n'en demeure rien, qu'elles s'éteignent rapidement, elle a ses moments de veille, d'abstinence, de labeur; la fatigue et la santé ont action sur elle, et plus encore, les passions de toutes sortes dont elle est obsédée; de plus, elle aboutit à une satiété si pénible, qu'elle équivalait à une pénitence qui nous serait imposée. Aussi est-ce bien à tort que, diversifiant l'application de cette loi de nature qui fait que toute chose s'accroît par les résistances qui lui font obstacle, on vient dire que ces inconvénients, quand il s'agit de la volupté sensuelle, sont des stimulants qui ajoutent au plaisir que nous pouvons éprouver, et, lorsqu'il est question de la vertu, que les difficultés qu'elle présente la rendent austère et inaccessible. Les difficultés ajoutent aux satisfactions que nous cause la vertu. — A l'encontre de ce qui se produit pour la volupté, ces difficultés, qui accompagnent la pratique de la vertu, anoblissent, affinent et rehaussent le plaisir divin et parfait qu'elle nous procure. Celui-là est certes bien indigne de la ressentir, qui met en balance ce qu'elle coûte et ce qu'elle rapporte; il ne sait en user et est hors d'état d'en apprécier les beautés. Ceux qui vont nous enseignant que si sa possession est agréable, sa recherche est pénible et laborieuse, que veulent-ils dire par là, si ce n'est que la vertu est toujours une chose desagréable? Car quel est l'homme qui y ait jamais atteint?

natureza. Que afirma tudo se fortalecer ante o obstáculo encontrado; e erro é também pensar que, quando se trata de volúpia proveniente da virtude, semelhantes dificuldades a acabrunham e a tornam austera e inacessível.

Ao contrário do que se verifica com a volúpia; na prática da virtude tais dificuldades enobrecem, requintam e realçam o prazer divino e perfeito que ela nos procura. Bem indigno de senti-lo é por certo quem pesa o custo e o rendimento dela; não lhe conhece as belezas nem o uso. Os que nos afirmam que, embora sua posse seja agradável, penosa e laboriosa é a sua conquista, não nos estarão dizendo ser a virtude coisa sempre desagradável? Mesmo porque quem a terá jamais atingido?

Quando fala da volúpia “mais baixa”, para tornar sua argumentação mais contundente, Montaigne usa a enumeração. A aliteração em *s* que a acompanha, por outro lado, reforça o conteúdo compartilhado com o leitor em tom de *moquerie*. Como Montaigne afirma no início desse excerto: *Il me plaist de battre leurs oreilles*, o que faz efetivamente com certa dose de humor.

- (16) (MM₁) [...] Outre que son goust est plus momentanée, fluide et caduque, elle a ses veillées, ses jeusnes et ses travaux⁴ et la sueur et le sang; et en outre particulièrement ses passions trenchantes⁵ de tant de sortes, et à son costé une satiété si lourde qu'elle equipolle⁶ à penitence. Nous avons grand tort d'estimer que ces incommoditez luy servent d'aiguillon et de condiment à sa douceur, comme en

nature **le contraire se vivifie par son contraire**, et de dire, quand nous venons à la vertu, que pareilles suites⁷ et difficulté l'accablent, la rendent austere et inaccessible⁸

Nota-se no texto traduzido por Michaud (17) ocorre uma explicação do texto de Montaigne. Embora a enumeração persista, a escolha do léxico diminui o impacto e a capacidade de persuasão, pois a aliteração não está mais presente. As reformulações propostas por Michaud acabam finalmente por acrescentar algumas alterações como a *volupté sensuelle* que não é tratada dessa forma no texto de origem.

- (17) (MM₂) [...] outre que les sensations qu'elle nous fait éprouver sont plus éphémères, qu'il n'en demeure rien, qu'elles s'éteignent rapidement, elle a ses moments de veille, d'abstinence, de labeur ; la fatigue et la santé ont action sur elle, et plus encore, les passions de toutes sortes dont elle est obsédée ; de plus, elle aboutit à une satiété si pénible, qu'elle équivaut à une pénitence qui nous serait imposée. Aussi est-ce bien à tort que, diversifiant l'application de cette loi de nature qui fait que **toute chose s'accroît par les résistances qui lui font obstacle**, on vient dire que ces inconvénients, quand il s'agit de la **volupté sensuelle**, sont des stimulants qui ajoutent au plaisir que nous pouvons éprouver, et, lorsqu'il est question de la vertu, que les difficultés qu'elle présente la rendent austère et inaccessible.

Em (18), Milliet faz a tradução mais próxima de (16) sem, no entanto, restituir por completo o humor aí pressentido.

- (18) (SM) [...] além de serem mais efêmeras as sensações que nos procura, e mais fluidas e fugidias, tem suas vigílias, seus jejuns, suas penas, seu suor e sangue. Paixões de toda sorte influem nela e redundam nela em tão pesada saciedade que equivale a uma penitência. É erro nosso imaginar que tais inconvenientes a estimulam, e a condimentam, em razão dessa lei da natureza. Que afirma tudo se fortalecer ante o obstáculo encontrado; e erro é também pensar que, quando se trata de volúpia proveniente da virtude, semelhantes dificuldades a acabrunham e a tornam austera e inacessível.

Vejamos como (RCA) traduz o mesmo trecho:

- (19) (RCA) [...] Além de sua apreciação ser mais momentânea, fluída e periclitante, ela tem suas vigílias, seus jejuns e suas lidas, e o suor e o sangue; e ainda em especial seus sofrimentos pungentes de tantas espécies, e paralelamente uma saciedade tão pesada que se iguala à penitência. Erramos grandemente ao julgar que essas inconveniências lhe servem de agulhão e de condimento para sua doçura, como na natureza o contrário se vivifica por seu contrário, e ao dizermos, quando tratamos da

virtude, que semelhantes sequelas e dificuldades a oprimem, a tornam austera e inacessível [...] (p. 121)

- (20) (TM) [...] de mais, seu gozo é mais momentâneo, fluído e caduco. Tem suas vigílias, seus jejuns e seus trabalhos, e o suor e o sangue, e além disso, particularmente, suas paixões cortantes de tantas sortes, e, a seu lado, uma saciedade tão pesada que equivale a penitência. Muito nos enganamos em supor que esses estorvos lhe sirvam de estímulo e de condimento à doçura (pois é da natureza vivificar-se o contrário por seu contrário); e em dizer, ao tratarmos da virtude, que semelhantes efeitos e dificuldades a oprimem, também, a tornam austera e inacessível [...] (p. 29)

As duas traduções (18) e (19) para o português brasileiro se mantêm próximas do texto de origem. Podemos notar que (19) e (20) se aproximam bastante entre si.

No trecho seguinte Montaigne afirma que o ‘fundamento humano’ de ‘nossa religião’ é o desprezo da vida. Ora, esse desprendimento é desnecessário uma vez que quem comanda a vida e a morte, sendo seu fundamento, é a natureza. Uma sequência de contrastes e oposições, assumidos por questões, causa impacto da argumentação. Montaigne valoriza o contraste criando imagens de impacto. Assim, morte como libertação, morte como fim do penar, perder e estar perdido, nascimento e morte. O saber morrer (que é saber viver) nos liberta da sujeição e da obrigação. Esse jogo de oposições cria dúvida sobre as intenções do autor: o possível do discurso irônico. Vejamos o exemplo:

(MM₁) p. 91-92

Nostre religion n’a point eu de plus assuré fondement humain, que le mespris de la vie. Non seulement le discours de la raison nous y appelle, car pourquoy craindrions nous de perdre une chose, laquelle perdue ne peut estre regrettée ; et, puis que nous sommes menasés de tant de façons de mort, n’y a il pas plus de mal à les craindre toutes, qu’à en soustenir une ? [C]Que chaut-il¹ quand ce soit, puis qu’elle est inevitable ? A celui qui disoit à Socrates : Les trente tyrans t’ont condamné à la mort.-Et nature a eux², respondit-il.

(MM₂) p. 125

Le mépris de la vie est le fondement le plus assuré de la religion. Notre religion n’a pas, chez l’homme, de base plus assurée que le mépris de la vie ; non seulement la raison nous y amène, car pourquoi appréhenderions-nous de perdre une chose qu’une fois perdue, nous ne sommes plus en état de pouvoir regretter ? Et, puisque la mort nous menace sans cesse sous tant de formes, n’est-il pas plus désagréable d’être toujours à les redouter toutes que d’être, par avance , résigné quand une bonne fois elle se présente ? Pourquoi avoir souci de sa

(SM) p. 167

Nossa religião não teve alicerce humano mais sólido que o do desprezo à vida. E não é somente a voz da razão que a isso nos conduz, pois por que temeríamos perder uma coisa que, uma vez perdida, já não podemos lamentar? E como a morte nos ameaça sem cessar sob vários aspectos, não será mais desagradável ficarmos a receá-los todos de antemão, do que nos resignarmos uma vez por todas, diante dela. Por que se preocupar com sua vinda, se é inevitável? Dizia alguém a Sócrates: “os trinta tiranos condenaram-te à morte”. Ao que o

Quelle sottise de nous peiner sur le point du passage à l'exemption de toute peine ! Comme nostre naissance nous apporta la naissance de toutes choses, aussi fera la mort de toutes choses, nostre mort³ Parquoy c'est pareille folie de pleurer de ce que d'icy à cent ans nous ne vivrons pas, que de pleurer de ce que nous ne vivions pas il y a cent ans. La mort est origine d'une autre vie. Ainsi pleurasmes-nous : ainsi nous cousta-il d'entrer en cette-cy : ainsi nous despouillâmes-nous de nostre ancien voile, en y entrant.

venue, puisqu'elle est inévitable ? — A quelqu'un disant à Socrate : «Les trente tyrans t'ont condamné à mort», le philosophe répondit : «Eux, le sont par la nature» — Quelle sottise de nous affliger au moment même où nous allons être délivrés de tous maux. — Notre venue en ce monde a été pour nous la venue de toutes choses ; notre mort sera de même pour nous la mort de tout. Regretter de n'être plus dans cent ans, est aussi fou que si nous regrettions de n'être pas né cent ans plus tôt. Mourir, c'est renaître à une autre vie ; nous sommes nés dans les larmes, il nous en a coûté d'entrer dans la vie actuelle ; en passant à une vie nouvelle, nous nous dépouillons de ce que nous avons été dans celle qui l'a précédée.

filósofo respondeu: “Eles já o foram pela natureza.” Que tolíce nos afligirmos no momento em que nos vamos ver livres de nossos males! Nossa vinda ao mundo foi para nós a vinda de todas as coisas; nossa morte será a morte de tudo. Lastimar não mais viver dentro ele cem anos é tão absurdo quanto lamentar não ter nasci elo um século antes. A morte é origem de outra vida. Nascemos entre lágrimas e muito nos custou entrar na vida atual; passando para uma nova vida despojamo-nos do que fomos na precedente.

Montaigne opõe, na sequência, a religião, cujo fundamento humano é o desprezo da vida, e a opinião de autoridade (citação em discurso direto): a natureza finalmente é quem comanda a vida (e a morte). Há um convite para a participação do leitor, através das questões, na procura da solução para o problema que parece indeterminada: uma série de interrogativas define essa indeterminação. Assim:

- (21) (MM₁) Nostre religion n'a point eu de plus asseuré fondement humain, que le mespris de la vie. Non seulement **le discours de la raison** nous y appelle, car pourquoy craindrions nous de perdre une chose, laquelle perdue ne peut estre regrettée ; et, puis que nous sommes menasés de tant de façons de mort, **n'y a il pas plus de mal à les craindre toutes, qu'à en soustenir une ?** [C] Que chaut-il¹ quand ce soit, puis qu'elle est inevitable ? A celui qui disoit à Socrates : Les trente tyrans t'ont condamné à la mort.-Et nature a eux², respondit-il.

Notamos que em (22) que a explicação ou comentário, que introduz o parágrafo, modifica o que é retomado do texto de Montaigne. Mesmo mantendo as questões, notamos que é acrescentada a ideia de resignação, que não ocorre em (21).

- (22) (MM₂) *Le mépris de la vie est le fondement le plus assuré de la religion.* Notre religion n'a pas, chez l'homme, de base plus assurée que le mépris de la vie ; non seulement **la raison** nous y amène, car pourquoi appréhenderions-nous de perdre une chose qu'une fois perdue, nous ne sommes plus en état de pouvoir regretter ? Et, puisque la mort nous menace sans cesse sous tant de formes, **n'est-il pas plus désagréable d'être toujours à les redouter toutes que d'être, par avance, résigné**

quand une bonne fois elle se présente ? Pourquoi avoir souci de sa venue, puisqu'elle est inévitable ? — A quelqu'un disant à Socrate : «Les trente tyrans t'ont condamné à mort», le philosophe répondit : «Eux, le sont par la nature».

Milliet (23) mantém-se próximo do texto de Michaud (22) em duas das três questões, mas transforma uma delas em afirmação negativa. O que marca o trecho é a tentativa de, talvez, minimizar ou retirar a indeterminação.

- (23) (SM) Nossa religião não teve alicerce humano mais sólido que o do desprezo à vida. E não é somente **a voz da razão** que a isso nos conduz, pois por que temeríamos perder uma coisa que, uma vez perdida, já não podemos lamentar? E como a morte nos ameaça sem cessar sob vários aspectos, **não será mais desagradável ficarmos a receá-los todos de antemão, do que nos resignarmos uma vez por todas, diante dela.** Por que se preocupar com sua vinda, se é inevitável? Dizia alguém a Sócrates: “os trinta tiranos condenaram-te à morte”. Ao que o filósofo respondeu: “Eles já o foram pela natureza”.
- (24) (RCA) Nossa religião não teve fundamento mais seguro do que o desprezo pela vida. Não somente **o exercício da razão** nos convida a isso, pois porque temeríamos perder uma coisa que perdida não pode ser lamentada; e, já que somos ameaçados por tantas formas de morte, **não haverá maior mal em temê-las todas do que em suportar uma?**
[C] Que importa quando ela será, pois que é inevitável? A alguém que dizia a Sócrates: “Os trinta tiranos condenaram-te à morte”, respondeu ele: “E a natureza a eles.” (p. 135)
- (25) (TM) Nossa religião não teve mais seguro fundamento humano que o desprezo da vida. Não só a ajuda da razão a isso nos leva; pois, porque havemos de temer a perda de uma coisa da qual, uma vez perdida, não podemos lamentar a falta? Mas, além disso, já que tantas maneiras de morrer nos ameaçam, não é pior temê-las todas que arrostar uma só? Quando foram dizer a Sócrates: “Os trinta tiranos condenaram-te à morte”, ele respondeu: “E a natureza a eles”. (p. 38)

As traduções (24) e (25) se mantêm próximas de (21).

Vejamos ainda este exemplo:

- (26) (MM₁) **La mort est origine d'une autre vie.** Ainsi pleurâmes-nous : ainsi nous cousta-il d'entrer en cette-cy : ainsi nous despouillâmes-nous de nostre ancien voile, en y entrant.

Michaud traduz:

- (27) (MM₂) **Mourir, c'est renaître à une autre vie** ; nous sommes nés dans les larmes, il nous en a coûté d'entrer dans la vie actuelle ; en passant à une vie nouvelle, nous nous dépouillons de ce que nous avons été dans celle qui l'a précédée.

Neste caso, o que está em jogo é o tema da ressurreição: morrer e renascer. A ambiguidade criada por Montaigne desaparece totalmente uma vez que o que é retomado aqui é o tema cristão: em princípio não ambíguo.

Milliet (28), neste trecho, usa os dois textos (26) e (27) para reformular o seu próprio. Aqui, talvez, não seja tanto pela dificuldade da tradução que um ou outro pode oferecer, mas muito mais por aspectos ideológicos que, possivelmente, não escaparam ao tradutor. Assim temos:

- (28) (SM) **A morte é origem de outra vida.** Nascemos entre lágrimas e muito nos custou entrar na vida atual; passando para uma nova vida despojamo-nos do que fomos na precedente.

As outras duas traduções fornecem:

- (29) (RCA) [...] **A morte é a origem de uma outra vida.** Assim choramos nós; assim nos custou entrar nesta aqui; assim nos despojamos de nosso antigo véu quando entramos naquela.[...] (p. 136)
- (30) (TM) [...] **A morte é a origem de uma outra vida:** assim choramos, assim nos custou entrarmos nesta, assim, ao entrar, nos despojamos do antigo véu. (p. 136)

As frases curtas, marcadas pela pontuação, tão impactantes em Montaigne, não são retomadas por nenhuma das traduções.

5.2.3. Da educação das crianças.

O capítulo 26 é o mais longo do livro I. Dedicado a uma futura mãe, ele forma com o capítulo que o precede, “*Du pedantisme*”, a discussão de Montaigne sobre a educação. Pela leitura, notamos que Montaigne toma como exemplo sua própria educação e aconselha o futuro preceptor do príncipe esperado. No início, sua explanação é usada para defender-se contra os que denomina “maus escritores” – aqueles que copiam. Em seguida, passa a orientar o preceptor do jovem (que ainda não nasceu) para o que considera ser uma boa educação, baseada na tradição e nos sentidos, nas matérias a serem valorizadas como o ensino das línguas, etc. Sua visão da educação, ao menos da educação das crianças, é de cunho geral e não específica, prega uma educação mais humana. Dessa forma se ataca ao abuso da retórica, da dialética e da valorização dos livros, exaltando o aprendizado no ‘livro da vida’. Finalmente, em boa parte do capítulo discorre sobre sua própria educação; todo ele é repleto de metáforas: analogias a partir de animais (abelhas, ursos, cavalos, cães), vegetais, etc. Como em outras partes do texto, Montaigne se apoia nas imagens para articular o pensamento.

No exemplo que segue, Montaigne inicia pela criação de uma imagem do defeituoso, do burlesco, tão usada por ele mesmo e por seus contemporâneos. Isso acaba por criar um aspecto cômico quando pensamos que o texto é dedicado a uma mulher grávida. O fabuloso ou extraordinário aqui se torna símbolo da própria natureza do homem. É interessante notar no trecho, a maneira irônica como fala de Aristóteles, *monarque de la doctrine moderne*, e logo em seguida a ideia que a ciência deve servir a vida, e se coloca como um homem esclarecido sem, no entanto servir à *science*. No final, mais uma imagem: o som que passa através do funil e sai mais forte do outro lado,

para falar da palavra que, quando passa pela poesia se torna mais poderosa, mais contundente.

(MM₁) p. 145-146

[A] Je ne vis jamais père, pour teigneux ou bossé³ que fut son fils, qui laissast de l'avouer⁴. Non pourtant⁵, s'il n'est du tout⁶ enyvré de cet'affection⁷, qu'il ne s'aperçoive de sa défaillance⁸; mais tant y a qu'il est sien. Aussi¹ moy, je voy, mieux que tout autre, que ce ne sont icy que resveries d'homme qui n'a gousté des sciences que la crouste premiere, en son enfance, et n'en a retenu qu'un general et informe visage : un peu de chaque chose, et rien du tout², à la Française. Car, en somme, je sçay qu'il y a une Medecine, une Jurisprudence, quatre parties en la Mathematique³, et grossierement⁴ ce à quoy elles visent. [C] Et à l'aventure encore sçay-je la pretention⁵ des sciences en general au service⁶ de nostre vie. [A] Mais, d'y enfoncer plus avant, de m'estre rongé les ongles à l'estude d'Aristote⁷, [C] monarque de la doctrine⁸ [A] moderne, ou opiniâtre apres quelque science, je ne l'ay jamais fait; [C] ny n'est art dequoy je sceusse peindre seulement les premiers lineaments. Et n'est enfant des classes moyennes, qui ne se puisse dire plus sçavant que moy, qui n'ay seulement pas dequoy l'examiner sur sa premiere leçon : au moins selon icelle. Et, si l'on m'y force, je suis contraint, assez ineptement, d'en tirer quelque matiere de propos universel, sur quoy j'examine son jugement naturel : leçon qui leur est autant incogne, comme à moy la leur.

Je n'ay dressé commerce avec aucun livre solide, sinon Plutarque et Seneque, où je puyse comme les Danaïdes, remplissant et versant sans cesse. J'en attache quelque chose à ce papier; à moy, si peu que rien.

[A] L'Histoire, c'est plus mon gibier, ou la poesie, que j'ayme d'une particuliere inclination. Car, comme disoit Cleantes, tout ainsi que la voix⁹, contrainte¹⁰ dans l'étroit canal d'une trompette, sort plus aigue et plus forte, ainsi me semble il que la sentence¹¹, pressée aux pieds nombreux¹² de la poesie, s'eslance bien plus brusquement et me fier¹³ d'une plus vive secousse.

(MM₂) p. 227-229

Je n'ai jamais vu un père, pour si bossu ou teigneux que soit son fils, qui se laissât aller à en convenir; non que, sauf le cas où son affection l'aveugle complètement, il ne s'en aperçoive pas, mais parce que son fils provient de lui. Je suis de même; je vois mieux que tout autre que les idées que j'émetts dans mon ouvrage, ne sont que les rêveries d'un homme qui, dans son enfance, n'a goûté qu'à la première enveloppe des sciences, et n'en a retenu qu'une conception générale et non encore formée, un peu de chaque chose, ou même rien du tout, comme cela se passe en France. En somme, je sais que la médecine, la jurisprudence existent, que les mathématiques se divisent en quatre branches, et sais assez superficiellement ce dont elles traitent. Par hasard, je sais encore que, d'une façon générale, les sciences prétendent améliorer les conditions de notre existence; mais je n'ai jamais été plus avant et ne me suis jamais mis martel en tête pour approfondir Aristote, ce roi de la doctrine moderne; je n'ai pâli sur l'étude d'aucune science, et n'ai aucune idée qui me permette d'exposer seulement les notions les plus élémentaires. Il n'est pas un enfant des classes moyennes qui ne puisse se dire plus savant que moi, qui ne suis seulement pas à même de le questionner, serait-ce sur la première leçon du moins de cette nature. S'il est absolument nécessaire que je l'interroge, je suis dans l'obligation, assez honteuse pour moi, de m'en tenir à quelques questions d'ordre général, qui me permettent d'apprécier son bon sens naturel; et ce que je lui demande, il l'ignore au même degré que ce qu'il sait m'est étranger à moi même.

Aucun ouvrage sérieux ne m'est familier, sauf Plutarque et Sénèque, où, à l'instar des Danaïdes, je puise sans cesse, déversant immédiatement ce que j'en retire; mon ouvrage en retient quelques bribes, et moi si peu que rien. En fait de livres, l'histoire a davantage mes

(SM) p. 213

Nunca vi pai, por corcunda ou tihoso que fosse o filho, deixar de dá-lo por seu. Não, entretanto, por estar cego pela afeição e não se aperceber do defeito, mas tão somente porque é seu. Assim eu, vejo melhor do que outro não haver aqui senão devaneios de homem que das ciências só provou a casca em sua infância e apenas reteve delas um aspecto geral e informe; um pouco de tudo e até nada de nada, à francesa. Porque em suma, sei que há uma medicina, uma jurisprudência, quatro partes na matemática, e, grosseiramente, o que visam elas. Porventura saberei ainda, de um modo geral, qual seu objetivo e sua utilidade em nossa vida. Mas, ir além, queimar as pestanas no estudo de Aristóteles, soberano da doutrina moderna, que me obstinar em qualquer ciência, não o fiz nunca. Nem na arte de que eu possa sequer expor as mais elementares noções. E qualquer menino das classes médias pode dizer-se mais erudito do que eu que não, tenho capacidade para examiná-lo sobre as primeiras lições; dessa natureza pelo menos. Se me forcem a fazê-lo, vejo-me obrigado, assaz ineptamente, a tratar de algum assunto de caráter geral pelo qual julgo sua inteligência natural, matéria tão alheia a ele quanto a sua me é estranha.

Não me enfronhei em nenhum livro sólido senão nos de Plutarco e Sêneca em cuja obra, a exemplo das Danaides, busco sem cessar aquilo que logo entrego alhures. Em meus escritos alguma coisa fica; em mim quase nada. A história é mais de minha predileção, ou a poesia que tenho em particular estima. Pois, como dizia Cleantes, assim como o som, prensado no estreito canal de uma trombeta, sai mais agudo e forte, assim: se me afigura que o pensamento, constringido pelas regras da poesia, se arremete mais vivamente e me impressiona com maior intensidade.

préférences ; j'ai aussi un goût particulier pour la poésie. Cléanthe disait que la voix, resserrée dans l'étroit tuyau d'une trompette, en sort plus aiguë et avec plus de portée ; il semble que de même la pensée, soumise dans son expression aux exigences de la poésie, en sorte plus nette et frappe plus vivement.

Aqui, Montaigne chama a atenção pela imagem que constrói: pinta um corpo disforme, defeituoso, imperfeito. Inicia pela alusão a uma verdade geral compartilhada: 'todo pai reconhece o filho'.

- (31) (MM₁) Je ne vis jamais père, pour teigneux ou bossé³ que fut son fils, qui laissast de l'avouer⁴. Non pourtant⁵, s'il n'est du tout⁶ enyvrré de cet'affection⁷, qu'il ne s'aperçoive de sa defaillance⁸ ; mais tant y a qu'il est sien. Aussi¹ moy, je voy, mieux que tout autre, que **ce ne sont icy** que resveries d'homme qui n'a gousté des sciences que la crouste premiere, en son enfance, et n'en a retenu qu'un general et informe visage : un peu de chaque chose, et rien du tout², à la Française.

Em (32), notamos a utilização do *passé composé* no lugar do *passé simple*. Ocorre uma inversão dos adjetivos *teigneux* e *bossé*. Os trechos marcados em negrito mostram explicações que devolvem parte do significado e retiram a ambiguidade, como: *ce ne sont icy* (no livro?, no capítulo? no que acaba de ser dito?) por *les idées que j'émetts dans mon ouvrage, ne sont*, ou o *à la française* que se torna *comme cela se passe en France*

- (32) (MM₂) Je n'ai jamais vu un père, pour si bossu ou teigneux que soit son fils, qui se laissât aller à en convenir ; non que, sauf le cas où son affection l'aveugle complètement, il ne s'en aperçoive pas, mais parce que son fils provient de lui. Je suis de même ; je vois mieux que tant autre que **les idées que j'émetts dans mon ouvrage, ne sont** que les rêveries d'un homme qui, dans son enfance, n'a goûté qu'à **la première enveloppe** des sciences, et n'en a retenu **qu'une conception générale et non encore formée**, un peu de chaque chose, ou même rien du tout, comme cela se passe en France.

Embora as três traduções que seguem (33), (34) e (35) apresentem diferenças entre si, não chegam a causar estranhamento.

- (33) (SM) Nunca vi pai, por corcunda ou tihoso que fosse o filho, deixar de dá-lo por seu. Não, entretanto, por estar cego pela afeição e não se aperceber do defeito, mas **tão sòmente** porque é seu. Assim eu, vejo melhor do que outro não haver aqui senão devaneios de homem que das ciências só provou a casca em sua infância e apenas reteve delas um aspecto geral e informe; um pouco de tudo e até nada de nada, à francesa.
- (34) (RCA) [...] Nunca vi um pai que, por corcunda e tihoso que fosse seu filho, deixasse de reconhecê-lo como seu. Não é que, se não estiver totalmente enebriado por essa afeição, não perceba a falha; mas **seja como for** ele é seu. Da mesma forma, eu pessoalmente eu vejo melhor do que qualquer outro que **isto** são apenas devaneios de um homem que não saboreou das ciências mais do que a primeira casca, na infância, e dela não reteve mais que uma impressão geral e informe: um pouco de cada coisa e nada profundamente, à francesa.[...] (p. 217)
- (35) (TM) [...] Pai que deixasse de reconhecer o próprio filho, por mais corcunda e tihoso que seja, nunca vi nenhum. Não o faz, salvo se inteiramente alterado pelo paternal afeto, porque não enxergue essas mazelas, mas **porque apenas** é filho dele. Quanto a mim, da mesma forma, bem sei eu, melhor do que ninguém, que tudo isso não passa de meros devaneios de quem das ciências apenas provou a casca superficial, quando menino, e delas não reteve que mais que um geral e informe semblante: de cada coisa um pouco, mas a fundo nada, à moda francesa. [...] (p. 87)

No trecho que segue, Montaigne discute a importância da inteligência (faculdade de compreender o inteligível por oposição à sensação) em relação à memória e que é expressa pelo aforismo: *Sçavoir par coeur n'est pas sçavoir: c'est tenir ce qu'on a donné en garde à memoire*. Percebe-se que é mantido tanto por Michaud quanto por Milliet. Já o juízo de valor (epifonema) *Facheuse suffisance, qu'une suffisance purement livresque!* que prepara o leitor para que chegue a essa conclusão, assumindo ao mesmo tempo um tom irônico, é perdido quando *suffisance* (presunção) é ‘traduzida por *science*.

(MM₁) p. 152

[A] C'est, disoit Epicharmus, l'entendement qui voyt et qui oyt, c'est l'entendement qui profite tout, qui dispose tout, qui agit, qui domine et qui regne : toutes autres choses sont aveugles, sourdes et sans ame. Certes nous le rendons servile et couard, pour ne luy laisser la liberté de rien faire de soy. Qui demanda jamais à son disciple ce qu'il luy semble [B] de la Rethorique et de la Grammaire, [A] de telle ou telle sentence⁴ de Ciceron ? On nous les plaque en la memoire toutes empennées⁵, comme des oracles où les lettres et les syllabes sont de la

(MM₂) p. 241

C'est, disait Epicharme, l'entendement qui voit et qui entend ; c'est par l'entendement que nous mettons tout à profit, c'est lui qui organise, qui agit, qui domine et qui règne ; toutes nos autres facultés sont aveugles, sourdes et sans âme. Nous le rendons servile et craintif, en ne lui laissant pas la liberté de faire quoi que ce soit de lui même. Quel maître a jamais demandé à son disciple ce qu'il pense de la rhétorique et de la grammaire, ou de telle ou telle maxime de Cicéron ? On nous les plaque, toutes parées, dans la mémoire ; on nous les donne

(SM) p. 219

É a inteligência, dizia Epicarmo, que vê e ouve; é a inteligência que tudo aproveita, tudo dispõe, age, domina e reina. Tudo o mais é cego, surdo e sem alma. Certamente tornaremos a criança servil e tímida se não lhe dermos a oportunidade de fazer algo por si. Quem jamais perguntou a seu discípulo que opinião tem da retórica, da gramática ou de tal ou qual sentença de Cícero? Metem-nas em sua memória, bem arranjadinhas, como oráculos que devem ser repetidos ao pé da letra. Saber de cor não é saber: é conservar o que se

substance de la chose. [C] Sçavoir par coeur n'est pas sçavoir : c'est tenir ce qu'on a donné en garde à sa memoire. Ce qu'on sçait droittement, on en dispose, sans regarder au patron, sans tourner les yeux vers son livre. Facheuse suffisance, qu'une suffisance purement livresque ! Je m'attens⁶ qu'elle serve d'ornement, non de fondement, suivant l'advis de Platon, qui dict la fermeté, la foy, la sincerité estre la vraie philosophie, les autres sciences et qui visent ailleurs, n'estre que fard.

comme des oracles, auxquels on ne saurait changer ni une lettre, ni une syllabe. Savoir par coeur, n'est pas savoir ; c'est retenir ce qui a été donné en garde à la mémoire. Ce qu'on sait effectivement, on en dispose, sans consulter le maître du regard, sans avoir besoin de jeter les yeux sur son livre. Triste science que celle qui est tout entière tirée des livres ; elle peut servir à nous faire briller, mais n'est d'aucune solidité ; Platon nous le dit : «La fermeté, la foi, la sincérité constituent la vraie philosophie ; toute science autre, qui a d'autres visées, n'est que fard tout au plus propre à donner un éclat trompeur. »

entregou à memória para guardar. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro. Triste ciência a ciência puramente livresca! ⁹ Que sirva de ornamento mas não de fundamento, como pensa Platão, o qual afirma que a firmeza, a boa-fé, a sinceridade, são a verdadeira filosofia e que as outras ciências, com outros fins, não são mais do que brilho enganoso.

A partir da citação, curta e precisa, a enumeração aparece para persuadir. Notamos que há a ideia de oposição marcada pelo léxico (*domine, règne/servile, couard*), assinalando uma possível ironia confirmada por *certes* (sem dúvida). O brilho da frase deve provocar a adesão do leitor.

- (36) (MM₁) C'est, disoit Epicharmus, l'entendement qui voyt et qui oyt, c'est l'entendement qui profite tout, qui dispose tout, qui agit, qui domine et qui regne : toutes autres choses sont aveugles, sourdes et sans ame. **Certes** nous le rendons servile et couard, pour ne luy laisser la liberté de rien faire de soy.

Neste caso (37) se aproxima do texto anterior (36), no entanto *certes* é excluído.

- (37) (MM₂) C'est, disait Epicharme, l'entendement qui voit et qui entend ; c'est par l'entendement que nous mettons tout à profit, c'est lui qui organise, qui agit, qui domine et qui règne ; toutes nos autres facultés sont aveugles, sourdes et sans âme. Nous le rendons servile et craintif, en ne lui laissant pas la liberté de faire quoi que ce soit de lui même.

As traduções para o português brasileiro (38), (39) e (40) se mantêm próximas de (36) do ponto de vista do léxico, note-se, no entanto, que em (38) Milliet adapta o texto: no lugar da inteligência se tornar servil e covarde, é a criança que se torna servil e tímida.

- (38) (SM) É a inteligência, dizia Epicarmo, que vê e ouve; é a inteligência que tudo aproveita, tudo dispõe, age, domina e reina. Tudo o mais é cego, surdo e sem alma. **Certamente tornaremos a criança servil e tímida** se não lhe dermos a oportunidade de fazer algo por si.

- (39) (RCA) [...] A inteligência, diz Epicarmo, é que vê e que ouve, a inteligência é que tudo aproveita, que tudo dispõe, que age, que domina e que reina; todas as outras coisas são cegas, surdas e sem alma. **É bem verdade que a tornamos servil e covarde**, por nunca lhes darmos a liberdade de fazer coisa alguma por si mesma. [...] (p. 227)
- (40) (TM) [...] É a inteligência, dizia Epicarmo, que ouve e vê, que tudo aproveita e que dispõe de tudo, que atua, domina e reina: tudo mais são coisas cegas surdas e sem alma. **Por** não lhes darmos a liberdade de nada fazer por si mesma, **nós a tornamos servil e acovardada**. [...] (p. 95)

No trecho seguinte, Montaigne se ataca novamente à retórica, ao abuso da dialética e ao pedantismo ou a falsa erudição. Crítica ainda o excesso de estudo e a maneira como é feito. Para caracterizar os *savants*, Montaigne recorre a comparações, analogias, imagens. Vejamos a passagem em que aparece a *anecdote*, uma citação humano-existencial, cuja função parece ser amenizar certa austeridade do discurso e torná-lo mais falante assim como torna a argumentação mais crível e justifica assim as conclusões. A inserção dessa ficção, uma historieta de referência, interrompe a exposição conceitual e traz o leitor para a própria existência do autor, aproximando-os.

(MM₁) p. 168-169

On nous tient quatre ou cinq ans à entendre les mots et les coudre en clauses ; encores autant à en proportionner un grand corps, estendu en quatre ou cinq parties, et autres cinq, pour le moins, à les sçavoir brièvement mesler et entrelasser de quelque subtile façon. Laissons le à ceux qui en font profession expresse. Allant un jour à Orleans, je trouvay, dans cette plaine au deça de Clery, deux regens qui venoyent à Bourdeaux, environ à cinquante pas l'un de l'autre. Plus loing, derriere eux, je descouvris une troupe et un maistre en teste, qui estoit feu Monsieur le Comte de la Rochefoucault. Un de mes gens s'enquit au premier de ces regents, qui estoit ce gentil'homme qui venoit apres luy. Luy, qui n'avoit pas veu ce trein qui le suyvoit et qui pensoit qu'on luy parlast de son compagnon, respondit plaisamment : Il n'est pas gentilhomme ; c'est un grammairien, et je suis logicien. Or,

(MM₂) p. 273

On nous tient quatre ou cinq ans à apprendre des mots et à les assembler en phrases ; autant encore à apprendre à en composer un discours de longue haleine, en quatre à cinq parties ; et cinq autres au moins, pour arriver à savoir les combiner d'une façon concise et plus ou moins subtile ; laissons cela à ceux qui en font métier.

Me rendant un jour à Orléans, je trouvai, dans la plaine en deça de Clery, deux professeurs de collège qui allaient à Bordeaux et marchaient à environ cinquante pas l'un de l'autre ; plus en arrière, j'apercevais une troupe, et en tête, un personnage qui était feu M. Le comte de la Rochefoucault. Un de mes gens s'enquit auprès du premier de ces professeurs, quel était le gentilhomme qui venait après lui. Celui-ci, qui n'avait pas vu le groupe qui le suivait, pensant que je voulais parler de son compagnon, nous fit cette plaisante réponse : «Ce n'est

(SM) p. 232

Obrigam-nos durante quatro ou cinco anos a aprender palavras e a juntá-las em frases, e outros tantos a compor um longo discurso em quatro ou cinco partes; e mais cinco pelo menos a aprender a misturá-las e a combiná-las de maneira rápida e mais ou menos sutil. Deixe-se isso a quem o faz por profissão.

Indo um dia a Orleães encontrei na planície, aquém de Clery, dois professores de colégio que se dirigiam a Bordéus e marchavam a cerca de cinquenta passos um do outro. Pouco atrás deles percebi uma comitiva, à frente da qual ia o falecido Conde de La Rochefoucauld. Um de meus criados indagou do primeiro professor quem era o fidalgo que vinha atrás. O professor, que não vira a comitiva e pensava aludissem a seu companheiro, deu-nos esta resposta divertida: “Não é um fidalgo, é um gramático; quanto a mim, sou um

nous qui cerchons icy, au rebours, de former non un grammairien ou logicien, mais un gentil'homme, laissons les abuser de leur loisir : nous avons affaire ailleurs. Mais que nostre disciple soit bien pourveu de choses, les parolles ne suivront que trop : il les trainera, si elles ne veulent suivre. J'en oy qui s'excusent de ne se pouvoir exprimer, et font contenance d'avoir la teste pleine de plusieurs belles choses, mais, à faute d'eloquence, ne les pouvoir mettre en evidence : c'est une baye. Scavez vous, à mon advis, que c'est que cela ? Ce sont des ombrages qui leur viennent de quelques conceptions informes, qu'ils ne peuvent desmeller et esclarir au dedans, ny par consequant produire au dehors : ils ne s'entendent pas encore eux memes. Et voyez les un peu begayer sur le point de l'enfanter, vous jugez que leur travail n'est point à l'acouchement mais à la conception, et qu'ils ne font que lecher cette matiere imparfaicte.

pas un gentilhomme, c'est un grammairien ; quant à moi, je suis logicien.» Nous qui, au contraire, ne nous proposons ici de former ni un grammairien ni un logicien, mais un gentilhomme, laissons l'un et l'autre jouir pleinement de leurs loisirs ; nous avons affaire ailleurs. Que notre disciple soit bien pourvu de connaissances, les paroles ne suivront que trop ; si elles ne veulent pas suivre, il les traînera. J'en entends qui s'excusent de ne pouvoir exprimer les belles choses qu'ils prétendent avoir en tête et regrettent que leur peu d'éloquence les empêche de les mettre à jour ; c'est se moquer. Savez-vous ce qu'il en est à mon avis ? Ils entrevoient quelques vagues conceptions qui n'ont pas pris corps, qu'ils n'arrivent pas à démêler, dont ils n'ont pas une idée nette et que, par suite, ils sont bien embarrassés d'exprimer, étant hors d'état de se comprendre eux-mêmes ; voyez-les bégayant avec peine, pour arriver à accoucher ; vous jugez vite que, malgré leurs efforts, l'enfantement ne se produit pas ; tout au plus en sont-ils encore à la conception et ne font que lécher cet embryon encore informe.

logicista.” Nós que não queremos formar nem um gramático, nem um logicista, deixemo-lo a seus lazes; temos o que fazer alhures. Se nosso jovem estiver bem provido de conhecimentos reais, não lhe faltarão palavras; e virão por mal se não quiserem vir por bem. Há quem se desculpe por não poder exprimir as coisas belas que pretende ter na cabeça e lastime sua falta de eloquência para as revelar: é mistificação. Quereis saber o que isso significa, a meu ver? É que entrevê algumas vagas concepções que não tomaram corpo, que não pode destrinçar, e esclarecer, e por conseguinte expressar. Não se; compreende a si próprio. Contemplai-o a gaguejar, incapaz de parir, vereis logo que sua dificuldade não está no parto mas na concepção, e anda ainda a lamber um embrião.

Falando dos *pedantes*, Montaigne se ataca à loquacidade e uso abusivo da eloquência e sua qualidade de enganar usada com frequência pelos magistrados que conhece bem. Todo trecho desenvolve a ironia.

- (41) (MM₁) J'en oy qui s'excusent de ne se pouvoir exprimer, et font contenance d'avoir la teste pleine de plusieurs belles choses, **mais, à faute d'**eloquence, ne les pouvoir mettre en evidence : **c'est une baye**.

A dúvida em (41) é criada quando usa *à faute de*: não fica claro se é por culpa da eloquência ou por sua ausência. O leitor deve usar seus recursos para solucionar o impasse. Notamos que poderia ter terminado com uma exclamação. Mesmo assim, a melodia indica um sentimento.

Em (42) a dúvida é eliminada. De fato, Michaud escolhe pela *pouca eloquência* ao invés de seu excesso. Não acusa os mestres de enganarem, mas simplesmente de não falar seriamente. Note-se, em todas as traduções, a mudança da pontuação.

- (42) J'en entends qui s'excusent de ne pouvoir exprimer les belles choses qu'ils prétendent avoir en tête **et regrettent** que leur **peu d'éloquence** les empêche de les mettre à jour ; **c'est se moquer**.

As traduções para o português brasileiro (43) e (44) resolvem a dúvida: existe falta de eloquência, lastimada ou não. Além disso, retiram a possível ironia quando assumem, ambas, a *mistificação* para traduzir *baye*, tornando o discurso mais 'apropriado'. Vejamos:

- (43) (SM) Há quem se desculpe por não poder exprimir as coisas belas que pretende ter na cabeça e **lastime** sua **falta de** eloquência para as revelar: **é mistificação**.
- (44) (RCA) [...] Ouço pessoas que se desculpam por não conseguirem expressar-se, e dão a impressão de que têm a cabeça cheia de muitas coisas belas, **mas que, por falta de** eloquência, não as conseguem divulgar: **isso é mistificação**. (p. 252)

A opção de Toledo Malta (45) segue as outras traduções, mas opta no final por *escapula* para traduzir *baye*, devolvendo o sentido de subterfúgio, ardil.

- (45) (TM) [...] Ouço de uns que se desculpam de não poder exprimir-se, e fazem semblante de ter a cabeça cheia de várias bonitas coisas, **mas, à minguia de** eloquência, de não as poderem por em evidência. **Isso é uma escapula**. (p. 115)

5.2.4. Da amizade

Este capítulo se encontra como já dissemos, fisicamente, no meio do livro. Dedicado ao grande amigo La Boétie, faz parte do pensamento de Montaigne sobre a amizade, vista como um bem. O amigo é tido como útil na medida em que ajuda o

homem a atingir a virtude. Mais ainda, ter um amigo, acompanhá-lo, cultivar sua amizade é parte da ação racional. O amigo é considerado um outro EU. Montaigne retoma aqui uma concepção filosófica de amizade. De fato, segundo Aristóteles, a amizade é mais ampla que o amor, que é condicionado e limitado pelo prazer da beleza. Não é possível confundir a amizade com o amor, mais valorizado pela cristandade que a amizade dos antigos.

No fim desse capítulo, Montaigne escreve sobre a impossibilidade de inserir, o que era sua pretensão inicial, o *Discours de la Servitude volontaire ou Contr'un* que seu amigo escrevera e que é citado no início do capítulo. O abandono do que seria o “coração” físico de seu livro teve razões políticas. Fragmentos do *Contr'un* foram inseridos em 1574 em um panfleto protestante intitulado *Le Réveille-matin des Français*.

A metáfora pictural, frequentemente usada por Montaigne – como se o texto voltasse sobre si mesmo e fizesse referência à sua própria memória textual: um comentário incessante sobre próprio texto que se constrói –, está presente no início deste capítulo. De fato, o texto se inicia pela contrução da imagem na qual o grotesco e os corpos monstruosos, feitos de pedaços pegos aqui e ali, sem ordem, sem sequência, sem proporção, formam a figura, paradoxalmente ocupam um lugar importante. A imagem faz uma analogia com seu livro e termina por outra imagem extraordinária: “mulher com cauda de peixe”.

(MM₁) p. 183

Considérant la conduite de la besongne d'un peintre que j'ay, il m'a pris envie de l'ensuivre. Il choisit le plus bel endroit et milieu de chaque paroy, pour y loger un tableau élaboré de toute sa suffisance ; et, le vuide tout au tour, il le remplit de crotesques, qui sont peintures fantasques, n'ayant grace

(MM₂) p.

Contemplant le travail d'un peintre que j'employais chez moi, il me prit envie de regarder comment il procédait. Il fit d'abord choix du plus bel endroit, au centre de chaque paroi de mur, pour y peindre un sujet avec toute l'habileté dont il était capable ; puis il remplit les vides d'alentour d'arabesques, peintures

(SM) p. 243

Contemplando o trabalho de um pintor que tinha em casa, tive vontade de ver como procedia. Escolheu primeiro o melhor lugar no centro de cada parede para pintar um tema com toda a habilidade de que era capaz. Em seguida preencheu os vazios em volta com arabescos, pinturas fantasistas que só agradam

qu'en la variété et étrangeté. Que sont-ce icy aussi, à la vérité, que crotèques et corps monstrueux, rappez de divers membres, sans certaine figure, n'ayants ordre, suite ny proportion que fortuite ?

Desinit in piscem mulier formosa superne.

Je vay bien jusques à ce second point avec mon peintre, mais je demeure court en l'autre et meilleure partie : car ma suffisance ne va pas si avant que d'oser entreprendre un tableau riche, poly et formé selon l'art. Je me suis avisé d'en emprunter un d'Estienne de la Boétie, qui honorera tout le reste de cette besongne. C'est un discours auquel il donna nom La Servitude Volontaire ; mais ceux qui l'ont ignoré, l'ont bien proprement depuis rebaptisé Le Contre Un.

toutes fantaisistes qui ne plaisent que par leur variété et leur singularité. Il en est de même ici : mon livre ne se compose que de sujets bizarres, en dehors de ce qu'on voit d'ordinaire, formés de morceaux rapportés, sans caractère défini, sans ordre, sans suite, ne s'adaptant que par hasard les uns aux autres : «C'est le corps d'une belle femme, avec une queue de poisson (Horace)» Sur le second point, j'ai donc fait comme mon peintre ; mais sur l'autre partie du travail, la meilleure, je demeure court ; mon talent ne peut me permettre d'oser entreprendre un tableau riche, élégant, confectionné dans toutes les règles de l'art ; c'est pourquoi je me suis avisé d'en emprunter un d'Etienne de La Boétie, qui fera à mon ouvrage plus d'honneur que tout le reste. — C'est un discours «qu'il a nommé a La Servitude volontaire », mais que d'autres, qui ignoraient ce titre, ont depuis, avec juste raison, baptisé à nouveau : «Le Contre un».

pela variedade e originalidade. O mesmo ocorre neste livro, composto unicamente de assuntos, estranhos, fora do que se vê comumente, formado de pedaços juntados sem caráter definido, sem ordem, sem lógica e que só se adaptam por acaso uns aos outros: “o corpo de uma bela mulher com uma cauda de peixe”¹. Quanto ao segundo ponto fiz, pois, como o pintor, mas em relação à outra parte do trabalho, a. melhor, hesito. Meu talento não vai tão longe, e não ousa empreender uma obra rica, polida e constituída em obediência às regras da arte. Eis por que me veio à ideia tomar de empréstimo a Etienne de La Boétie algo que honrará, em suma, o restante. É um ensaio a que deu o título de “Servidão voluntária”, mas que outros, ignorando-o, batizaram mais tarde, e com razão, “Gontra um”.

A presença da questão retórica não exige a participação do leitor, ao contrário, a resposta é fornecida imediatamente pela a citação de Horácio: uma bela mulher com rabo de peixe, que subordina o pensamento.

- (46) (MM₁) Il choisit le plus bel endroit et milieu de chaque paroy, pour y loger un tableau élaboré de toute sa suffisance ; et, le vuide tout au tour, il le remplit de crotèques, **qui sont peintures fantasques, n'ayant grace qu'en la variété et étrangeté**. Que sont-ce icy aussi, à la vérité, que crotèques et corps monstrueux, rappez de divers membres, sans certaine figure, n'ayants ordre, suite ny proportion que fortuite ?

Desinit in piscem mulier formosa superne.

Notamos que em (47) são acrescentados comentários que explicam o texto. O impacto da questão retórica desaparece, a melodia da frase muda. Michaud escolhe marcar a citação com os dois-pontos ao invés da questão retórica.

- (47) (MM₂) Il fit d'abord choix du plus bel endroit, au centre de chaque paroi de mur, pour y peindre un sujet avec toute l'habileté dont il était capable ; puis il remplit les vides d'alentour d'arabesques, **peintures toutes fantaisistes qui ne plaisent que par leur variété et leur singularité**. Il en est de même ici : mon livre ne se compose que de sujets bizarres, en dehors de ce qu'on voit d'ordinaire, formés de morceaux rapportés, sans caractère défini, sans ordre, sans suite, ne s'adaptant que par hasard

les uns aux autres : «C'est le corps d'une belle femme, avec une queue de poisson (Horace)»

No trecho (48), Milliet se aproxima em todos os pontos do texto de Michaud (47), traduzindo de maneira literal, repetindo suas escolhas. As outras duas traduções se aproximam de (46) e mantêm suas características.

- (48) (SM) Escolheu primeiro o melhor lugar no centro de cada parede para pintar um tema com toda a habilidade de que era capaz. Em seguida preencheu os vazios em volta com arabescos, pinturas fantasistas que só agradam pela variedade e originalidade. O mesmo ocorre neste livro, composto unicamente de assuntos, estranhos, fora do que se vê comumente, formado de pedaços juntados sem caráter definido, sem ordem, sem lógica e que só se adaptam por acaso uns aos outros: “o corpo de uma bela mulher com uma cauda de peixe”¹.
- (49) (RCA) [...] Ele escolheu o lugar mais belo e no centro de cada parede para ali instalar um quadro elaborado com todo o seu talento; e o vazio ao redor, encheu-o de grutescos, que são pinturas fantasiosas cuja única graça está na variedade e estranheza. O que são estes também, na verdade, senão grutescos e corpos monstruosos, remendados com membros diversos, sem forma determinada, não tendo ordem, nexos nem proporção além da casualidade?
Desinit in piscem mulier formosa superne. (p. 273-274)
- (50) (TM) [...] Êle escolheu o mais belo sítio e meio de cada parede, para aí lançar um painel lavrado com toda a sua capacidade; e o vazio, à roda toda, cobriu-o de grotescos, que são pinturas fantásticas, cuja graça única está na variedade e estranheza. Que vem a ser isto, na verdade, senão também grotescos de corpos monstruosos, remendos de membros diversos, sem ordem, sequência, nem proporção, que não sejam fortuitas?
O busto, de mulher formosa; daí para baixo, um peixe. (p. 129)

Tomando, como vimos no excerto anterior, o texto de La Boétie como ‘modelo’, Montaigne discorre sobre a amizade; mais de uma vez, no entanto, tenta desculpar o amigo afirmando se tratar de obra da juventude *par maniere d'exercitation seulement, comme sujet vulgaire et tracassé en mille endroits des livres*. Montaigne toma essa precaução, pois um fragmento do texto (*Réveil matin des français*) é publicado em 1574 para apoiar a propaganda protestante, uma vez que o discurso de La Boétie reivindica a liberdade dos povos diante dos tiranos, por conseguinte, é usado para aguçar a revolta

contra o rei da França e o catolicismo; muito embora La Boétie tenha tentado evitar essa interpretação, e Montaigne também.

No trecho seguinte, as citações aparecem em grande número: diretamente, Virgílio, Terêncio, Horácio, Catulo, e indiretamente Menandro, que, ao contrário do que poderia parecer, é uma marca do sujeito que se ausenta do enunciado, e ao mesmo tempo se responsabiliza por ele. Não será questão da morte, mas da perda. No final Montaigne toma a imagem da amizade, pintada pelas citações, pela própria pessoa que é retratada: La Boétie.

O jogo do leitor consiste em decifrar as ambiguidades do interdiscurso que ao mesmo tempo reforça a veracidade, apelando para sua memória cultural, e reivindica uma certa ficção devida ao empréstimo literal.

(MM₁) p. 193-194

L'ancien Menander disoit celui-là heureux, qui avoit peu rencontrer seulement l'ombre d'un amy. Il avoit certes raison de le dire, mesmes s'il en avoit tasté. Car, à la verité, si je compare tout le reste de ma vie, quoy qu'avec la grace de Dieu je l'aye passée douce, aisée et, sauf la perte d'un tel amy, exempte d'affliction poissante, pleine de tranquillité d'esprit, ayant prins en payement mes commoditez naturelles et originelles sans en rechercher d'autres: si je la compare, dis-je, toute aux quatre années qu'il m'a esté donné de jouyr de la douce compagnie et société de ce personnage, ce n'est que fumée, ce n'est qu'une nuit obscure et ennuyeuse. Depuis le jour que je le perdy, *quem semper acerbum, Semper honoratum (sic, Dii, voluistis) habeo*, je ne fay que trainer languissant; et les plaisirs mesmes qui s'offrent à moy, au lieu de me consoler, me redoublent le regret de sa perte. Nous estions à moitié de tout; il me semble que je luy desrobe sa part, *Nec uma esse ulla me voluptate hic frui* *Decrevi, tantisper dum ille abest meus particeps*.

(MM₂) p. 317-319

Dans les temps anciens, Ménandre disoit que celui-là pouvait s'estimer heureux, auquel avoit seulement été donné de rencontrer l'ombre d'un ami; et il était dans le vrai, même s'il avait goûté ce bonheur. Si, en effet, je compare le reste de ma vie qui, grâce à Dieu, m'a été douce, facile, exempte d'afflictions trop pénibles si j'en excepte la perte de mon ami, pleine de tranquillité d'esprit, m'étant contenté des avantages que je devais à la nature et à ma naissance sans en rechercher d'autres; si je compare, dis-je, ma vie entière aux quatre années durant lesquelles il m'a été donné de jouir de la compagnie si douce de La Boétie et de sa société, elle n'est que fumée; c'est une nuit obscure et ennuyeuse. Depuis le jour où je l'ai perdu, «Jour malheureux, mais que j'honorerai toujours, puisque telle a été la volonté des dieux (Virgile)», je ne fais que me traîner languissant; les plaisirs mêmes qui s'offrent à moi, au lieu de me consoler, redoublent le regret que j'ai de sa perte, car nous étions de moitié en tout, et il semble aujourd'hui que je lui dérobé sa part: «Aussi, ai-je décidé de ne plus participer à aucun plaisir, maintenant que je n'ai plus celui avec lequel je

(SM) p. 252

Dizia Menandro que podia estimar-se feliz quem tivesse encontrado a sombra de um amigo. E tinha por certo razão de o dizer mesmo que houvesse conhecido tal felicidade. Se, com efeito, comparo o resto de minha vida, a qual graças a Deus me foi suave e fácil, isenta de aflições penosas (à exceção da perda de meu amigo), cheia de tranquilidade de espírito, tendo-me contentado com as vantagens que devo à natureza e à minha condição social sem procurar outras; se comparo minha vida inteira aos quatro anos durante os quais me foi dado gozar a companhia tão amena de La Boétie, ela não passa de fumaça. É uma noite escura e aborrecida. Desde o dia em que o perdi, “dia infeliz, mas que honrarei sempre, porquanto tal foi a vontade dos Deuses,”¹² não faço senão me arrastar melancolicamente. Os próprios prazeres que se me oferecem, em vez de me consolar ampliam a tristeza que sinto da perda, pois éramos de metade em tudo e parece, hoje, que lhe sonego a sua parte: “assim decidi não mais participar de nenhum praver, agora que já não tenho aquele com quem tudo dividia”¹³. Já me acostumara tão bem a ser sempre dois que me

J'étois desjà si fait et accoutumé à estre deuxiesme par tout, qu'il me semble n'estre plus qu'à demy.

[B] *Illam meae si partem animae tulit*

Maturior vis, quid moror altera,

Nec charus aequè, nec superstes

Integer ? Ille dies utramque

Duxit ruinam.

[A] Il n'est action ou imagination où je ne le trouve à dire, comme si eut-il bien faict à moy. Car, de mesme qu'il me surpassoit d'une distance infinie en toute autre suffisance et vertu, aussi faisoit-il au devoir de l'amitié.

Quis desiderio sit pudor aut modus

Tam chari capitis?

O misero frater adempte mihi!

Omnia tecum uma perierunt gaudia nostra,

Quae tuus in vita dulcis alebat amor.

Tu mea, tu moriens fregisti

commoda, frater

Tecum uma tota est nostra sepulta anima,

Cujus ego interitu tota de mente fugavi

Haec studia atque omnes delicias animi.

Alloquar? Audiero nunquam tua verba loquentem?

Nunquam ego te, vita frater amabilior,

Aspiciam posthac ? At certè semper amabo.

Mais oyons un peu parler ce garçon de seize ans.

partageais tout (Térence).» J'étais déjà si fait, si accoutumé à nous trouver deux partout, qu'il me semble n'être plus qu'à demi : «Puisqu'une mort prématurée m'a ravi cette meilleure partie de mon âme, qu'ai-je à faire de l'autre ? Un même jour a causé noire perte commune (Horace).» Je ne fais rien, je n'ai pas une seule pensée, que je ne trouve qu'il m'y fait défaut, comme certainement il eût, en pareil cas, trouvé lui-même que je lui eusse manqué ; car, s'il me surpassait à l'infini en mérites de tous genres et en vertu, il me distançait de même, quand il était question des devoirs de l'amitié : «Pourquoi avoir honte ? Pourquoi cesser de pleurer une tête si chère (Horace) ? — «mon frère, que je suis malheureux de t'avoir perdu ! Avec toi, ont péri d'un coup toutes nos joies et ce charme que ta douce amitié répandait sur ma vie. En mourant, frère, tu as brisé tout mon bonheur ; mon âme est descendue au tombeau avec la tienne. Depuis que tu n'es plus, j'ai dit adieu à l'étude et à toutes les choses de l'intelligence (Catulle)» — «Ne pourrai-je donc plus ni te parler, ni t'entendre ? Jamais je ne te verrai donc plus, ô frère, qui m'étais plus cher que la vie ! Ah ! Du moins je t'aimerai toujours (Catulle) !»

Mais écoutons parler ce garçon de seize ans .

parece não ser mais senão meio: “como uma, morte prematura roubou-me a melhor parte de minha alma, que fazer com a outra? Um só e mesmo dia causou a perda de ambos”¹⁴. Nada fazia, nem um só pensamento tinha que não lhe percebesse a ausência, como certamente, em caso semelhante, eu lhe faltaria. Por que se me ultrapassava em méritos de toda espécie e em virtude, também me sobreexcedia nos deveres da amizade: “Por que se envengonhar? Por que deixar de chorar tão, Porque chorar tão querida alma? ¹⁵”. “Ó irmão, como sou infeliz por te haver perdido! Contigo perecem em um só golpe todas as nossas alegrias e esse encanto que tua suave amizade deitava em minha vida. Ao morrer, irmão, despedaçaste toda a minha felicidade; minha alma desceu ao túmulo com a tua. Desde que não és mais, disse adeus ao estudo e a todas as coisas da inteligência¹⁶.” “Não poderei mais falar-te ou ouvir-te? Nunca mais te verei, então, ó irmão mais caro do que a vida! Ah, ao menos amar-te-ei sempre ¹⁷.”

O que importa aqui (51) é a oposição, marcada por *si*, entre os anos compartilhados com o amigo e *tout le reste de ma vie* (passado e futuro), mas para chegar a essa conclusão, Montaigne constroi o contexto que permite uma comparação ao enumerar todas as coisas boas de sua vida, o que aumenta o valor da oposição.

- (51) (MM₁) [...] à la verité, **si** je compare tout le reste de ma vie, quoy qu'avec la grace de Dieu je l'aye passée douce, aisée et, sauf la perte d'un tel amy, exempte d'affliction poissante, pleine de tranquillité d'esprit, ayant prins en payement mes commoditez naturelles et originelles sans en rechercher d'autres : **si** je la compare, **dis-je**, toute aux quatre années qu'il m'a esté donné de jouyr de la douce compagnie et société de ce personnage, **ce n'est que** fumée, ce n'est qu'une nuit obscure et ennuyeuse. Depuis le jour que je le perdy,
quem semper acerbum,
Semper honoratum (sic, Dii, voluistis) habeb,
 je ne fay que trainer languissant ;

Na tradução (52), Michaud mantém a mesma estrutura de (51) e se afasta pouco do léxico.

- (52) (MM₂) **Si**, en effet, je compare le reste de ma vie qui, grâce à Dieu, m'a été douce, facile, exempte d'afflictions trop pénibles si j'en excepte la perte de mon ami, pleine de tranquillité d'esprit, m'étant contenté des avantages que je devais à la nature et à ma naissance sans en rechercher d'autres ; **si** je compare, **dis-je**, ma vie entière aux quatre années durant lesquelles il m'a été donné de jouir de la compagnie si douce de La Boétie et de sa société, **elle n'est que** fumée ; c'est une nuit obscure et ennuyeuse. Depuis le jour où je l'ai perdu «Jour malheureux, mais que j'honorerai toujours, puisque telle a été la volonté des dieux (Virgile)», je ne fais que me traîner languissant ;

Milliet (53), embora permaneça como Michaud bem próximo do texto de origem, muda a pontuação, como a introdução do parêntesis, além disso, elimina a última frase do trecho. Note-se que Toledo Malta (55) também coloca o parêntesis e retira o verso citado de Virgílio. (54) coloca o mesmo trecho entre traços.

- (53) (SM) Se, com efeito, comparo o resto de minha vida, a qual graças a Deus me foi suave e fácil, isenta de aflições penosas (à exceção da perda de meu amigo), cheia de tranquilidade de espírito, tendo-me contentado com as vantagens que devo à natureza e à minha condição social sem procurar outras; se comparo minha vida inteira aos quatro anos durante os quais me foi dado gozar a companhia tão amena de La Boétie, ela não passa de fumaça. É uma noite escura e aborrecida. Desde o dia em que o perdi, “dia infeliz, mas que honrarei sempre, porquanto tal foi a vontade dos Deuses,”¹², não faço senão me arrastar melancolicamente.
- (54) (RCA) [...] se eu comparar todo o restante de minha vida, embora com a graça de Deus a tenha passado agradavelmente, confortavelmente – exceto pela perda de um tal amigo – isenta de aflição grave, plena de tranquilidade de espírito, contentando-me com minhas vantagens naturais e originais, sem procurar outras; se comparo toda ela, afirmo, com os quatro anos em que me foi dado desfrutar da doce companhia e convivência desse indivíduo, ela é apenas fumaça, é apenas uma noite escura e tediosa. Desde o dia em que o perdi
quem semper acerbum,
Semper honoratum (sic, Dii, voluistis) habebo,
 Não faço mais que me arrastar languescendo; [...] (p. 287)
- (55) (TM) [...] se comparo todo o resto de minha vida, embora, com a graça de Deus, a tenha passado suave, fácil, e (salvo a perda de um tal amigo) isenta de grave aflição, cheia de tranquilidade de espírito, recebendo em paga as minhas comodidades naturais e originais, sem procurar outras; se comparo, repito, inteira, aos quatro anos que me foi dado gozar da doce companhia e sociedade desse personagem, não é mais que fumo, não é mais que uma noite obscura e aborrecida. Desde o dia que o perdi, não faço mais que arrastar-me com moleza; [...] (p. 140, 141)

5.2.5. Dos canibais

Desde o prólogo, Montaigne faz alusão ao homem do novo mundo. O mundo ‘novo’, que acaba de ser descoberto, é associado a uma infância do homem (homens que acabaram de sair das mãos dos Deuses), que algumas vezes se confunde com a credulidade infantil e a ausência de razão. Essa comparação é comum em toda a literatura que encara essa novidade que é o homem americano e o incompreensível mundo em que vive cercado por criaturas monstruosas e, por vezes, ele mesmo é ‘monstruoso’.

Se Montaigne teve realmente contato com os “canibais”, não se sabe com certeza, mas traz o discurso desse outro, deixa que fale e, ao mesmo tempo fala dele. A argumentação é feita aqui sob a autoridade do testemunho dos próprios canibais, ‘pintados’ pelo autor, sem recuo temporal. Essa maneira de dizer termina o capítulo surpreendentemente. Pode-se verificar que Montaigne se ataca imediatamente ao problema moral do que é *barbare et sauvage*, menos do ponto de vista de uma prescrição que de uma descrição.

(MM₁) p. 206

C'est une nation, diroy je à Platon, en laquelle il n'y a aucune espece de traficque; nulle cognoissance de lettres; nulle science de nombres; nul nom de magistrat, ny de superiorité politique; nul usage de service, de richesse ou de pauvreté; nuls contrats; nules successions; nuls partages; nules occupations qu'oysives; nul respect de parenté que commun; nuls vestemens; nulle agriculture; nul metal; nul usage de vin ou de bled. Les paroles mesmes qui signifient le mensonge, la trahison, la dissimulation, l'avarice, l'envie, la detraction, le pardon, inouies. Combien trouveroit il la republique qu'il a imaginée, esloignée de cette perfection: [C] *virii a diis recentes*.

[B] *Hos natura modos primum dedit.*

(MM₂) p. 361-363

C'est une nation, dirais-je à Platon, où il n'y a ni commerce de quelque nature que ce soit, ni littérature, ni sciences mathématiques; où le magistrat n'est pas même connu de nom; où il n'existe ni hiérarchie politique, ni domesticité, ni riches, ni pauvres; les contrats, les successions, les partages y sont inconnus; en fait de travail, on ne connaît que l'oisiveté; le respect qu'on porte aux parents est celui qu'on a pour tout le monde; les vêtements, l'agriculture, la mise en oeuvre des métaux y sont inconnus; il n'y est fait usage ni de vin, ni de blé; les mots mêmes qui expriment le mensonge, la trahison, la dissimulation, l'avarice, l'envie, la médisance, le pardon, ne s'y font qu'exceptionnellement entendre. Combien sa République, telle qu'il la concevait, lui paraîtrait éloignée

(SM) p. 262

É um país, diria eu a Platão, onde não há comércio de qualquer natureza, nem literatura, nem matemáticas: onde não se conhece sequer de nome um magistrado; onde não existe hierarquia política, nem domesticidade, nem ricos e pobres. Contratos, sucessão, partilhas aí são desconhecidos; em matéria de trabalho só sabem da ociosidade; o respeito aos parentes é o mesmo que dedicam a todos; o vestuário, a agricultura, o trabalho dos metais aí se ignoram; não usam vinho nem trigo; as próprias palavras que exprimem a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a calúnia, o perdão só excepcionalmente se ouvem. Quanto a República que imaginava lhe pareceria longe de tamanha perfeição! “São homens que saem das mãos dos deuses⁶”. “Como

d'une telle perfection ! « Voilà des hommes qui sortent de la main des dieux (Sénèque). » « Telles furent les premières lois de la nature (Virgile) ! »
 essas, foram as primeiras leis da natureza⁷.”

Montaigne discute o canibal diretamente com Platão e a República (sua referência interdiscursiva); define sua cultura pela refutação da referência, daí o uso repetido de *nul*, ou seja, estabelece um distanciamento em relação à referência e induz a polêmica mantida pela repetição. A própria existência desse “ser estranho” estabelece a possibilidade de outro espaço de representação que desconsidera o ideal da sociedade racional de Platão e estabelece como modelo a sociedade *de la nature* dos seres que acabaram de sair das mãos dos deuses.

- (56) (MM₁) C'est une nation, diroy je à Platon, en laquelle il n'y a aucune espece de trafique ; **nulle** cognoissance de lettres ; **nulle** science de nombres ; **nul** nom de magistrat, ny de superiorité politique ; **nul** usage de service, de richesse ou de pauvreté ; **nuls** contrats ; **nulles** successions ; **nuls** partages ; **nulles** occupations qu'oysives ; **nul** respect de parenté que commun ; **nuls** vestemens ; **nulle** agriculture ; **nul** metal ; **nul** usage de vin ou de bled. Les paroles mesmes qui signifient le mensonge, la trahison, la dissimulation, l'avarice, l'envie, la detraction, le pardon, inouies. Combien trouveroit il la republique qu'il a imaginée, esloignée de cette perfection :[C] *virī a diīs recentēs*.
 [B] *Hos natura modos primum dedit*.

Em (57), notamos imediatamente a perda da qualidade sonora do texto. Há mudança de paradigma com *en fait de travail, on ne connaît que l'oisiveté*, diferente de *nulles occupations qu'oysives*. Por outro lado, *inouies* é interpretado por *ne s'y font qu'exceptionnellement entendre*.

- (57) (MM₂) C'est une nation, dirais-je à Platon, où il n'y a ni commerce de quelque nature que ce soit, ni littérature, ni sciences mathématiques ; où le magistrat n'est pas même connu de nom ; où il n'existe ni hiérarchie politique, ni domesticité, ni riches, ni pauvres ; les contrats, les successions, les partages y sont inconnus ; en fait de travail, on ne connaît que l'oisiveté ; le respect qu'on porte aux parents est celui qu'on a pour tout le monde ; les vêtements, l'agriculture, la mise en oeuvre des métaux y sont inconnus ; il n'y est fait usage ni de vin, ni de blé ; les mots mêmes qui expriment le mensonge, la trahison, la dissimulation, l'avarice, l'envie, la médisance, le pardon, ne s'y font qu'exceptionnellement entendre. Combien sa République, telle qu'il la concevait, lui paraîtrait éloignée d'une telle perfection ! « Voilà des hommes qui sortent de la main des dieux (Sénèque). » « Telles furent les premières lois de la nature (Virgile). »

Milliet (58) transporta para sua tradução as escolhas de Michaud (57). Note-se a mudança em (59): para “*nul nom de magistrat, ny de superiorité politique*” traduzido por “*nenhum título de magistrado nem de autoridade política*” que dá uma interpretação atrelada à palavra “*título*”; “*nul service*” por “*nenhum uso de servidão*” que parece traduzir o conhecimento compartilhado da não escravidão indígena no Brasil.

- (58) (SM) É um país, diria eu a Platão, onde não há comércio de qualquer natureza, nem literatura, nem matemáticas: onde não se conhece sequer de nome um magistrado; onde não existe hierarquia política, nem domesticidade, nem ricos e pobres. Contratos, sucessão, partilhas aí são desconhecidos; em matéria de trabalho só sabem da ociosidade; o respeito aos parentes é o mesmo que dedicam a todos; o vestuário, a agricultura, o trabalho dos metais aí se ignoram; não usam vinho nem trigo; as próprias palavras que exprimem a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a calúnia, o perdão só excepcionalmente se ouvem. Quanto a República que imaginava lhe pareceria longe de tamanha perfeição! “São homens que saem das mãos dos deuses⁶”. “Como essas, foram as primeiras leis da natureza⁷.”
- (59) (RCA) [...] É um povo, diria eu a Platão, no qual não há a menor espécie de comércio; nenhum conhecimento das letras; nenhuma ciência dos números; nenhum título de magistrado nem de autoridade política; nenhum uso de servidão, de riqueza ou de pobreza; nem contratos; nem sucessões; nem partilhas; nem ocupações, exceto as ociosas; nem consideração de parentesco exceto o comum; nem vestimentas; nem agricultura; nem metal; nem uso de vinho ou de trigo. Mesmo as palavras que designam a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a maledicência, o perdão são inauditas. A república que ele imaginou, como a consideraria distante dessa perfeição: C] *virí a diis recentes*.
[B] *Hos natura modos primum dedit* [...] (p. 309)
- (60) (TM) [...] Eis uma nação, diria eu a Platão, na qual não existe nenhuma espécie de tráfico, nenhum conhecimento de letras, nenhuma ciência de números, nenhum nome de magistrado nem de superioridade política, nenhum uso de serviço, de riqueza ou de pobreza, nenhuns contratos, nenhuma sucessões nem partilhas, nenhuma ocupações senão ociosas, nenhum respeito de parentesco senão comum, nenhuma roupas, nenhuma agricultura, nenhum metal, nenhum uso de vinho ou de trigo; nem mesmo as palavras que significam mentira, traição, dissimulação, avareza, inveja, detração, perdão, são jamais ouvidas. Quão distante de tamanha perfeição acharia ele a república, que imaginou! *Viria diis recentes*. “Tais foram as primeiras leis da natureza” [...] (p. 150)

Vejamos o fim dos canibais. Na parte final do capítulo, Montaigne faz alusão ao debate público, um diálogo diante de outras pessoas, obviamente com a participação do leitor. Faz alusão também ao discurso de La Boétie sobre a servidão voluntária desta vez vindo dos próprios canibais.

O final do capítulo, temos um fechamento com o conceito (*conchetto*) que, como uma figura que compara duas coisas de início diferentes entre si, provoca a surpresa e traduz a audácia do pensamento: *Tout cela ne va pas trop mal, mais quoy, ils ne portent point de haut de chausses!* Paradoxo que traduz o pensamento aceito na Europa e na Igreja da época sobre a nudez, e cujo tom na escritura parece mais uma *moquerie* de Montaigne. Mais uma interferência do interdiscurso. Uma bravata, ou então uma alusão ao “o hábito não faz o monge” ou como quer a sabedoria popular, “l’habit complète le moine” que dá o sentido do “o hábito é o homem” (habito aqui no sentido de *habitus* como maneira de ser, maneira de se portar).

(MM₁) p. 213-214

Trois d’entre eux, ignorans combien coutera un jour à leur repos et à leur bon heur la connoissance des corruptions de deçà⁸, et que de ce commerce naistra leur ruyne, comme je presuppose qu’elle soit desjà avancée, bien miserables de s’estre laissez piper⁹ au desir de la nouvelleté, et avoir quitté la douceur de leur ciel pour venir voir le nostre, furent à Rouan, du temps que le feu Roy Charles neufiesme y estoit. Le Roy parla à eux long temps ; on leur fit voir nostre façon¹⁰, nostre pompe, la forme d’une belle ville. Apres cela quelqu’un en demanda leur advis, et voulut sçavoir d’eux ce qu’ils y avoient trouvé de plus admirable : ils respondirent trois choses, d’où j’ay perdu la troisieme, et en suis bien marry ; mais j’en ay encore deux en memoire. Ils dirent qu’ils trouvoient en premier lieu fort estrange que tant de grands hommes, portans barbe, forts et armez, qui estoient autour du Roy (il est vray-semblable que ils parloient des Suisses de sa garde), se

(MM₂) p. 375-377

Trois d’entre eux (que je les plains, les malheureux, de s’estre laissé duper par l’attrait de la nouveauté et d’avoir, pour le nôtre, quitté leur climat si doux), ignorants de ce qu’il en coûtera un jour à leur repos et à leur bonheur d’avoir fait connoissance avec nos moeurs corrompues, dont la pratique amènera leur ruine que je suppose déjà bien avancée, sont venus à Rouen, alors que feu le roi Charles IX s’y trouvait. Le roi s’entretint longtemps avec eux ; on leur montra notre vie courante, de belles fêtes, ce que c’est qu’une belle ville. Quelqu’un leur ayant demandé par la suite ce qu’ils en pensaient et ce qu’ils avaient le plus admiré, ils citèrent trois choses. J’ai oublié la troisième et je le regrette bien, mais je me souviens des deux autres. Ils dirent, en premier lieu, qu’il leur paraissait bien étrange qu’un aussi grand nombre d’hommes de haute stature ayant barbe au menton, robustes et armés, qui se trouvaient

(SM) p. 268-269

Três dentre eles (e como lastimo que se tenham deixado tentar pela novidade e trocado seu clima suave pelo nosso!), ignorando quanto lhes custará de tranquilidade e felicidade o conhecimento de nossos costumes corrompidos, e quão rápida será a sua perda, que suponho já iniciada, estiveram em Ruão quando ali se encontrava Carlos IX. Entreteve-se o rei com eles, longamente; mostraram-lhes como vivíamos no cotidiano; ofereceram-lhes grandes festas; ensinaram-lhes como era uma cidade grande. Alguém lhes havendo perguntado mais tarde o que pensavam da cidade e o que ela lhes tinha revelado, citaram três coisas. Esqueci a terceira, e o lamento, mas lembro-me das duas outras. Disseram antes de tudo que lhes parecia estranho tão grande número de homens de alta estatura e barba na cara, robustos e armados e que se achavam junto do rei (provavelmente se referiam aos suíços da guarda) se sujeitassem em

soubsmissent à obeyr à un enfant, et qu'on ne choissoit plus tost quelqu'un d'entr'eux pour commander ; secondement (ils ont une façon de leur langage telle, qu'ils nomment les hommes moitié les uns des autres) qu'ils avoyent aperçu qu'il y avoit parmy nous des hommes pleins et gorgez de toutes sortes de commoditez, et que leurs moitez estoient mendians à leurs portes, décharnez de faim¹ et de pauvreté ; et trouvoient estrange comme ces moitez icy necessiteuses pouvoient souffrir une telle injustice, qu'ils² ne prissent les autres à la gorge, ou missent le feu à leurs maisons.

Je parlay à l'un d'eux fort long temps ; mais j'avois un truchement qui me suyvoit si mal, et qui estoit si empesché à recevoir mes imaginations par sa bestise, que je n'en peus tirer guiere de plaisir. Sur ce que je luy demanday quel fruit il recevoit de la superiorité qu'il avoit parmy les siens (car c'estoit un Capitaine, et nos matelots le nommoient Roy), il me dict que c'estoit marcher le premier à la guerre ; de combien d'hommes il estoit suyvy, il me montra une espace de lieu, pour signifier que c'estoit autant qu'il en pourroit³ en une telle espace, ce pouvoit estre quatre ou cinq mille hommes ; si, hors la guerre, toute son autorité estoit expirée, il dict qu'il luy en restoit cela que, quand il visitoit les villages qui dépendoient de luy, on luy dressoit des sentiers au travers des hayes de leurs bois, par où il peut passer bien à l'aise. Tout cela ne va pas trop mal : mais quoy, ils ne portent point de haut de chausses.

auprès du roi (il est probable qu'ils voulaient parler des Suisses de sa garde), se soumissent à obéir à un enfant et qu'il serait plus naturel qu'on fit choix de l'un d'eux pour commander. Secondement, qu'ils avaient remarqué qu'il y a chez nous des gens bien nourris, gorgés de toutes les commodités de la vie, en même temps que des moitiés d'hommes décharnés, souffrant de la faim et de la misère, mendiant à la porte des premiers (dans leur langage imagé, ils qualifient ces malheureux de moitié des autres) ; et qu'ils trouvaient bien extraordinaire que ces moitiés d'hommes si nécessaires puissent supporter une telle injustice, ne prennent pas les autres à la gorge et ne mettent pas le feu à leurs maisons.

Privilèges que confère chez eux la suprématie. — Je me suis entretenu fort longtemps avec l'un d'eux ; mais j'avais un interprète qui comprenait si mal et était si embarrassé pour faire les questions que j'imaginai de leur poser que, par sa bêtise, je ne pus obtenir rien de sérieux de mon interlocuteur. Lui ayant demandé ce que lui valait la supériorité qu'il avait parmi les siens (c'était un chef et nos matelots le disaient roi), il me répondit «qu'il avait le privilège de marcher en tête, quand on allait en guerre». A ma question : « De combien d'hommes il était suivi ? » il me montra un terrain, voulant dire qu'il y en avait autant qu'en pouvait contenir l'espace qu'il m'indiquait, ce qui pouvait représenter quatre à cinq mille hommes. Je lui demandai encore si, en dehors du temps de guerre, il conservait quelque autorité : « Quand je visite les villages qui dépendent de moi, me dit-il, on m'ouvre des sentiers à travers les taillis des bois, pour me permettre de passer à l'aise. » Tout cela n'est pas mal en vérité ; mais au fond, qu'est-ce que cela vaut ? Ces gens ne portent même pas de culotte !

obedecer a uma criança e que fora mais natural se escolhessem um deles para o comando. Em segundo lugar observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua linguagem metafórica a tais infelizes chamam “metades”); e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais.

Conversei longamente com um deles, mas meu intérprete compreendia tão mal e se mostrava tão embaraçado com as perguntas que, graças à sua estupidez, não pude obter algo mais sério de meu interlocutor. Tendo-lhe perguntado de onde provinha sua ascendência sobre os seus (era um chefe e nossos marinheiros o tratavam como rei), respondeu-me que tinha o privilégio de marchar à frente dos outros quando iam para a guerra. A minha pergunta: quantos homens o acompanhavam? Mostrou um terreno como para dizer: o que cabia naquele espaço, cerca de cinco mil homens. Indaguei ainda se nas épocas de paz ele conservava alguma autoridade, e disse-me: “Quando visito as aldeias que dependem de mim, abrem-me caminhos na capoeira para que eu possa passar sem incômodo.” Tudo isso é, em verdade interessante, mas, que diabo, essa gente não usa calças!

Neste trecho, Montaigne faz uma alusão ao texto de La Boétie sobre a servidão voluntária e é o canibal quem diz suas palavras. A contraposição surge não só no léxico,

como do fato de tanta sabedoria estar sendo proferido por homens que mostram sua nudez. Além de citar o discurso do outro, usa o tom irônico:

- (61) (MM₁) Ils dirent qu'ils trouvoient en premier lieu fort estrange que tant de grands hommes, portans barbe, forts et armez, qui estoient autour du Roy (il est vray-semblable que ils parloient des Suisses de sa garde), se soubmissent à obeyr à un enfant, et qu'on ne choissoit plus tost quelqu'un d'entr'eux pour commander ; secondement (**ils ont une façon de leur langage telle, qu'ils nomment les hommes moitié les uns des autres**) qu'ils avoyent aperçeu qu'il y avoit **parmy nous** des hommes pleins et gorgez de toutes sortes de commoditez, et que leurs moitez estoient mendians à leurs portes, décharnez de faim¹ et de pauvreté ; et trouvoient estrange comme **ces moitez icy** necessiteuses pouvoient souffrir une telle injustice, qu'ils² ne prissent les autres à la gorge, ou missent le feu à leurs maisons.

Note-se que o texto (62) se mantém muito próximo de (61). Talvez porque essa visão quase mítica do “bom selvagem” fosse aceita pelos europeus na época em que Michaud escreve. Mesmo assim algum comentário é acrescentado quando explica *moities* e quando reformula *parmy nous* por *chez nous*. Quanto a *langage imagé* e *ces malheureux* contém uma avaliação depreciativa que não aparece em Montaigne.

- (62) (MM₂) Ils dirent, en premier lieu, qu'il leur paraissait bien étrange qu'un aussi grand nombre d'hommes de haute stature ayant barbe au menton, robustes et armés, qui se trouvaient auprès du roi (il est probable qu'ils voulaient parler des Suisses de sa garde), se soumissent à obéir à un enfant et qu'il serait plus naturel qu'on fit choix de l'un d'eux pour commander. Secondement, qu'ils avaient remarqué qu'il y a **chez nous** des gens bien nourris, gorgés de toutes les commodités de la vie, en même temps que des moitiés d'hommes décharnés, souffrant de la faim et de la misère, mendiant à la porte des premiers (dans leur **langage imagé**, ils qualifient **ces malheureux** de moitié des autres) ; et qu'ils trouvaient bien extraordinaire que **ces moitiés d'hommes** si nécessaires puissent supporter une telle injustice, ne prennent pas les autres à la gorge et ne mettent pas le feu à leurs maisons.

As traduções mantêm-se próximas dos textos de origem. No caso, Milliet (63), mantém as mesmas escolhas de Michaud (62).

- (63) (SM) Disseram antes de tudo que lhes parecia estranho tão grande número de homens de alta estatura e barba na cara, robustos e armados e que se achavam junto do rei (provavelmente se referiam aos suíços da guarda) se sujeitassem em obedecer a uma criança e que fora mais natural se escolhessem um deles para o comando. Em segundo lugar observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua **linguagem metafórica a tais**

infelizes chamam “metades”); e acham extraordinário que **essas metades de homens** suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais.

- (64) (RCA) [...] Disseram que em primeiro lugar achavam muito estranho que tantos homens adultos, portando barba, fortes e armados, que estavam ao redor do rei (é provável que estissem falando dos suíços de sua guarda), se sujeitassem a obedecer uma criança, e que ao invés não se escolhesse algum deles para comandar; em segundo lugar (eles têm um tal jeito de linguagem que chamam os homens de “**metade**” uns dos outros) que haviam percebido que existiam entre nós homens repletos e empanturrados de toda espécie de regalias, e que suas metades estavam mendigando-lhes nas portas, descarnados de fome e pobreza; e achavam estranho como essas metades aqui necessitadas podiam suportar tal injustiça sem agarrar os outros pelo pescoço ou atear fogo em suas casas. (p. 319, 320)
- (65) (TM) [...] Disseram que achavam, em primeiro lugar, muito estranho que tantos homens grandes e barbados, fortes e armados, que estavam à roda do rei (é de crer que falavam dos suíços da guarda real) se sujeitassem a obedecer a um menino e não escolhessem, antes, um qualquer dentre eles para comandar. Em segundo (porque têm um modo de linguagem tal, que chamam aos homens de *metades*, uns dos outros), que tinham notado entre nós homens empanturrados de toda a sorte de comodidades, enquanto suas próprias “metades” mendigavam às portas, macilentos de fome e de pobreza; e achavam estranho esses tais “metades” necessitados pudessem sofrer tamanha injustiça, e que não agarrassem os outros pela goela nem lhes botassem fogo nas casas. (p. 157)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trinta e nove anos separam as duas traduções dos *Essais de Michel de Montaigne* para o português brasileiro. A contemporaneidade dos temas tratados justifica sem dúvida as releituras do texto montaigneano e, por isso mesmo, novas propostas de tradução. No caso que nos ocupou, percebemos que as reformulações ocorrem em vários planos, desde o objeto livro até o texto passando pelos discursos que veicula. São visíveis nas margens anotadas das primeiras edições dos *Essais de Michel de Montaigne*, no paratexto que acompanha cada uma das edições francesas, e também das brasileiras, e finalmente, no próprio texto.

A escritura de Montaigne é imbricada, densa e profunda, uma *embrouillure* que o próprio Montaigne reivindica para a matéria de seu livro; confunde, exige do leitor a atenção vigilante, exige que seja atento e generoso: um *suffisant lecteur*. O tradutor certamente se aproxima desse ideal por suas qualidades e competências linguísticas e intelectuais; sua escritura reivindica uma autoria.

Entendida como fundamental do ponto de vista da comunicação a tradução pode ser entendida como continuidade da obra. Essa tese não é nova nos estudos sobre a tradução. Junto com ela, vem a necessidade de “atualização” da obra para sua própria conservação. Nesse processo, que é múltiplo, entra em jogo o trabalho de outros profissionais envolvidos na produção do objeto livro.

A maneira como a tradução é produzida exige, assim, mais que o conhecimento linguístico embora, como qualquer fato de ciências humanas, a língua seja preeminente. De fato, como diz a epígrafe colocada no início deste trabalho, a língua comanda, tem o poder de produzir a existência, assim como a reflexão sobre ela. A existência da

tradução passa pela língua, mas também, como vimos, pelos sujeitos e pelas interrelações, pelas representações, enfim, pelo mundo vivido. Uma tradução é uma entre várias reformulações possíveis dependentes, em última instância, das diferentes interpretações do texto de origem e da maneira como os diferentes enunciadores o reformulam. À medida que as reformulações se estabelecem, um equilíbrio instável é criado: ora devolvem a palavra, ora a significação. Desta forma, as reformulações podem assumir características “glosadas” que tendem a explicar o texto para facilitar ou conduzir a leitura, além disso, elas sempre contêm um aspecto “ideológico” que mostra ou enfatiza determinado ponto de vista.

As traduções mostram – no jogo de ambivalências entre as palavras – que os tradutores encontram soluções que consistem em recorrer a outras ambivalências ou em eliminá-las. Nesse vaivém constante entre a leitura/interpretação/escritura, o tradutor frequentemente recorre a adaptações e a literalidades. O discurso traduzido é sustentado pelo interdiscurso que frequentemente se mostra no texto por meio de diferentes reformulações: os comentários, as citações, as alusões, as incongruências, os *ajouts*, as supressões, a ironia, etc., são que heterogeneidades mostradas, marcadas ou não, no texto que se constrói.

Ao abordarmos os *Essais de Michel de Montaigne*, percebemos que a análise de suas traduções exige, como de fato exigiu, a leitura atenta não só delas próprias, mas também do texto de origem, ou melhor, dos textos de origem. A procura deles, que ocupou boa parte de nosso trabalho de pesquisa, nos levou a perceber a grande diversidade de paratextos que lhes são associados e as possibilidades abertas para estudos posteriores sobre as reformulações.

Tomar uma posição crítica valorativa em relação às traduções não nos ajudaria na análise, assim assumimos uma posição mais cautelosa. Ao analisar a tradução de

Milliet notamos que usa, sem preferência aparente, dois textos em francês (Thibaudet e Michaud), permanecendo bastante literal a ambos, nos capítulos analisados. Por outro lado, não se pode afirmar que Milliet tenha optado, nos dois textos utilizados, por trechos mais ‘fáceis’ do ponto de vista da significação. O que Milliet deixa claro, e provavelmente é verdade, é que suas escolhas visavam a facilidade de compreensão do texto montaigneano pelo leitor brasileiro da segunda metade do século XX. A tradução de Toledo Malta merece uma discussão a parte, uma vez que o tradutor retira, além de capítulos inteiros, partes importantes do texto. A tradução de Costhek Abílio desvia-se pouco do texto de origem permanecendo literal. Essas últimas não deveriam ser comparadas ao texto de Milliet, pois não partem dos mesmos textos de origem.

Entendemos, finalmente, que o discurso se insere no mundo dentro de culturas, historicamente definidas, nas quais é produzido, e em outras culturas, da mesma forma historicamente definidas, que o recebem traduzido. Consideramos que as trocas linguageiras entre diferentes línguas promovem o fluxo de informações que parece não se esgotar pela existência de fronteiras políticas ou culturais. Nessas trocas, a tradução tem um papel fundamental.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª Edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- AGNOLIN, A. “razão tênue” de Montaigne. In: MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**. Livro I. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XXI-XXXIII.
- AMAURY DUVAL, Notice sur les principales éditions des essais, et particulièrement cette nouvelle édition. In: MONTAIGNE, M. **Essais de Montaigne**. Paris : Rappily, 1827, p. XXI-XXXVIII. Disponível em:< <http://www.archive.org/details/essaisdemontaig02>>. Acesso em: 15 Out 2009.
- AUTHIER, J. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. In : **Langue Française**, nº 53, 1982, p. 34-47.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Ce mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire**. Paris: Larousse, 1995.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). In : **Langages**, nº 73, 1984, p.98-111.
- AUTHIER-REVUZ, J. L'énonciateur glosateur de ses mots : explicitation et interprétation. In : **Langue Française**, nº 103, 1994, p. 91-102.
- BARTHES, R. **Le degré zéro de l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 1953,1972.
- BEACCO, J.-C. MOIRAND, S. Autour des discours de transmission de connaissances. In: **Langages**, nº 117, 1995, p. 32-53.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**, I. Paris : Éditions Gallimard, 1974.
- BERMAN, A. De la translation à la traduction. **TTR**, v.1, nº 1, 1988, p. 23-40. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/037002ar>>. Acesso em: 14 Abr 2008.
- BERMAN, A. Et al. **Les tours de Babel, essais sur la traduction**. Mauvezin : Trans-Europ-Repress, 1985.
- BERMAN, A. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.
- BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- BRISSET, A. L'identité culturelle de la traduction. In: BENINSON, P. (org.) Traduire la culture. **Palimpsestes**, nº 11, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1998, p 31-52.
- BUCHON, J.-A.-C. **Oeuvres de Michel de Montaigne**. Avec notice biographique par J.-A.-C. Buchon (et une notice bibliographique par le Dr J. -F. Payen). Paris, A.Desrez, 1837. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/>>. Acesso em : 23 Mar 2010.
- BURKE, P. **Montaigne**. Tradução Jaimir Conte. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- CAMPOS, R. S. **Ceticismo e responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio**

- Milliet.** São Paulo: Annablume, 1996.
- CHARAUDEAU, P. Corpus de textes, textes en corpus. In: **Corpus**, n°8, 2009, p. 37-66.
- CHARAUDEAU, P. MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu (org.). São Paulo: Contexto, 2008.
- CHUQUET, H. PAILLARD, M. **Approche linguistique des problèmes de traduction anglais-français**. Gap/Paris : Ophrys, 1987.
- COLLINSON, P. **A Reforma**. Tradução de S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- COMPAGNON, A. **La seconde main**. Paris : Éditions du Seuil, 1979.
- COMPAGNON, A. **Qu'est-ce qu'un auteur ?** Cours d'Antoine Compagnon. Disponível em : <<http://www.fabula.org/compagnon/auteur.php>>. Acesso em: 19 Set 2009.
- DELSALLE, P. **Les documents historiques**. Gap/Paris : Ophrys, 2000.
- DESAN, P. **Dieu à notre commerce et société : Montaigne et la théologie**. Genève : Librairie Droz, 2008a.
- DESAN, P. DOTOLI, G. (dir.) **D'un siècle à l'autre : littérature et société de 1590 à 1610**. Paris : Schena Ed./Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2001.
- DESAN, P. Editer et publier les Essais au XVIIe siècle. In : **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, 1999, n°51, p. 205-223. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1999_num_51_1_1350. Acesso em: 10 Ago 2008.
- DESAN, P. **Montaigne : Les formes du monde et de l'esprit**. Paris : Presses Paris-Sorbonne, 2008b.
- DOTOLI, G. **La voix de Montaigne**. Paris : Éditions Lanore, 2007.
- DREANO Chanoine. Montaigne dans les bibliothèques privées en France au XVIIIe siècle. In : **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, 1962, p. 255-262.
- DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- DUCROT O. ; ANSCOMBRE J.-C. Interrogation et argumentation. In : **Langue française**. N°52, 1981, p. 5-22.
- DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris : Éditions de Minuit, 1984.
- DUCROT, O.; SHAEFFER, J-M. **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris : Éditions du Seuil, 1972, 1995
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação, as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2005.
- FUCHS, C. **La paraphrase**. Gap/Paris : Ophrys, 1982.
- FUCHS, C. LE GOFFIC, P. **Les linguistiques contemporaines : repères théoriques**. Paris : Hachette, 1992.
- FUCHS, C. **Paraphrase et énonciation**. Gap/Paris : Ophrys, 1994

- GENETTE, G. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil. 1982.
- GIDE, A. Préface. In : MONTAIGNE, M. **Essais**, livre premier. Paris : Gallimard, 1973, p. 7-27.
- GOURNAY, M. Préface sur Les Essais de Michel seigneur de Montaigne, par sa fille d'Alliance. In : MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Livre premier. Paris :Librairie Générale Française, 2002, p. 33-78.
- GRÜN, A. **La vie publique de Michel Montaigne. Étude biographique**. Paris : librairie d'Amyot, 1855. Disponível em :<<http://www.archive.org/>>. Acesso em : 23 Jun. 2010.
- GUILLEMIN-FLESCHER, J. Théoriser la traduction. In : **Revue française de Linguistique Appliquée**, 2003/2, v. 8, p. 7-18.
- HOFFMANN, G. Les 'Ajouts' et le système des privilèges. In : BLUM, C.; TOURNON, A. (org.) **Étudier les Essais de Montaigne**. Paris : Champion, 1995, p. 99-132.
- HUBERT, R. **Histoire de la pédagogie**. Paris : PUF, 1949.
- JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2005.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'ambiguïté en langue et en discours. In : Bogaards, P. Et al. **Quitte ou double sens**. Amsterdam/N.Y. : Ed. Rodopi B.V., 2001, p. 135-165.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation, de la subjectivité dans le langage**. Paris : Armand Colin, 1980.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'ironie comme trope, **Poétique**, 41, 1980, p. 108-128.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La connotación**. Buenos Aires : Libreria Hachette, 1983.
- KLANIZAY, T. KUSHNER, E. STEGMAN A. CHAVY, P. **L'époque de la Renaissance, Crises et essors nouveaux (1560-1610)**, v.4. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing Company, 2000.
- LE PERSON, X. Rentrer en grâce : la lettre de justification au XVI^e et XVII^e siècles. In : SERVET, P. SERVET-PRAT, M.-H. : Parole de l'autre et genres littéraires au XVI^e et XVII^e siècles : Illustrations, interactions, subversions, **Cahiers du Gadges**, n^o 5, 2007, p. 113-139.
- LEGROS, A. **Essais I, 56, "Des prières"**. Genève : Librairie Droz, 2003.
- MAINGUENEAU, D. **Aborder la linguistique**. Paris : Éditions du Seuil, 1996a.
- MAINGUENEAU, D. **L'énonciation en linguistique française**. Paris : Hachette, 1991.
- MAINGUENEAU, D. **Les termes clés de l'analyse du discours**. Paris : Éditions du Seuil, 1996b.
- MATHET, M.-T. Les marques formelles des *Essais* : de l'essai ?. In :GLAUDES, P. (org) **L'essai : métamorphoses d'un genre**. Toulouse : Presses universitaire du Mirail, 2004, p. 107-119.
- MATHIEU-CASTELLANI, G. **Montaigne ou la vérité du mensonge**. Genève : Droz, 2001.

- MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**, III. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MONTAIGNE STUDIES. In: <http://humanities.uchicago.edu/orgs/montaigne/>
- MONTAIGNE, M. **Ensaio**. Livro I. Tradução, prefácio e notas linguísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1961.
- MONTAIGNE, M. **Essais de Michel de Montaigne**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Bruges : Éditions de la Nouvelle Revue Française, Bibliothèque de la Pléiade, 1937.
- MONTAIGNE, M. **Essais de Montaigne**. Texte original accompagné de la traduction en langue de nos jours par le Général Michaud. V1. Paris : Librairie Firmin-Didot, 1907. Disponível em : <<http://www.archive.org/stream/essaisdemontaign01mont#page/>>. Acesso em: 17 Nov 2009.
- MONTAIGNE, M. **Essais**. Livre 1 (prefácio de Marie de Gournay). Paris : Le Livre de Poche, 2002.
- MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Édition Villey-Saulnier. Paris: PUF (Quadrige), 2004.
- MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Paris : Arléa, 2002.
- MONTAIGNE, M. **Os Ensaio**. Livro I. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MONTAIGNE, M. **Seleção dos Ensaio de Montaigne**. Tradução de José Maria de Toledo Malta. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1961.
- MOTA, C. G. Apresentação. In: CAMPOS, R. S. **Ceticismo e responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet**. São Paulo: Annablume, 1996.
- MOTHEAU, H. Notice sur Montaigne. In : **Les Essais de Montaigne**. Paris : Librairie des Bibliophiles, 1886, p. VII-CIV.
- MOUNIN, G. **Dictionnaire de la linguistique**. Paris : PUF, 2004.
- MOUNIN, G. **Les problèmes théoriques de la traduction**. Paris : Gallimard, 1963.
- OUSTINOFF, M. **La traduction**. Paris : PUF, 2007.
- PASCAL, B. **De l'autorité en matière de philosophie; Entretien avec M. de Saci**. Paris, Hachette, 1878.
- PEDROSA, C. S.V. **Ensaio**, E-Dicionário de Termos Literários, CEIA C. (coord.). Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/ensaio.htm>>. Acesso em: 29 Abr 2008.
- PEYTRARD, J. MOIRAND, S. **Discours et enseignement du français**. Paris : Hachette, 1992.
- RAT, M. Introduction. In: MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Paris : Librairie Garnier Frères, 1948.
- RIEGEL, M. PELLAT, J-C. RIOUL, R. **Grammaire méthodique du français**. Paris : PUF (Quadrige), 2004.

- ROGER-VASSELIN, B. **Montaigne et l'art de sourire à la renaissance**. Saint-Genouph : 2003.
- SAULNIER, V.L. Montaigne et Villey de nouveau. In : MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Paris : PUF, 2004, p. XVII-XX.
- SERBAT, G. TAILLARDAT, J. LAZARD, G. E. Benveniste aujourd'hui, **Actes du Colloque International du C.N.R.S**, Université François Rabelais, Tours, 28-30 septembre, T.1, 1983. Peeters Publishers, 1984.
- STROWSKI, F. Préface. In: MONTAIGNE, M. **Les Essais de Montaigne**, v.1. Bordeaux : Imprimerie Nouvelle F. Pech & Cie, 1909.
- STROWSKI, F. **Montaigne**. Paris : Alcan, 1931.
- THIBAUDET, A. Avertissement. In: MONTAIGNE, M. **Essais**. Paris: Gallimard (Bibliothèque La Pléiade, n. 14), 1937, p. 7-10.
- TOURNON, A. Les prosopopées ironiques dans les Essais. In : LESTRINGANT, F. (org.) Rhétorique de Montaigne. **Actes du Colloque de la société des Amis de Montaigne**. Champion, 1985.
- VASCONCELLOS, C. À guisa de introdução. In: MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**. Livro I. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XI-XIX.
- VAZ, L. Prefácio. In: MONTAIGNE, M. **Seleção dos Ensaios de Montaigne**. Tradução de J.M. de Toledo Malta. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961, p. VIII-XIV.
- VILLEY, P. **Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne**, v.1 e v. 2. Paris : Hachette, 1933.
- VILLEY, P. NORTON, G. Lexique de la langue des Essais et index des noms propres. In : MONTAIGNE, M. **Les Essais de Montaigne**, tomo 5. Bordeaux : Imprimerie Nouvelle F. Pech, 1933.
- VILLEY, P. Note de l'éditeur [1930]. In: MONTAIGNE, M. **Les Essais**. Paris : PUF, 2004, p. XXI-XXVI.